

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Alane Luma Santana Siqueira

**A CONCORDÂNCIA DE GÊNERO EM CONSTRUÇÕES PREDICATIVAS
ADJETIVAS COM O VERBO *SER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Recife
2017

ALANE LUMA SANTANA SIQUEIRA

**A CONCORDÂNCIA DE GÊNERO EM CONSTRUÇÕES PREDICATIVAS
ADJETIVAIS COM O VERBO *SER* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo

Recife
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

- S618c Siqueira, Alane Luma Santana
 A concordância de gênero em construções predicativas adjetivais com o verbo ser no português brasileiro / Alane Luma Santana Siqueira. – Recife, 2017.
 184 f.: il., fig.
- Orientador: Marcelo Amorim Sibaldo.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2017.
- Inclui referências e apêndice.
1. Concordância de gênero. 2. Construções predicativas. 3. Teoria gerativa. I. Sibaldo, Marcelo Amorim (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017-270)

ALANE LUMA SANTANA SIQUEIRA

**A CONCORDÂNCIA DE GÊNERO EM CONSTRUÇÕES
PREDICATIVAS ADJETIVAIIS COM O VERBO SER NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA em 31/8/2017.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo
Orientador – LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Claudia Roberta Tavares Silva
LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins
UAST - UFRPE

Recife
2017

Aos meus pais, Luciene e Adelmo, e aos
meus irmãos, Luan e Adna.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luciene e Adelmo, e aos meus irmãos, Luan e Adna, por serem minha base (e isso já diz tudo).

Às minhas tias, Lucinha e Lucivânia, pelo apoio antes e durante a minha caminhada acadêmica.

A Valéria, Katharina, Alessandro, Robério, Tarciana e Mayhara, por terem cuidado da minha saúde nessa fase turbulenta do mestrado.

À UFRPE/UAST, por ter sido minha primeira “casa acadêmica”. Em especial, agradeço ao corpo docente dessa instituição – além de vários outros estudiosos da área de Letras –, por terem contribuído para que eu acreditasse nesse curso (que é incrível, mas ainda desvalorizado socialmente) e por terem contribuído para que eu tivesse uma boa formação.

Ao Prof. Adeilson Sedrins, por ter sido meu primeiro grande exemplo daquilo que quero me tornar um dia enquanto profissional e por ter me acompanhado desde o primeiro ano em que iniciei minha vida acadêmica. Ter chegado até aqui é, em grande parte, graças a ele.

Ao Prof. Marcelo Sibaldo, pela orientação, pela disponibilidade e por todo o apoio durante o mestrado. Agradeço também por ter contribuído para que eu tivesse a oportunidade de ingressar na Iniciação Científica durante a graduação e, ainda, por ter me acompanhado desde o início da minha vida acadêmica até aqui.

À Profa. Dorothy Brito, pela leitura do projeto de mestrado e pelo apoio durante a graduação.

Ao Prof. Emanuel Cordeiro, por sempre ter demonstrado acreditar em meu potencial, o que contribuiu para que eu prosseguisse na área.

Ao Prof. Cleber Ataíde, pelos conselhos acadêmicos e não acadêmicos.

À Profa. Renata Livia, que chegou depois, mas, além do apoio, me trouxe um pouco de leveza nesse ambiente acadêmico que (muitas vezes) é tão “frio”.

À Profa. Cláudia Roberta, pelo exemplo de profissionalismo e pela disponibilidade de sempre.

À Profa. Andrea Knöpfle, por ter feito parte da banca de qualificação, o que contribuiu com a versão final desta dissertação.

Ao Prof. Alberto Poza, pelas aulas provocadoras.

A João Paulo Araújo e a Gabriela Medeiros, pela disponibilidade e paciência de responderem às minhas dúvidas sobre a seleção do mestrado.

A Marcela Monteiro, por ter me indicado Gabriela.

Aos colegas da graduação e da pós-graduação da UFPE que participaram dos testes de aceitabilidade apresentados neste texto.

Aos funcionários da UFPE, principalmente aos do PPGL, Adriel, Diva, Jozaías e estagiários, pelo suporte durante o mestrado.

À turma 2015.2 do GETEGRA/UFPE, pelas horas agradáveis de discussão.

À Profa. Maria José Foltran, por ter enviado o seu texto de 2013 – em parceria com a Profa. Patrícia Rodrigues –, ainda a ser publicado (quando eu estava na graduação), e que contribuiu com o meu interesse no fenômeno aqui investigado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro, que contribuiu com a conclusão de mais uma etapa no meu percurso acadêmico.

Aos amigos e aos colegas que estiveram comigo durante esse mestrado, especialmente:

A Déreck, por ter sido um grande parceiro (irmão) durante todo o mestrado. Não tenho como resumir aqui toda minha gratidão por esse reencontro.

A Thiago França, pelo grande encontro. Agradeço muito por ter tido a oportunidade de conhecer alguém tão especial, um exemplo de pessoa e profissional, me ensinando tanto, mesmo quando não tinha intenção. Sou grata também pela paciência, pelas conversas profundas e, claro, pelo “cartilhe” e tantos outros momentos como esse (além dos biscoitinhos deliciosos).

A María Carla, por ter me ouvido sempre com respeito, me dando bons conselhos, me apoiando e me incentivando. Agradeço pela amizade que me trouxe leveza em dias turbulentos e por ser uma acadêmica exemplar, tornando-se uma inspiração para mim.

A Ivanilson, que chegou depois, mas fez com que eu me sentisse “em casa”. Agradeço por todo o suporte dado e pelos momentos compartilhados (incluindo os jantares, sucos e sobremesas também).

A Gésica, pela boa convivência, compartilhando e vivenciando tantas experiências novas.

A André, por ter sido o primeiro a fazer com que eu me sentisse “em casa” na UFPE. Agradeço também pelos encontros do CLG, pelas conversas do Fuá (juntamente com Déreck e “Francinaldo”) e por sempre ter estado por perto.

A Edite, pelos encontros acadêmicos e não acadêmicos, e por ter sido tão prestativa em tantos momentos.

A Iane, pelo apoio e por ter compartilhado comigo as aflições desse período, contribuindo para que eu não me sentisse tão só.

A Gilson, Victor (Chiba), Thamires (Bel), Renan, Marcelo Rógenes e Dâmares Carla, pelas pessoas queridas que são e por terem estado por perto durante esse período.

Aos demais amigos e colegas que conheci e convivi durante o mestrado. Em especial, a Kleandro, Flávia Ramos, Anderson Almeida, Sivaldo e Paulinha, que estiveram por perto compartilhando bons momentos.

A Tiago, pelos momentos no Brennand e fora do Brennand.

A Breno, Edrielly, Jamilys e Juliana, por terem estado mais perto nos últimos períodos do mestrado, compartilhando bons momentos.

Ao *IE Advanced*, pelas conversas descontraídas.

Por último (mas não menos importante), agradeço a uma Força Maior, por fazer com que eu veja sentido em cada passo.

Muito obrigada a todos!

“No meio do caminho tinha uma pedra [...]”.

(DRUMMOND, 2013, p. 36)

RESUMO

No Português Brasileiro (PB), apesar de haver possibilidade de concordância de gênero entre o sujeito e o adjetivo predicativo nas construções predicativas com o verbo *ser*, há sentenças com falta de concordância. Portanto, descrevemos e analisamos sentenças do tipo “panqueca é bom”, em que há uma falta de concordância de gênero entre o sujeito e o seu predicativo. Nossa metodologia consistiu em: revisão e análise da bibliografia, testes de aceitabilidade com falantes nativos do PB e análise dos dados. Analisando alguns estudos dentro da perspectiva do gerativismo, a fim de verificarmos se as propostas apontam uma explicação satisfatória para o fenômeno, percebemos que (i) há dados não contemplados pela literatura; (ii) há dados que não estão de acordo com a intuição dos nossos informantes, falantes do PB; e (iii) há certas motivações e evidências empíricas contra alguns pontos nas análises dos autores do PB e de outras línguas. Com base em Josefsson (2009, 2014) e nos resultados dos testes de aceitabilidade que aplicamos, concluímos que: (a) o PB parece apresentar dois tipos de construção com falta de concordância visível (Construção I e Construção II); (b) parece haver elementos nulos na posição do sujeito; (c) adjetivos descritivos são possíveis apenas na Construção I e avaliativos são possíveis apenas na Construção II, causando interpretações semânticas diferentes nessas construções; e (d) há influência da pragmática em algumas sentenças.

Palavras-chave: Concordância de gênero. Construções predicativas. Teoria Gerativa.

ABSTRACT

In Brazilian Portuguese (BP), although there is the possibility of gender agreement between subject and adjective predicative in the predicative constructions using the verb *ser* (to be), there are sentences with agreement mismatch. Therefore, we describe and analyze sentences such as "panqueca é bom", in which there is a gender agreement mismatch between subject and predicative. The methodology consisted of literature review and analysis, acceptability tests with native speakers of BP, and data analysis. Through the analyses of some studies within generative perspective, in order to check if the proposals point to a satisfactory explanation for this phenomenon, we realized that (i) there are data not contemplated in literature; (ii) there are data which do not agree with the intuition of our informants, BP speakers; and (iii) there are empirical motivations and evidence against some points in the analyzes of authors of BP and other languages. Based on Josefsson (2009, 2014) and on the results of the acceptability tests applied, the following conclusions were reached: (a) BP seems to present two types of constructions with agreement mismatch (Construction I and Construction II); (b) null elements appear to be in the position of the subject; (c) descriptive adjectives are possible only in Construction I and evaluative adjectives only in Construction II, causing different semantic interpretations in these constructions; and (d) influence of pragmatics was seen in some sentences.

Keywords: Gender Agreement. Predicative Constructions. Generative Theory.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Distribuição dos nomes pelas classes temáticas.....	40
QUADRO 2 – Características das construções analisadas.....	57
QUADRO 3 – Paradigma de pronomes pessoais no PB.....	70
QUADRO 4 – Diferenças entre a Construção I e a Construção II.....	111
QUADRO 5 – Construção I e Construção II no PB.....	116
QUADRO 6 – Síntese das propostas.....	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Nomes nus na posição de sujeito.....	62
Tabela 2 – Nomes com determinantes na posição de sujeito.....	67
Tabela 3 – Pronome pessoal na posição de sujeito.....	70
Tabela 4 – Nomes com quantificadores na posição de sujeito.....	72
Tabela 5 – O verbo <i>ser</i> nas construções predicativas.....	74
Tabela 6 – Adjetivo descritivo nas construções predicativas.....	78
Tabela 7 – Resultado do teste de ambiguidade.....	82
Tabela 8 – Construções anafóricas sem determinante na posição de sujeito.....	153

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACC	–	Acusativo
ACV	–	Ausência de concordância visível
A-P	–	Articulatório-Perceptual
C	–	Comum
CEP	–	Comitê de Ética em Pesquisa
C-I	–	Conceitual-Intencional
ClassP	–	<i>Classifier Phrase</i> (Sintagma Classificador)
CLF	–	Classificador
CP	–	<i>Classifier Phrase</i> (Sintagma Classificador)
CP	–	<i>Complementizer Phrase</i> (Sintagma Complementizador)
CV	–	Concordância visível
D	–	Determinante
DEF	–	Definido
DP	–	<i>Determiner Phrase</i> (Sintagma Determinante)
DS	–	<i>Deep Structure</i> (Estrutura Profunda)
Expl	–	Expletivo
F	–	Feminino
FEM	–	Feminino
FL	–	Faculdade da Linguagem
Freq.	–	Frequência
GT	–	Gramática Tradicional
HPSG	–	<i>Head Phrase Structure Grammar</i>
LE	–	Língua Externa
LF	–	<i>Logical Form</i> (Forma Lógica)
LI	–	Língua Interna
M	–	Masculino
MAS	–	Masculino
MASC	–	Masculino
N	–	Nome ou neutro
NbP	–	<i>Number Phrase</i> (Sintagma de Número)
NEG	–	Negação
NEUT	–	Neutro

NOM	–	Nominal
NP	–	<i>Nominal Phrase</i> (Sintagma Nominal)
NumP	–	<i>Number Phrase</i> (Sintagma de Número)
OD	–	Objeto Direto
P	–	Plural
PB	–	Português Brasileiro
P _c	–	Propriedade Contextual
PF	–	<i>Phonetic Form</i> (Forma Fonética)
PL	–	Plural
PM	–	Programa Minimalista
PP	–	<i>Prepositional Phrase</i> (Sintagma Preposicional)
PPGL	–	Programa de Pós-Graduação em Letras
Pres	–	Presente
PRO	–	Pronome
PronH	–	Pronomes hu/hi/hem/hen
PronZ	–	Pronomes ze/zot/ele
PRS	–	Presente
Prt	–	Particípio
REFL	–	Reflexivo
S	–	Singular (na glosa) ou Sentença (na árvore sintática)
SC	–	<i>Small Clause</i> (minioração)
SemP	–	<i>Semantic Phrase</i> (Sintagma Semântico)
SG	–	Singular
Spec	–	Especificador
SS	–	<i>Surface Structure</i> (Estrutura Superficial)
TCLE	–	Termo de Compromisso Livre e Esclarecido
UFPE	–	Universidade Federal de Pernambuco
v*P	–	<i>Little verb* Phrase</i>
V2	–	Verbo na segunda posição
VP	–	<i>Verbal Phrase</i>
V	–	Verbo
vP	–	<i>Little Verb Phrase</i> (Sintagma vezinho)
v	–	Vezinho

LISTA DE SÍMBOLOS

φ	Traço- <i>phi</i> (traço de concordância)
+	Traço interpretável
-	Traço não interpretável
β	Beta
α	Alfa
γ	Gama
Ø	Morfema zero
*	Construção agramatical/inaceitável
?	Aceitabilidade duvidosa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	22
2.1	METODOLOGIA.....	22
2.2	TEORIA GERATIVA.....	25
2.2.1	O Programa Minimalista.....	29
2.2.1.1	Traços.....	30
2.3	GÊNERO.....	34
2.4	PREDICAÇÃO E SENTENÇAS COPULARES.....	44
2.5	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	52
3	LEVANTAMENTO EMPÍRICO.....	53
3.1	SOBRE OS TESTES.....	53
3.2	RESULTADO DOS TESTES.....	60
3.2.1	O sujeito das construções predicativas adjetivais.....	61
3.2.2	O verbo <i>ser</i> nas construções predicativas adjetivais.....	74
3.2.3	O adjetivo em função prediativa.....	76
3.2.4	Ambiguidade.....	81
3.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	84
4	REVISÃO DA LITERATURA E ANÁLISE.....	86
4.1	FAARLUND (1977).....	86
4.2	ENGER (2004).....	99
4.3	JOSEFSSON (2009, 2014).....	110
4.4	DUEK (2012).....	130
4.5	DANON (2012).....	135
4.6	FOLTRAN & RODRIGUES (2013) E RODRIGUES & FOLTRAN (2014, 2015).....	140
4.7	CONTO (2016a).....	147
4.8	CARVALHO (2016).....	150
4.9	BALANÇO DAS PROPOSTAS.....	154
4.10	SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	162
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
	REFERÊNCIAS.....	166
	APÊNDICE – Testes de aceitabilidade.....	172

1 INTRODUÇÃO

No Português Brasileiro (PB), assim como em outras línguas naturais, como, por exemplo, o Sueco (2), as construções predicativas adjetivais apresentam indicação morfológica de concordância de gênero entre o sujeito e o adjetivo predicativo, como mostra o dado em (1)¹:

(1) Mulher vaidosa é complicada

(2) Hus-et är grön-t

house-def.neut.sg is green-neut.sg

A-casa-def.neut.sg é verde-neut.sg² ('A casa é verde')

(JOSEFSSON, 2009, p. 29)

A construção em (1), além de apresentar concordância de número singular entre o sujeito ('mulher vaidosa'), a cópula ('é') e o predicativo ('complicada'), apresenta concordância de gênero feminino entre o sujeito ('mulher vaidosa') e o adjetivo em função predicativa ('complicada'). Além disso, há concordância visível de gênero no interior do sintagma nominal sujeito entre o nome ('mulher') e o adjetivo atributivo ('vaidosa')³.

Apesar de o PB poder apresentar concordância entre o sujeito e o predicativo, como foi mostrado no dado em (1), nem sempre isso ocorre, como mostra (3). Essa falta de concordância visível morfológicamente, no entanto, não ocorre apenas no PB, mas em outras línguas, como, por exemplo, no Sueco, assim como mostra o dado em (4).

(3) Mulher vaidosa é complicado

¹ Nesta dissertação, sempre que estivermos utilizando dados de outros autores ou dados de introspecção, iremos explicitar. Quando isso não ocorrer, é porque estamos repetindo construções utilizadas nos testes de aceitabilidade que aplicamos (cf. apêndice).

² def: definido, neut: neutro, sg: singular.

³ No PB, o nome e o adjetivo atributivo, apesar de nem sempre concordarem em número, sempre concordam em gênero, como exemplificado em (1), mostrando que há diferença entre essa concordância, que é interna, e a concordância externa, uma vez que esta nem sempre ocorre, pelo menos, em termos visíveis. Nesse sentido, nesta dissertação, vamos considerar que todas as construções que não apresentam morfologia que indique concordância entre o sujeito e o predicativo é uma construção com falta de concordância visível.

- (4) Två älskare är omoralisk-t
 [two lovers]_{COMMON,PL} be.pres immoral-neut⁴ ('To have two lovers is immoral')
 [dois amantes]_{COMUM,PL} é.pres imoral-neut ('Ter dois amantes é imoral')
 (JOSEFSSON, 2009, p. 29)

Em (3), os elementos na posição de sujeito ('mulher' e 'vaidosa') apresentam concordância de gênero (e número) entre si, mas não há concordância morfológicamente visível entre esse sujeito ('mulher vaidosa') e o adjetivo predicativo ('complicado').

Como já mencionado, no Sueco, assim como no PB, há possibilidade de haver concordância morfológicamente visível de gênero e número entre o sujeito e o adjetivo predicativo (2), mas também há casos de falta de concordância, como mostrado em (4), em que o adjetivo predicativo ('*omoraliskt*') está na forma neutra e no singular, mesmo o sujeito ('*två älskare*') não sendo neutro e estando no plural. Devido a exemplos como esse, alguns estudiosos do fenômeno chamam essas construções de '*pancake sentences*' ('sentenças panquecas') e, por isso, em alguns momentos, iremos utilizar tal nomenclatura ao nos referirmos a esse fenômeno no PB.

Pensando nessas construções no PB, mas em uma perspectiva prescritiva, é possível verificar que a Gramática Tradicional (GT)⁵, apesar de ter como regra geral a concordância de gênero e número entre o sujeito e o adjetivo predicativo, também apresenta algumas exceções que permitem que o adjetivo apareça em sua forma masculina, mesmo tendo um nome feminino na posição de sujeito. No entanto, mesmo a GT apontando exceções, estas não contemplam todos os casos que são observados nessa língua, como será possível constatar.

Cegalla (1980, 1985) menciona que os adjetivos aparecem, às vezes, na forma masculina com as locuções: 'é bom', 'é necessário', 'é preciso' etc., mesmo o substantivo estando na forma feminina, como mostrado em (5) e (6) a seguir:

- (5) **Água** de melissa é muito **bom**

⁴ PL: plural, pres: presente, neut: neutro.

⁵ Conferir, por exemplo, Almeida (1947), Bechara (1999, 2009), Cegalla (1980, 1985, 2008), Cunha (1976, 1994), Cunha & Cintra (1985) e Pereira (1957 [1926]).

(6) É **necessário muita fé**

(CEGALLA, 1980, 1985, p. 288)

Cegalla (1980, 1985, p. 288) afirma que, nesses casos, “[...] o sujeito não vem determinado pelo artigo e a concordância se faz não com a forma gramatical da palavra, mas com o fato que se tem em mente [...]”, colocando os seguintes exemplos⁶:

(7) **Tomar hormônios às refeições** não é mau

(8) É necessário **ter muita fé**

(CEGALLA, 1980, 1985, p. 288)

O autor ainda menciona que o sujeito não vem determinado pelo artigo, indo na linha de Almeida (1947), que afirma haver casos curiosos de falta de concordância entre o sujeito e o predicativo (que ele chama de predicado), quando o sujeito, sem nenhuma determinação, é expresso em sua generalidade abstrata. Bechara (1999, p. 551) afirma que, nessas expressões, “[...] o adjetivo pode ficar invariável qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral [...]”, como mostrado a seguir:

(9) É necessário paciência

(BECHARA, 1999, p. 551)

Diferentemente dos autores citados, Almeida (1947) e Pereira (1957 [1926]) se posicionam afirmando que predicados nominais como ‘bom’, ‘necessário’, ‘proibido’, por exemplo, assumem a forma aparentemente masculina, mas, na verdade, é neutra, já que os nomes (sujeitos) a que se referem possuem um sentido vago. Pereira (1957 [1926], p. 243) complementa afirmando que “[...] [é] êste um dos vestígios interessantes do gênero neutro em Português. Logo que êsses sujeitos recebam uma determinação positiva, despojam-se do caráter *neutro*, e o predicado

⁶ Os exemplos que são colocados por ele para justificar esse “fato que se tem em mente” dão a entender que a leitura é de sujeito infinitivo, mesmo isso não ficando explícito no texto do autor.

assume a flexão genérica correspondente [...]”. Verificamos casos no PB, entretanto, em que o sujeito é bem específico, mas pode haver falta de concordância.

Suponhamos que, em um determinado teste, após todas as candidatas terem realizado suas entrevistas, Joana, que estava na banca de avaliação, pergunta aos demais avaliadores qual candidata eles prefeririam, e eles dizem que escolheriam a mais nova, o que faz com que Joana fique incomodada com a escolha, produzindo uma construção como (10), que apresenta falta de concordância mesmo com artigo definido.

(10) A adolescente é ridículo

Agora vamos supor que Fábio está precisando de uma pessoa para ajudá-lo a fazer um trabalho da faculdade e pensa na possibilidade de chamar Maria, mas seu amigo João profere uma construção como (11). (11) também não apresenta um sujeito genérico e, mesmo assim, há falta de concordância morfológicamente visível.

(11) Maria é complicado

Enger (2004, p. 6, tradução nossa) afirma que as sentenças panquecas “[...] constituem um problema clássico não apenas no Norueguês, mas em toda a gramática escandinava, e elas têm sido assunto de muitos trabalhos e análises.”⁷ No PB, até onde sabemos, poucos são os estudos com base gerativista que tentam descrever/analisar essas construções⁸. Inclusive, um dado como (10) é considerado agramatical pela literatura que encontramos.

Nesse sentido, tomando como alicerce a Teoria Gerativa, neste trabalho, descrevemos e analisamos essas sentenças panquecas no PB, mais especificamente com a cópula *ser* e com sujeitos com indicação morfológica ou lexical de gênero feminino⁹. Para isso, partimos das seguintes hipóteses:

⁷ No original: “[...] constitute a classical problem in not only Norwegian, but all Scandinavian grammar, and they have been the subject of many papers and analyses.” (ENGER, 2004, p. 6).

⁸ Os únicos trabalhos que encontramos na literatura gerativista sobre esse fenômeno no PB foram os de Duek (2012), os de Foltran & Rodrigues (2013) – e trabalhos subsequentes –, os de Conto (2016a, 2016b) e o de Carvalho (2016).

⁹ “[...] sempre que se pretenda verificar se uma estrutura linguística apresenta ou não concordância de gênero gramatical, faz-se coerente considerar as estruturas que tornam possível o controle da concordância, ou seja, estruturas que envolvam formas marcadas – logo, o núcleo do sintagma nominal precisa ser um substantivo/nome feminino.” (MEZARI, 2013, p. 60).

- (a) A literatura existente sobre o fenômeno no PB parece apresentar algumas inconsistências empíricas, quais sejam:
- (i) O sujeito das sentenças panquecas no PB apresenta restrições (DUEK, 2012; FOLTRAN; RODRIGUES, 2013; RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, 2015; CONTO, 2016a; 2016b; CARVALHO, 2016);
 - (ii) As sentenças panquecas não permitem sujeito extraposto (FOLTRAN; RODRIGUES, 2013);
 - (iii) Os adjetivos avaliativos¹⁰ são os únicos possíveis nessas sentenças (CONTO, 2016a);
 - (iv) As construções sem concordância não permitem ligação anafórica (CARVALHO, 2016).
- (b) O verbo influencia na concordância a depender do tempo e do número;
- (c) Os casos que apresentam falta de concordância com adjetivos descritivos¹¹ não permitem paráfrase com verbo no infinitivo, sujeito definido e adjetivo atributivo, indo ao encontro do que propõe Josefsson (2009) para o Sueco e outras línguas escandinavas, contribuindo para justificar a existência de dois tipos de sentenças panquecas;
- (d) As sentenças panquecas, em alguns casos, apresentam ambiguidade;
- (e) A pragmática influencia em certas construções predicativas, o que parece indicar que a sintaxe não é totalmente autônoma.

Partindo das hipóteses levantadas acima, e tendo como objetivo geral descrever e analisar as construções supracitadas (com foco nos tipos de sujeito, nas formas do verbo *ser* e nos tipos de adjetivos predicativos), temos os seguintes objetivos específicos:

- (i) Aplicar testes de aceitabilidade para confirmar se a literatura gerativista de fato apresenta inconsistências empíricas (e, por consequência, teóricas);
- (ii) Verificar se o resultado dos testes indicará influência do número e do tempo verbal;
- (iii) Confirmar, ainda através dos testes, se, no caso de haver sentenças panquecas com adjetivos descritivos, estes não permitem paráfrase com

¹⁰ Adjetivos avaliativos têm valor subjetivo.

¹¹ Adjetivos descritivos têm valor objetivo.

verbo no infinitivo, sujeito definido e adjetivo atributivo, ao contrário das sentenças com adjetivos avaliativos, o que pode indicar haver mais de um tipo de sentença panqueca;

- (iv) Verificar, por meio dos testes, se realmente há ambiguidade em algumas construções;
- (v) Evidenciar, a partir do teste 1, a influência da pragmática, mostrando que o fenômeno dialoga com vários níveis (sintático, morfológico, lexical, semântico e pragmático).

Considerando a carência de estudos como este de forma pormenorizada (inclusive, com a realização de testes de aceitabilidade – algo não realizado pela literatura que encontramos sobre as sentenças panquecas no PB), esperamos que esta dissertação possa contribuir com as pesquisas sobre o fenômeno aqui estudado e, por consequência, com uma maior compreensão acerca da sintaxe.

O restante desta dissertação está dividido da seguinte forma: na seção 2, apresentamos a metodologia e os pressupostos da pesquisa, discutindo, com mais detalhes, a Teoria tomada como suporte, o gênero e as construções copulares. Na seção 3, apresentamos mais detalhes sobre os testes e discutimos os seus resultados, apontando características das sentenças panquecas no PB de forma sistemática, uma vez que dividimos os resultados entre os tipos de sujeito, as formas do verbo *ser* e os tipos de adjetivo predicativo nessas construções. Na seção 4, apresentamos propostas da literatura gerativista para o fenômeno no PB e em outras línguas, tentando estabelecer um diálogo entre os autores e, ainda, nos posicionando diante das propostas, realizando uma análise com base nos resultados dos testes de aceitabilidade que aplicamos. Na seção 5, apresentamos nossas considerações finais. Posteriormente, expomos as referências e, depois, o apêndice com os testes de aceitabilidade.

2 QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo, começamos, em 2.1, apresentando a metodologia utilizada nesta pesquisa; em 2.2, apresentamos alguns dos pressupostos da Teoria Gerativa, apontando, em 2.2.1, certos conceitos-chave da sua versão minimalista. Nesse sentido, como a Teoria considera que o léxico, que “alimenta” o sistema computacional, é composto de traços, em 2.2.1.1, trazemos uma breve discussão desses elementos, com foco nos traços formais de concordância (mais especificamente, os traços- ϕ), apresentando também o mecanismo *Agree*. Após essa discussão, em 2.3, focamos no gênero, discutindo pontos mais gerais e apresentando algumas de suas especificidades no PB. Em 2.4, tratamos de sentenças copulares, por ser o tipo de construção analisada neste trabalho. Por fim, em 2.5, fazemos uma síntese do capítulo.

2.1 METODOLOGIA

A nossa metodologia consistiu em: (i) levantamento de trabalhos anteriores relacionados ao fenômeno no PB e em outras línguas; (ii) leitura e análise desses trabalhos; (iii) aplicação de testes de aceitabilidade linguística com falantes nativos do PB e (iv) análise dos dados.

Em relação aos trabalhos analisados que não tomam como base os dados do PB, mas de outras línguas, selecionamos os trabalhos de Faarlund (1977), Enger (2004), Josefsson (2009, 2014) e Danon (2012). Já no que diz respeito aos trabalhos que têm como base os dados do PB, encontramos apenas os trabalhos de Duek (2012), Foltran & Rodrigues (2013), Rodrigues & Foltran (2014, 2015), Conto (2016a, 2016b) e Carvalho (2016). Nesse sentido, percebemos que há escassez de trabalhos sobre a concordância de gênero nas construções predicativas do PB a partir da perspectiva teórica gerativista, o que reforça a importância deste nosso estudo.

No que diz respeito aos trabalhos que têm como base outras línguas, dos que foram selecionados, podemos resumir as suas propostas da seguinte maneira:

- Para Faarlund (1977), nas línguas escandinavas, o sujeito das sentenças panquecas é uma oração que tem um verbo apagado, por isso essas sentenças permitem paráfrase com infinitivo.
- Para Enger (2004), que também trabalha com dados das línguas escandinavas, as sentenças panquecas são resultado de concordância semântica.
- Para Josefsson (2009), que trabalha com a língua sueca, existem dois tipos de sentenças panquecas, cada uma apresentando a projeção funcional SemP, tendo como núcleo um traço neutro.
- Para Josefsson (2014), ao invés da projeção SemP, há uma projeção nomeada como ClassP.
- Para Danon (2012), por sua vez, o sujeito não apresenta traços *INDEX* necessários para a concordância externa.

Em relação aos trabalhos encontrados que têm como base os dados do PB, podemos resumir suas propostas da seguinte forma:

- Para Duek (2012), seguindo a linha de Wechsler & Zlatic (2000 apud DUEK, 2012), há dois conjuntos de traços-*phi* diferentes, um para a concordância interna, outro para a concordância externa, também apontando existir correspondência entre o tipo de gênero do nome, a presença ou não de NumP e o padrão de concordância encontrado.
- Para Foltran & Rodrigues (2013), existem dois tipos de construção predicativa sem concordância no PB, assumindo que, em um dos casos, temos uma *Small Clause* como sujeito, ocorrendo concordância neutra e, no outro caso, o sujeito é um DP defectivo que falta traços de concordância. Além disso, para elas, o predicado toma uma categoria semântica como argumento, por isso, temos leituras diferentes a depender do tipo de adjetivo (se ele seleciona indivíduo, situação ou situação e indivíduo). Na mesma seção, apresentamos também os trabalhos de Rodrigues & Foltran (2014, 2015), que focam no segundo tipo de construção apresentado trabalho anterior.

- Para Conto (2016a), focando na leitura/interpretação das construções, apenas adjetivos avaliativos são possíveis nessas sentenças sem concordância visível. A autora também defende a influência da pragmática.
- Para Conto (2016b), analisando se a proposta de Josefsson (2009) aplica-se ao PB, aponta que ela parece não poder se estender a essa língua.
- Para Carvalho (2016), com base em Preminger (2014 apud CARVALHO, 2016), o fenômeno tem a ver com relativização de traços, afirmando que, no PB, os casos que apresentam o determinante não permitem falta de concordância.

O levantamento do que estudos gerativistas têm proposto em relação ao fenômeno foi feito a fim de contextualizarmos o leitor e verificarmos se há explicações satisfatórias para o que ocorre no PB, constatando que existem algumas inconsistências e/ou lacunas, tanto nos trabalhos sobre o PB quanto nos trabalhos que têm como base outras línguas. Com as leituras realizadas, percebemos, por exemplo, que havia certas divergências entre a nossa intuição e a intuição dos autores em relação a alguns dados, o que representa um dos motivos para termos realizado testes de aceitabilidade linguística com falantes nativos do PB – algo que, inclusive, ainda não tinha sido realizado pela literatura existente –, contribuindo para nossa análise em relação a essas sentenças sem concordância visível.

Para a aplicação dos testes, tivemos que submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que é um estudo que envolve seres humanos e, conforme a Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida ao CEP para receber o parecer de recusa ou aprovação quanto à realização da pesquisa¹². Para tanto, foi necessário que fizéssemos um cadastro na Plataforma Brasil¹³ a fim de inserirmos todas as informações relacionadas à pesquisa e anexarmos os seguintes documentos: (i) Projeto de Pesquisa Detalhado; (ii) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a ser assinado pelos falantes que realizariam os testes; (iii) Carta de Anuência, com autorização do chefe do Departamento de Letras da UFPE, para coletarmos os dados de alunos de Letras, tanto da graduação quanto da pós-graduação e (iv) Folha de Rosto, gerada pela própria Plataforma, após o

¹² O CEP que analisou esta pesquisa está instanciado na UFPE.

¹³ Link para acesso à Plataforma: <<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>>.

preenchimento *online* dos dados, e que precisou ser assinada pelo coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

Levando em consideração que o CEP solicita que o pesquisador delimite os sujeitos que participarão da pesquisa, assim como a quantidade, decidimos trabalhar com trinta falantes do PB (sendo uma escolha arbitrária), cujo contato foi feito *online* (e após aprovação do CEP¹⁴), mais especificamente com quinze alunos do curso de graduação em Letras e quinze alunos da pós-graduação em Letras da UFPE.

Vale salientar que não nos interessa qual a região desses informantes, idade, gênero etc., uma vez que, por serem falantes nativos do PB, se encaixam na pesquisa, seguindo o que é defendido na Teoria Gerativa Chomskyana, a qual defende que todo falante nativo de uma língua é capaz de distinguir o que pertence do que não pertence à sua língua materna¹⁵.

2.2 TEORIA GERATIVA

A Linguística Gerativa¹⁶ teve início nos Estados Unidos a partir dos trabalhos de Noam Chomsky. Este, em 1957, publicou seu primeiro livro nessa linha, que teve como título *Syntactic Structures*. Desde então, a Teoria continua em voga, apresentando, com o passar dos anos, algumas reformulações.

No que diz respeito às questões relacionadas à linguagem, durante a primeira metade do século XX, muitos estudiosos seguiam a perspectiva behaviorista. Para este modelo, grosso modo, a linguagem é um fenômeno externo ao indivíduo, uma espécie de resposta gerada aos estímulos dados, fixados através de repetição, sendo, portanto, um comportamento condicionado pelo ambiente.

Em 1959, no entanto, Chomsky escreveu uma resenha (*A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*) do livro *Verbal Behavior*, de Skinner, criticando o modelo que, até então, era seguido por muitos estudiosos¹⁷. Depois dessa resenha, muitos deixaram de seguir essa perspectiva.

¹⁴ Nº do parecer: 2.219.554.

¹⁵ Os detalhes sobre os testes são dados na seção 3, por ser a seção que apresenta os resultados.

¹⁶ O termo 'Gerativa' refere-se ao conhecimento que gera expressões linguísticas. Além desse termo, há outros termos (Gerativismo, Gramática Gerativa etc.) para se referir a essa mesma linha teórica. Assim, por essa razão, neste trabalho, decidimos não optar por nenhuma em específico.

¹⁷ Na versão dessa resenha publicada em 1967, Chomsky esclarece que o texto não é uma crítica às especulações de Skinner de forma específica, mas às especulações behavioristas de modo geral (que, agora, ele afirma preferir chamar de 'empirista' ao invés de 'behaviorista'). Ele escolheu o

Chomsky (1959) aponta, por exemplo, o fato de o ser humano poder produzir e entender novos enunciados aos quais ele nunca tinha sido exposto. Um dos exemplos apresentados por ele é quando o adulto, por exemplo, está lendo um jornal e encontra várias construções novas, que não são semelhantes a construções que ele já tenha ouvido, mas ele reconhece como sentenças e compreende-as. Outro caso é o fato de as crianças, em algum momento, poderem produzir e entender novos enunciados sem haver necessidade de um “reforço diferencial cuidadoso” por parte dos adultos.

Se a linguagem for pensada na perspectiva behaviorista, o fato de os seres humanos apresentarem, por exemplo, ‘criatividade’, não seria algo justificável, uma vez que seria esperado que o falante “reagisse” apenas aos estímulos dados. O exemplo a seguir, retirado de Miotto, Figueiredo Silva & Lopes (2013), aborda esse aspecto da linguagem, mostrando que a criança não produz apenas aquilo a que ela tem acesso – desconsiderando, inclusive, a correção do adulto:

(1) Criança: carro **meu**. (H., 28 meses)

Adulto: SEU carro?

Criança: carro **seu**.

(MIOTTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013, p. 28)

O exemplo em (1) mostra que a criança utiliza uma construção de posse com o pronome possessivo após o nome, tornando-se uma ordem que não é comum, cujo ‘possuidor’ vem após o que é ‘possuído’. Os autores afirmam que, quando a mãe tenta corrigi-la em relação à ordem dos elementos, utilizando o possessivo anterior ao nome, a criança, ao invés de utilizar o pronome na ordem esperada, parece tentar garantir a posse segurando o carrinho e repetindo o pronome utilizado pela mãe (‘seu’), mas reiterando uma ordem que não é considerada comum. Assim, pensar que as crianças “aprendem” o que pertence a sua língua materna por meio da correção dos pais, por exemplo, não explica os casos que encontramos em que as crianças parecem estar “surdas” às correções (1).

Chomsky (1959) também afirma, por exemplo, que “[o] fato de que todas as crianças normais adquirem gramáticas essencialmente comparáveis de grande

livro desse autor, porque apresentava uma versão mais cuidadosa e completa das ideias behavioristas.

complexidade com uma rapidez notável, sugere que os seres humanos são de alguma forma especialmente projetados para fazer isso [...]” (CHOMSKY, 1959, p. 60, tradução nossa)¹⁸. As crianças estão expostas a estímulos finitos e a uma pobreza de dados. Assim, com tão pouca informação linguística e em tão pouco tempo, como elas conseguem produzir e compreender um número ilimitado de construções?

Dentro da perspectiva gerativista, é defendido que o ser humano nasce com a capacidade de adquirir língua. Para o modelo teórico adotado, todos os seres humanos possuem uma Faculdade da Linguagem (FL), isto é, um órgão biológico, que faz com que sejamos capazes de adquirir e usar uma língua – diferentemente de animais, que também estão expostos à linguagem, porém não conseguem adquiri-la, por não possuírem, geneticamente, tal órgão. Assim, apesar de eles terem sistemas de comunicação bastante peculiares, nada se compara à “sofisticação” da linguagem humana.

A Teoria, apesar de considerar que já possuímos uma espécie de “dispositivo” inato, considera que, para que ele seja “ativado”, é necessário que sejamos expostos ao *input* de uma língua, isto é, aos dados linguísticos primários de uma determinada comunidade. Assim, em fase de aquisição, se estiver exposto ao francês, vai adquirir o francês; se estiver exposto ao inglês, vai adquirir o inglês; e assim por diante.

De acordo com a Teoria Gerativa Chomskyana, quando nós, seres humanos, nascemos, a FL está no Estágio Inicial, o qual é chamado de *Universal Grammar* (‘Gramática Universal’). Com o passar do tempo, através da exposição aos dados linguísticos, essa FL vai se desenvolvendo até chegar ao Estágio Estável, que é quando a criança apresenta uma gramática bastante próxima da dos adultos.

Nesta Teoria, acredita-se que a linguagem é composta por duas partes: uma interna e uma externa. A parte interna é denominada de Língua-I (mais conhecida como ‘competência’), isto é, língua interna, individual e intensional. Essa parte é considerada como o conhecimento linguístico que faz com que o falante consiga compreender e produzir estruturas linguísticas de sua língua materna, sabendo fazer distinções entre o que é aceitável e o que não é aceitável. A parte externa é

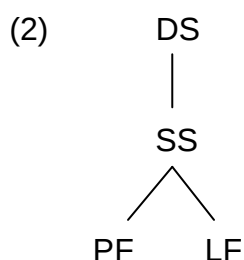
¹⁸ No original: “The fact that all normal children acquire essentially comparable grammars of great complexity with remarkable rapidity suggests that human beings are somehow specially designed to do this [...]” (CHOMSKY, 1959, p. 60).

denominada de Língua-E (mais conhecida como desempenho ou *performance*), isto é, língua externa e extensional. Esta seria a aplicação/uso da Língua-I.

Apesar de a Teoria considerar que há essas duas partes, apenas a Língua-I é seu objeto de estudo, tentando verificar, por exemplo: como o conhecimento da língua é adquirido; em que consiste tal conhecimento, entre outras questões. Os testes aplicados neste trabalho tentam verificar, portanto, o que estaria na Língua-I por meio do acesso à Língua-E.

Em 1981, Chomsky apresenta o modelo de Princípios e Parâmetros, através do livro *Lectures on Government and Binding*, contemplando o fato de as línguas apresentarem certas diferenças na superfície. Esses princípios são considerados invariáveis, não podendo ser violados, porque fazem parte de algo presente em toda a espécie humana. Já os parâmetros apresentam as diferenças encontradas nas línguas.

Dentro da Teoria Gerativa, antes do Programa Minimalista, a estrutura da FL seguia o seguinte formato:



Por meio do léxico, a primeira estrutura formada é a Estrutura Profunda (do inglês, *Deep Structure*, DP). De DS para a Estrutura Superficial (do inglês *Surface Structure*, SS), pode ocorrer, por exemplo, movimentação de constituintes. A estrutura em SS é enviada para a Forma Fonética (do inglês *Phonetic Form*, PF), que dirá como a estrutura é pronunciada, e a Forma Lógica (do inglês *Logical Form*, LF), responsável pela interpretação semântica.

Por fim, outro aspecto que iremos mencionar é o fato de a Teoria seguir a hipótese de que a mente/cérebro é modular. Cada módulo seria responsável por uma determinada função, isto é, uma determinada informação linguística. É importante frisarmos que tal hipótese não é específica do gerativismo chomskyano. As ciências cognitivas e neurociências trabalham com essa ideia, que vem sendo sustentada graças a alguns casos apresentados, como, por exemplo, casos em que

algum acidente atinge uma parte do cérebro, causando uma deficiência cognitiva específica (KENEDY, 2013).

A seguir, apresentaremos alguns dos conceitos-chave do Programa Minimalista, que é a versão da Teoria Gerativa Chomskyana mais atual.

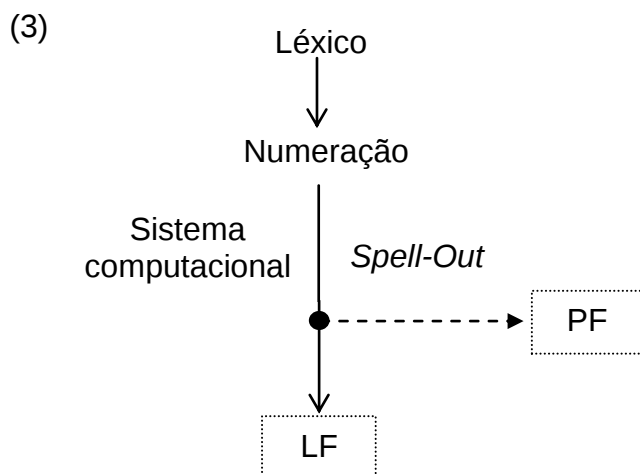
2.2.1 O Programa Minimalista

Estamos considerando que o Programa Minimalista (PM) surgiu como uma extensão do modelo de Princípios e Parâmetros, não sendo, portanto, um novo modelo, mas uma reformulação. Ele surgiu na década de 90 como uma espécie de roteiro de investigação, tentando eliminar redundâncias e encontrar motivação para as operações, dando ênfase à economia, que é considerada como algo característico da gramática.

Uma das ideias do PM é retirar tudo o que não for necessário do modelo, minimizando ao máximo, por exemplo, o número de operações. Dessa forma, nessa fase da gramática gerativa, aparece a noção de “economia” também (por exemplo, uma estrutura pode convergir, mas se ela for menos econômica do que outra, a mais econômica vai bloquear a menos econômica).

A FL terá contato com dois sistemas de *performance*: (i) os sistemas de pensamento Conceitual-Intencional (C-I) e (ii) os sistemas sensório-motores Articulatório-Perceptual (A-P). Esses sistemas são os níveis de interface, independentes da FL e possuem estrutura própria.

Na versão minimalista, em sua abordagem derivacional fraca, é proposto que a linguagem possui a seguinte arquitetura:



Na abordagem derivacional forte, por outro lado, Chomsky propõe que a derivação se dê por fase. Com isso, cada estágio da derivação acessará apenas uma parte do Arranjo Lexical (numeração¹⁹), isto é, um Subarranjo Lexical. Em cada Subarranjo Lexical (que são subconjuntos de um Arranjo), haverá um item que será o núcleo (v e C) de uma fase (vP e CP). O sistema computacional, isto é, a sintaxe propriamente dita, seleciona os itens lexicais, e *Spell-Out*, por sua vez, é responsável por enviar as representações às interfaces (PF e LF), sendo aplicado apenas no nível da fase. Nesse sentido, se houver mais de uma fase, teremos a aplicação de mais de um *Spell-Out* por estrutura linguística. A derivação, portanto, será cíclica.

Quanto às derivações que fracassam, elas vão ser eliminadas por, por exemplo, não obedecerem ao Princípio da Interpretabilidade Plena (no inglês, *Full Interpretation Principle*). Esse Princípio poderia ser resumido da seguinte forma: a interface PF possui apenas traços fonéticos, já a interface LF possui apenas traços semânticos. Assim, se informações semânticas foram enviadas à PF, por exemplo, o sistema de desempenho A-P não interpretará as representações; e o mesmo ocorre com LF, caso receba elementos fonéticos. Desse modo, se esse Princípio for quebrado, a derivação fracassa; caso contrário, converge.

2.2.1.1 Traços

A língua-I é constituída por um léxico e um sistema computacional, o primeiro “alimentando” o segundo, criando estruturas linguísticas, que, por sua vez, “alimentam” os sistemas de desempenho A-P e C-I. O léxico, apesar de ser algo particular nas diferentes línguas, possui regularidades, com seus valores apresentados de forma sistemática. Esses valores presentes no léxico são chamados de **traços** (*features*, no inglês).

Cada item possui um conjunto de traços, sendo eles semânticos, fonológicos e formais. Os primeiros estabelecem relações com o sistema C-I; os segundos estabelecem relações com o sistema A-P e os terceiros, por sua vez, “[...] orientam o sistema computacional a respeito das relações sintáticas que um dado item lexical

¹⁹ A numeração são os itens lexicais que são selecionados para compor objetos sintáticos. O sistema computacional atua sobre uma numeração envolvendo as operações *Select* (selecionar), *Merge* (concatenar), *Agree* (concordar) e *Move* (mover).

deve estabelecer com outros itens no interior da sentença em que venha a ser inserido.” (KENEDY, 2012, p. 43). Nesse caso, a depender do tipo de informação/valor do traço, as operações no sistema serão diferentes. Esses traços formais são, portanto, acessíveis ao sistema computacional.

No minimalismo, “[...] os traços são propriedades de átomos sintáticos e, portanto, são diretamente objetos da teoria [...]” (ADGER; SVENONIUS, 2009, p. 2, tradução nossa)²⁰. Portanto, são os elementos mínimos da língua, havendo algumas formas de organizá-los, sendo uma delas por meio de uma ‘geometria’, como, por exemplo, os traços de gênero, número e pessoa, que podem ser agrupados sob um único nó, constituindo, no caso, o conjunto de traços- ϕ , isto é, os traços de concordância.

Segundo Chomsky (2001), os itens lexicais, que entram na derivação, podem apresentar traços interpretáveis e/ou não interpretáveis.

A interpretabilidade dos traços é determinada no léxico, pela Gramática Universal [...], e a distinção deve ser indicada não apenas nesse estágio, mas ao longo da derivação. O princípio natural é que os traços não interpretáveis, e apenas esses, entram na derivação sem valores, e são distinguidos dos traços interpretáveis em virtude dessa propriedade. (CHOMSKY, 2001, p. 5, tradução nossa)²¹.

Apesar de a interpretabilidade já ser determinada no léxico, os itens que possuem traços não interpretáveis devem ter esses traços valorados, durante a derivação, através do mecanismo nomeado por Chomsky de *Agree*. Se isso não ocorrer, a derivação fracassa.

Agree é uma operação de concordância ativada na estrutura sintática se houver traços que precisem ser valorados antes de atingir *Spell-Out*. Se assim for, a relação se dá da seguinte forma: a sonda (no inglês, *probe*), item lexical que possui um ou mais de um traço não interpretável, irá tentar valorá-lo, em busca, na estrutura, de um alvo (no inglês, *goal*), item que possua esse traço interpretável – havendo *match* (correspondência); ao encontrá-lo, ocorre a valoração. Em uma

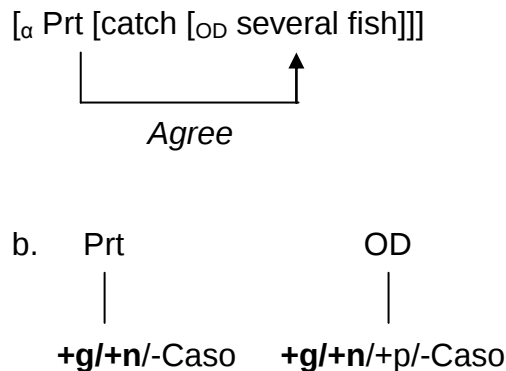
²⁰ No original: “[...] the features are properties of syntactic atoms and hence are directly objects of the theory [...]” (ADGER; SVENONIUS, 2009, p. 2).

²¹ No original: “Interpretability of features is determined in the lexicon, by Universal Grammar (UG) [...], and the distinction must be indicated not only at that stage but throughout the derivation. The natural principle is that the uninterpretable features, and only these, enter the derivation without values, and are distinguished from interpretable features by virtue of this property.” (CHOMSKY, 2001, p. 5).

construção passiva participial, como a apresentada em (4), Chomsky (2001) propõe que *Agree* atuaria em dois estágios (cf. (5) e (6))²²:

(4) C [_β T seem [Expl to have been [_α caught several fish]]]

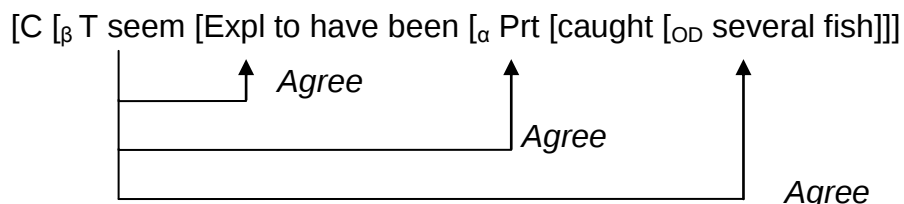
(5) **Primeiro estágio (α):**



Nesse primeiro estágio, o objeto direto (OD) possui traços de gênero, número e pessoa interpretáveis, exceto Caso²³. O particípio (Prt), por sua vez, possui traços de gênero, número e Caso não interpretáveis, passando a funcionar como sonda e encontrando o OD (alvo), entrando em relação de checagem (5a). Os traços de gênero e número do OD valoram os traços de gênero e número do Prt (5b). Como *Spell-Out*²⁴ ainda não foi aplicado, os traços-φ do Prt ainda estão visíveis no estágio β (embora valorados) – desaparecendo no nível da fase forte²⁵.

No segundo estágio do ciclo, temos o seguinte:

(6) **Segundo estágio (β):**



²² Em (5) e (6), + indica que o traço é interpretável e - indica que o traço é não interpretável.

²³ O Caso aqui está sendo usado com inicial maiúscula por ser caso abstrato.

²⁴ O que for enviado para *Spell-Out* não estará mais acessível na sintaxe estrita (*narrow syntax*, no inglês), que, no caso, é o sistema computacional.

²⁵ As fases fortes são CP (*Complementizer Phrase*) ou v*P (*Little v* Phrase*).

No segundo estágio do ciclo, em (6), T entra em relação de checagem com o expletivo (Expl) e apaga o traço não interpretável de pessoa (-p) desse Expl; depois, T entra em relação com o Prt e valora o traço de Caso do Prt; por fim, T entra em relação de checagem com o OD, valora o traço de Caso dele, e o T, por sua vez, valora seus traços- ϕ graças aos traços- ϕ interpretáveis do OD.

Spell-Out “[...] remove o material não interpretável em LF [...] e [o] transfere [...] para o componente fonológico. Ele deve, portanto, ser capaz de determinar que traços sintáticos são não interpretáveis, para serem removidos.” (CHOMSKY, 2001, p. 5, tradução nossa)²⁶. Para funcionar sem reconstruir a derivação, *Spell-Out* deve ser aplicado pouco depois de ter sido atribuído valor aos traços não interpretáveis, no nível da fase forte. Se, naquele momento, não foram atribuídos valores, a derivação fracassará com traços não interpretáveis na interface LF. Além disso, “[...] os traços devem ser apagados da sintaxe estrita (ou eles serão indistinguíveis dos traços interpretáveis em LF), mas deixados disponíveis para a fonologia (uma vez que eles podem ter efeitos fonéticos).” (CHOMSKY, 2001, p. 5, tradução nossa)²⁷.

Chomsky (2001), entretanto, ao discutir tal mecanismo de concordância, afirma, em nota de rodapé, que “[...] há, presumivelmente, uma relação de concordância similar, mas distinta, *Concord*, envolvendo apenas Concatenação.”²⁸ (CHOMSKY, 2001, p. 42, tradução nossa)²⁹. No texto, o autor não desenvolve a ideia, não ficando claro onde tal mecanismo atuaria, mas alguns autores (cf. MAGALHÃES, 2004; SIMIONI, 2007, entre outros) interpretam como sendo o mecanismo responsável pelo nível do sintagma, apesar de não ser algo apontado pelo autor³⁰.

²⁶ No original: “[...] *Spell-Out* removes LF-uninterpretable material [...] and transfers [...] to the phonological component. It must therefore be able to determine which syntactic features are uninterpretable, hence to be removed. (CHOMSKY, 2001, p. 5).

²⁷ No original: “[...] the features must be deleted from the narrow syntax (or they will be indistinguishable from interpretable features at LF) but left available for the phonology (since they may have phonetic effects).” (CHOMSKY, 2001, p. 5).

²⁸ Para ele, Concatenação (*Merge*) é uma operação indispensável para o sistema recursivo (sintaxe estrita). Essa operação toma dois objetos sintáticos α e β e forma um novo objeto $\gamma = \{\alpha, \beta\}$.

²⁹ No original: “There is presumably a similar but distinct agreement relation, *Concord*, involving *Merge* alone” (CHOMSKY, 2001, p. 42).

³⁰ Alguns autores desenvolvem essa ideia, mostrando de que forma *Concord* atuaria. Por outro lado, Magalhães (2004) propõe que *Agree* pode dar conta do nível DP, não sendo necessário propor outro mecanismo. Sedrins & Siqueira (2017) sugerem algumas reformulações nessa análise.

2.3 GÊNERO

Uma vez que esta pesquisa trata da concordância de gênero em construções predicativas adjetivais, nesta seção, trataremos de maneira mais específica o gênero, com ênfase, na maior parte da discussão, em suas características na língua que estamos analisando (no caso, no PB)³¹.

Gênero geralmente é considerado uma ‘categoria’ que, aproximando “[...] o termo ao étimo grego, equivalia à «predicação», no sentido de «atribuir propriedades às coisas», ou no de identificar «o modo pelo qual se podia referir essas propriedades aos seres» [...]” (VILELA, 1974, p. 139). No entanto, nem todas as línguas apresentam gênero (CORBETT, 2007).

Dentro das línguas que apresentam gênero, com base no que os autores sobre o tema discutem, podemos considerar que, pensar em gênero é pensar em concordância, uma vez que, como coloca Corbett (2006), os nomes são divididos em diferentes gêneros de acordo com as diferentes concordâncias que eles realizam. Nesse sentido, “[...] uma língua tem um sistema de gênero apenas se os sintagmas nominais nucleados por nomes de diferentes tipos controlam concordâncias diferentes.” (CORBETT, 2006, p. 749, tradução nossa)³². Portanto, como evidência de que determinada língua tem gênero, devemos observar se os elementos que estão relacionados sintaticamente com os nomes (artigos, adjetivos etc.) mostram gênero.

Nesse sentido, se pensarmos em dados do PB, temos, portanto, dois gêneros (7):

(7) a. **Bela** artista

b. **Belo** artista

O nome ‘artista’ não tem marca morfológica de gênero, mas os adjetivos atributivos – ou modificadores atributivos – (‘bela’/‘bela’) mostram que os nomes, no PB, se dividem em duas classes de concordância, e, portanto, cada uma deve ser

³¹ Salientamos que, nesta seção, não estamos buscando apresentar apenas a visão de teóricos da Gramática Gerativa. Portanto, também traremos à discussão autores que não se encaixam nessa perspectiva, mas que discutem algumas particularidades do gênero.

³² No original: “[...] a language has a gender system only if noun phrases headed by nouns of different types control different agreements.” (CORBETT, 2006, p. 749).

reconhecida como um gênero (no caso dessa língua, gênero feminino (7a) e gênero masculino (7b)).

Martin (1975, p. 1) também aponta a importância de se pensar na concordância ao tocar na noção de gênero:

Se não fosse o fenômeno da concordância, não haveria por que falar em gênero para descrever adequadamente a língua. Mesa, por exemplo, “é feminino” justamente porque exige que certos outros elementos, quais sejam artigos e adjetivos, apareçam em formas também ditas “femininas”. Mas, se todo substantivo aceitasse somente os artigos um, uns; o, os; e os adjetivos bom, bons; largo, largos, etc., não haveria concordância genérica e, portanto não haveria gênero. E o mesmo aconteceria se todo substantivo aceitasse uma, umas; a, as; boa, boas; larga, largas, etc.: tais substantivos, na falta de outros que exigissem um, uns, etc., não seriam “femininos”, mas simplesmente “singulares” ou “plurais”.

Novamente, parece-nos evidente pensar que é indispensável tocar na noção de concordância ao abordarmos gênero, uma vez que gênero parece ser justificável pela relação de concordância apresentada entre os elementos.

Corbett (2006) afirma que há muitos sistemas de gênero possíveis. Assim, o gênero manifesta-se de maneira diferente. O Português, por exemplo, apresenta distinção entre masculino e feminino, tendo sexo como componente, mas há línguas, como coloca Corbett (2006), em que o sexo é irrelevante.

Em relação à atribuição de gênero, o autor destaca que esta pode envolver dois tipos de informação sobre o nome: (i) em relação ao significado e/ou (ii) em relação à sua forma. Há, assim, sistemas de atribuição semântica e formal³³.

Um sistema de ‘atribuição semântica’ é encontrado em várias línguas, como, por exemplo, na língua Bagvalal. Nela, os nomes que denotam ‘homem’ são masculinos; os que denotam ‘mulher’ são femininos; o restante, neutros. Então, *waša* (menino) é masculino; *jaš* (menina) é feminino e *ɕama* (asno) é neutro³⁴. O significado é suficiente para determinar o gênero, não sendo necessária nenhuma informação sobre a forma do nome.

³³ O autor menciona que as línguas podem usar apenas regras semânticas ou, então, regras semânticas e formais, mas não apenas regras formais.

³⁴ Alguns dos critérios semânticos sobre os quais os sistemas semânticos podem ser baseados são, por exemplo: animado/inanimado, humano/não humano etc. Nesse sentido, nem sempre se trata da oposição macho/fêmea, como já tínhamos mencionado. Além disso, o autor destaca que um critério que é suficiente para definir um gênero em uma língua pode ser apenas um fator que contribui na atribuição de gênero em outra. A língua Bantu Chichewa, por exemplo, tem um gênero para diminutivos, enquanto na língua Dizin, diminutivos com nomes denotando fêmeas formam um gênero (CORBETT, 2006).

Sobre as regras de ‘atribuição formal’, Corbett (2006) afirma que essas regras podem usar dois tipos de informação: fonológica e morfológica, que serão discutidas a seguir:

No caso da **fonológica**, observando uma língua como Afar³⁵, além das regras de atribuição semântica – uma vez que os nomes são diferenciáveis pelo sexo nessa língua –, há nomes que estão fora dessas regras (aqueles que não denotam nem machos nem fêmeas). Os que apresentam no final uma vogal acentuada são femininos (ex.: *catò* (ajuda)), enquanto todos os outros são masculinos (por exemplo, *gilàl* (inverno) não finaliza com uma vogal e *tàmu* (gosto) finaliza com uma vogal não acentuada)³⁶.

Por outro lado, em uma língua como o russo, por exemplo, os nomes são diferenciáveis pelo sexo, mas há nomes que não entram nessas regras. Nesse caso, nessa língua, as informações **morfológicas** dão conta da questão. A língua apresenta quatro principais classes flexionais, cada uma com inúmeros nomes, havendo seis casos e dois números. Assim, os falantes precisam saber o comportamento flexional de um nome, uma vez que os nomes na classe flexional I são masculinos; os das classes II e III são femininos; e os da classe IV, neutros³⁷.

Agora, focando especificamente no Português³⁸, Câmara Jr. (1969) aponta que existem dois morfemas flexionais indicativos de gênero: **-a** e **-Ø**. O primeiro marca o gênero feminino; o segundo, o gênero masculino, caracterizando-se pela ausência da marca de feminino e presença de morfema zero, ambos aparecendo sempre ao final do vocábulo (8)³⁹:

(8) a. Autor-Ø = autor

³⁵ Os dados são de Parker e Hayward (1985 apud CORBETT, 2006).

³⁶ Apesar dos dados apresentados, pensar que as regras semânticas poderiam ser dispensadas para a língua Afar seria um equívoco, uma vez que há exemplos como *abbà* (pai), com gênero masculino, mesmo finalizando com uma vogal acentuada.

³⁷ Observando a morfologia dessa língua, poderíamos pensar que as regras de atribuição semântica são dispensáveis, uma vez que *otec* (pai), por exemplo, está na classe I, enquanto *sestra* (irmã) está na classe II e *mat* (mãe) está na classe III, e, portanto, muitos nomes diferenciáveis por sexo seriam atribuídos pelas regras de atribuição morfológica. Mas, como apontado pelo autor, há casos que se desviam dessas regras morfológicas. Uma palavra como *deduška* (avô), por exemplo, denota macho, mas está na classe II, cujos nomes são tipicamente femininos, mesmo ele sendo masculino. Nesse sentido, nomes como esse mostram que não encontramos idiomas em que as regras de atribuição formal sejam suficientes.

³⁸ Silva & Koch (2009, p. 48) afirmam que gênero é “[...] um dos tópicos mais incoerentes e confusos das nossas gramáticas. Isso se deve, em primeiro lugar, à incompreensão semântica da natureza do gênero e, em segundo lugar, à ausência de distinção entre processo flexional, de um lado, e processos lexicais, de outro.”

³⁹ Para os casos de alomorfia, ver, por exemplo, Câmara Jr. (1982).

b. Autor-a = autora⁴⁰

Como já tinha sido mencionado, ocorre no Português, muitas vezes, uma correlação entre sexo e gênero, como em (8), em que o gênero masculino se associa ao sexo masculino (8a) e o gênero feminino, ao sexo feminino (8b). No entanto, muitas vezes isso não acontece. Nomes de coisas, por exemplo, como ‘flor’ e ‘mar’, não podem se explicar pelo sexo. A flor e o mar não possuem sexo, apesar de estarem associados ao gênero feminino e masculino, respectivamente, indicados, por exemplo, pelo artigo.

Há outras classes gramaticais, como o adjetivo, que podem apresentar a marca de gênero, especificando qual o gênero do nome, como em “estudante bonito”/“estudante bonita”. Câmara Jr. (1969) também afirma que, com animais, ainda podemos fazer uso de um adjetivo que não tem flexão de gênero, como em “girafa macho”/“girafa fêmea”. No entanto, como apontam Silva & Koch (2009), as palavras ‘macho’ e ‘fêmea’ também não são eficazes na distinção de gênero. Por exemplo, podemos ter ‘a cobra macho’ e continuar sendo feminino, como mostra o artigo (o gênero não muda com a indicação de sexo). As autoras, portanto, destacam a importância do artigo (ou até mesmo outro determinante ou modificador) nessa distinção de gênero. Palavras não apresentariam, para elas, flexão, tendo o gênero determinado devido a esses outros elementos.

Podemos ter também uma indicação de sexo (feminino e masculino) no nome não graças aos morfemas específicos de gênero, mas em razão de processos lexicais, como nas palavras ‘homem’ (sexo masculino)/‘mulher’ (sexo feminino), ‘galo’ (sexo masculino)/‘galinha’ (sexo feminino), isto é, a indicação do sexo no nome também se faz no âmbito do léxico, seja por uma palavra própria ou por uma derivação lexical (CÂMARA JR., 1969)⁴¹. Nesse caso, ‘mulher’ não é o feminino de ‘homem’; o nome ‘mulher’, na verdade, é sempre feminino e ‘homem’ é sempre masculino.

Silva & Koch (2009) destacam que, por não haver distinção entre processo flexional e processo lexical, é comum ler nas gramáticas do Português

⁴⁰ Há nomes que admitem contrastes de gênero, mas a realização não é homogênea, como, por exemplo, aluno/aluna, barão/baronesa, europeu/europeia, águia-macho/águia-fêmea, homem/mulher (VILLALVA, 2003, p. 930).

⁴¹ Silva & Koch (2009) apontam que é indispensável, na descrição do gênero, delimitar o plano gramatical e o lexical, porque a gramática trata dos fatos gerais da língua e o léxico, dos fatos especiais.

(provavelmente, estão se referindo às tradicionais) que o masculino de ‘mulher’ é ‘homem’, entre outros casos. No entanto, elas afirmam que são vocábulos lexicalmente distintos. Em termos gramaticais, a distinção entre ‘mulher’ e ‘homem’ é feita através do artigo. ‘Mulher’ é sempre feminino, uma vez que é um nome que pode ser precedido pelo artigo ‘a’, mas não pelo ‘o’; ‘homem’, por sua vez, é sempre masculino, porque pode ser precedido pelo artigo ‘o’, mas não pelo ‘a’ (vale salientar que há casos em que a oposição de gênero indica significação diferente: o cabeça/a cabeça; o guarda/a guarda (SILVA; KOCH, 2009)).

Há itens lexicais que podem apresentar terminação em **-a**, como em ‘rosa’, que faz com que alguns acabem associando ao gênero feminino, quando, na verdade, trata-se de um elemento com tema (vogal temática) **-a**. Nesses casos, são elementos exclusivamente masculinos ou femininos em função da forma masculina ou feminina do artigo ao qual se articulam, como em “a rosa”.

Câmara Jr. (1982, p. 92) apresenta uma descrição do gênero nominal, conforme especificado a seguir:

- Nomes de gênero único. Exemplos: (a) rosa, (a) flor, (o) planeta.
- Nomes de dois gêneros sem flexão. Exemplos: (o, a) artista, (o, a) intérprete.
- Nomes substantivos⁴² de dois gêneros com uma flexão redundante. Exemplos: (o) lobo, (a) loba.

Em relação aos últimos nomes, Câmara Jr. (1969) defende que há uma flexão redundante. Concordamos com ele (e outros autores, como VILELA, 1974; SILVA; KOCH, 2009), uma vez que, nos casos acima, o artigo anterior ao nome já indica o gênero.

Figueiredo Silva & Medeiros (2016), ao discutirem sobre problemas morfológicos, trazendo, por exemplo, a discussão sobre flexão a partir da perspectiva de Mattoso Câmara Jr., concordam com o autor ao defender que o gênero envolve processo flexional. No entanto, afirmam que o gênero coloca em xeque a validade do critério de regularidade, já que não se aplica a todos os elementos de uma classe, mas ainda defendem que se trata de flexão porque é

⁴² Neste trabalho, utilizamos o termo ‘nome’ para se referir aos substantivos. No entanto, quando houver autores que utilizem a palavra ‘substantivo’, vamos seguir sua nomenclatura.

obrigatória (quando há o par masculino/feminino) e desencadeia concordância (interna ao sintagma nominal ou externa).

Ao contrário de Câmara Jr. e outros autores, há aqueles que não consideram que o gênero envolve processos flexionais. Villalva (2003, p. 926) traz à discussão a noção de flexão, afirmando que

Flexão é o processo morfológico de formação de palavras que se caracteriza pela sua obrigatoriedade e sistematicidade: se uma dada categoria de palavras é flexionável numa dada categoria morfo-sintática (por exemplo, os adjetivos flexionam em número), então todas as palavras pertencentes a essa categoria sintática são flexionáveis na referida categoria morfo-sintática (i.e. todos os adjetivos flexionam em número).

Ao dividirem a discussão entre flexão nominal e verbal, iniciam a parte da flexão nominal citando apenas o 'número'. O 'gênero' não é citado nessa parte, sendo discutido mais adiante, provavelmente porque consideram que não é uma categoria flexional.

Segundo Villalva (2003), por não haver obrigatoriedade de contrastes de gênero e pelo fato de a sua realização se dar por meio de diferentes processos (lexicais e morfológicos), essa categoria morfossintática se distingue das demais, justificando a sua análise como uma categoria não flexional, assim como defendido por outros autores também. A autora afirma que “[o]s tradicionalmente chamados ‘morfemas de gênero’ dos adjetivos e nomes do Português não têm qualquer relação com o gênero (nem com a flexão), mas sim com a classe temática a que cada palavra pertence.” (VILLALVA, 2003, p. 930-931).

Villalva (2003, p. 924) apresenta um quadro mostrando a distribuição dos nomes pelas classes temáticas, o que mostra que temos, por exemplo, nomes que terminam com ‘a’, mas que não são do gênero feminino⁴³:

⁴³ Muitos confundem o gênero de acordo com a vogal final da palavra. A concordância com outros elementos é essencial, nesse sentido. Lucchesi (2009, p. 297-298) coloca que, “[n]o plano mórfico, na classe dos nomes de gênero único, é igualmente difícil encontrar algum padrão completamente regular na indicação formal do gênero. Encontram-se nomes masculinos e femininos em todas as classes nominais temáticas. Assim, na classe dos nomes de tema em -a, temos: *cometa, poeta, poema*, que são masculinos, ao lado de *mata, nora, beleza*, que são femininos; nos nomes de tema em -e, temos: *porrete, alfaiate, lembrete*, que são masculinos, ao lado de *estante, lebre, gente*, que são femininos; nos nomes de tema em -o, são exemplos de nomes masculinos: *livro, cão, trabalho*, e são exemplos de nomes femininos: *foto, mão, tribo*.”

QUADRO 1 – Distribuição dos nomes pelas classes temáticas

Nomes	Gênero	Índice temático	Exemplos
Variáveis	Masculino	-a	<i>Poeta</i>
		-o	<i>Aluno</i>
		-e	<i>Infante</i>
		-ø	<i>Apresentador</i>
	Feminino	Atemático	<i>Avô</i>
		-a	<i>Aluna</i>
		-ø	<i>Imperatriz</i>
Invariáveis	masculino	Atemático	<i>Avó</i>
		-a	<i>patriarca, mapa</i>
		-o	<i>ídolo, livro</i>
		-e	<i>abutre, dente</i>
		-ø	<i>furriel, mar</i>
	feminino	Atemático	<i>tatu, café</i>
		-a	<i>mosca, casa</i>
		-o	<i>Tribo</i>
		-e	<i>gente, semente</i>
		-ø	<i>Variz</i>
	Masculino / Feminino	Atemático	<i>Manhã</i>
		-a	<i>Artista</i>
		-o	<i>Modelo</i>
		-e	<i>Agente</i>
		-ø	<i>Mártir</i>
		Atemático	<i>Selvagem</i>

FONTE: Villalva (2003, p. 924).

Na gramática tradicional de Bechara (2009), o autor também considera que o gênero não envolve flexão nos nomes⁴⁴. Para ele, em ‘menina’/‘menino’, por exemplo, não temos formas de uma flexão, mas temos, na verdade, palavras diferentes. Para o autor, no Português, o substantivo pode se encaixar no grupo do masculino ou do feminino, antepondo o artigo ‘a’ ou ‘o’ (quando são nomes femininos, podemos utilizar apenas o ‘a’; quando são nomes masculinos, podemos utilizar apenas o ‘o’). O artigo, portanto, tem o “papel” de indicar o gênero. Assim, para o autor, apesar de todo substantivo está dotado de gênero, ele não se manifesta da mesma forma que nos adjetivos, pronomes etc., isto é, através de flexão.

Diferentemente, Silva & Koch (2009) consideram que o gênero apresenta uma oposição caracterizada por flexão, indo ao encontro do que defende Câmara Jr. Elas optam

⁴⁴ Bechara (2009, p. 133) afirma que “[a] distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em Português, masculinos *lápiz, papel, tinteiro* e femininos *caneta, folha e tinta*.”.

[...] pelo critério adotado por Mattoso Câmara por uma questão de economia e simplificação da análise linguística: enquanto o feminino e o plural apresentam marcas específicas -a e -s, respectivamente, o masculino e o singular apresentam diversas possibilidades de terminação, não constituindo, portanto, formas marcadas. (SILVA; KOCH, 2009, p. 54).

No Português, quando a forma masculina é atemática (como em ‘peru’), acrescentamos o morfema átono ‘-a’ no final da palavra, tornando a palavra feminina (‘perua’); quando é temática (como em ‘pombo’), a vogal é suprimida, através de uma mudança morfofonêmica, decorrente do acréscimo do morfema ‘-a’ (pombo - o + a = ‘pomba’).

Martin (1975), contrariando muitos outros autores, que postulam existir, no Português, o gênero feminino e o gênero masculino, aponta para a existência de um paradigma neutro, oferecendo uma noção de gênero alternativa. Observe os dados a seguir:

- (9) a. Praia é cheia de criança
 a’. Praia é cheio de criança
 b. Barco é cheio de criança
 b’. *Barco é cheia de criança⁴⁵

Assim como aponta Martin (1975), o feminino do adjetivo aparece apenas quando o substantivo é feminino (9a) – podendo também aparecer na forma masculina (9a’)⁴⁶. Quando o substantivo é masculino (9b), no entanto, não observamos casos de adjetivos femininos (9b’).

Trazendo para a discussão dados abordados pelo autor, ainda em termos de concordância de gênero, temos o seguinte:

- (10) a. O pé está cheio de limão
 b. Uma cerveja seria ótimo

(MARTIN, 1975, p. 1)

Em (10a), o adjetivo ‘cheio’ concorda em gênero (e número) com o substantivo ‘pé’, que é masculino e singular. Por outro lado, (10b) não apresenta

⁴⁵ Dados de introspecção.

⁴⁶ Como veremos mais a frente, há restrições em relação ao uso da forma masculina diante de um sujeito feminino.

uma concordância entre o predicativo ‘ótimo’ e os elementos na posição de sujeito da construção sintática, que é ‘uma cerveja’. O autor aponta que poderíamos imaginar um contexto a fim de explicar tal dado linguístico. Se houvesse uma pergunta como: “Que que vocês vão tomar?”, poderia ser dito: “(tomar) uma cerveja seria ótimo”. “Uma cerveja” seria, então, objeto de ‘tomar’, que, mesmo omitido, ficaria subentendido pelo contexto – o que parece ir ao encontro de propostas gerativistas que sugerem haver uma oração infinitiva resumida (cf. FAARLUND, 1977, por exemplo).

Desse modo, o autor propõe que há adjetivos marcados e não marcados. A forma não marcada seria aquela em que o adjetivo não está relacionado a um substantivo marcante, como em (10b), assim como, por exemplo, em “Pedro é alto” e “este livro é interessante”, que apresentam formas não femininas. De acordo com Martin (1975), se o adjetivo não está relacionado a um substantivo marcante, ele aparece em sua forma básica; se estiver relacionado a um substantivo marcante, ele aparece de forma marcada. O autor propõe, então, que, no lugar de gênero, ficaria o conceito de adjetivos marcados e não marcados.

Assim, sua tese é a de que não há masculino e feminino em Português, mas apenas palavras marcadas e não marcadas quanto ao gênero. As formas não marcadas estão relacionadas a nomes considerados tradicionalmente como masculinos (11a) e também em todos os casos em que não há nome com o qual relacionar um predicado (11b).

(11) a. Pedro é alto

b. Aqui é bom (nunca ‘boa’)

(11a) apresenta o sujeito masculino ‘Pedro’ e (11b) apresenta o advérbio ‘aqui’, não havendo nome com o qual o adjetivo poderia concordar.

Ainda sobre a discussão do gênero, Lucchesi (2009, p. 296) afirma que

[...] no subconjunto do léxico que contém os nomes que designam os seres inanimados, o gênero gramatical não tem qualquer relação com o conteúdo semântico do item lexical. Essa inconsistência na base semântica pode explicar as flutuações que se observam na fixação do gênero gramatical de certos nomes de seres inanimados, tanto sincrônica, quanto diacronicamente. No Português contemporâneo, os gramáticos normativos (p.ex., ROCHA LIMA, 1960, p.75-76) atentam para a oscilação de gênero

em palavras como *champanha*, *clã*, *diabete*, *gengibre*, *lança-perfume*, *cal*, *omoplata*, etc. (LUCCHESI, 2009, p. 297).

Como não há uma relação estreita, ocorrem essas “confusões”. O autor aponta, inclusive, que, ao longo da história da língua, algumas palavras mudaram de gênero, a exemplo da palavra ‘linguagem’⁴⁷.

Carvalho (2013, p. 37) alega que

[a] ausência de gênero gramatical em uma língua não significa que essa categoria não seja comunicada. Há várias formas de representação de gênero, por exemplo gênero lexical ou social, que podem ser empregados para transmitir mensagens contendo gênero. (CARVALHO, 2013, p. 37).

Todas as categorias de gênero nas línguas (gramatical, lexical, referencial e social), como apresentadas em Hellinger & Bußmann (2001 apud CARVALHO, 2013), teriam manifestação gramatical.

Na seção anterior, ao discutirmos traços, destacamos que gênero, dentro da Teoria Gerativa, é considerado um traço do léxico (no caso, um traço- ϕ). Carvalho (2013) afirma que

[...] as marcas morfológicas de gênero não têm necessariamente uma contraparte semântica. As línguas românicas são um exemplo de que a noção de interpretabilidade deve ter um significado internamente motivado, pelo menos no que concerne a gênero. Nessas línguas, há apenas duas possibilidades de valor para se assumir o traço de gênero – maculino [sic] e feminino. Há, portanto, duas marcações de gênero passíveis de serem aplicadas a todos os nomes, mas apenas em um subconjunto de nomes, os que possuem o traço [+animado], gênero gramatical pode ser associado a um gênero natural – macho/masculino e fêmea/feminino. Nesses casos, o valor de gênero é opcional. Considerando nomes que possuem o traço [-animado], o valor de gênero é sempre invariante ou intrínseco. Sua atribuição a um marca de gênero particular – masculino ou feminino – parece, portanto, completamente arbitrária. Interpretabilidade, nesses casos, está exclusivamente relacionada à possibilidade de um elemento do léxico controlar concordância – sendo o elemento interpretável aquele que controla a concordância. (CARVALHO, 2013, p. 31).

Se considerarmos que o elemento interpretável é aquele que controla a concordância, em (12), o nome (‘panqueca’) não parece controlar:

(12) Panqueca é bom

⁴⁷ Bechara (2009) também aborda a questão da mudança linguística, afirmando que, na variedade temporal da língua, do Português ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes. Alguns, inclusive, deixando “vestígios”. Por exemplo, a palavra *mar* era feminina, hoje é masculina, mas o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea* = *plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

(12) poderia apontar que o nome não é o elemento que carrega o traço interpretável de gênero, como é considerado dentro da literatura, uma vez que ele parece não controlar a concordância. Entretanto, como será discutido, parece que, em (12), que não apresenta concordância visível, temos um elemento nulo na posição de sujeito com o qual o adjetivo parece concordar.

Na seção a seguir, discutimos as sentenças copulares, por ser o tipo de estrutura analisada em nosso estudo, não deixando de discutir predicação, uma vez que, ao tratamos das sentenças predicativas adjetivais, estamos lidando com um tipo de predicação.

2.4 PREDICAÇÃO E SENTENÇAS COPULARES

A predicação consiste da relação entre um sujeito semântico e um predicado, sendo o primeiro “[...] uma expressão linguística que representa uma entidade do universo do discurso [...]” e o segundo “[...] uma expressão linguística que emite um juízo sobre o sujeito, que faz um comentário sobre ele – mais corretamente, sobre a entidade representada pelo sujeito.” (RAPOSO et al., 2013, p. 1285)⁴⁸. No exemplo abaixo, ‘Luís’ é o sujeito e ‘é inteligente’ é o predicado:

(13) Luís é inteligente

Quando o verbo não é o elemento central do ponto de vista semântico, definindo o tipo de juízo que se faz sobre o sujeito e a natureza da situação, como (13), não temos ‘predicações de base verbal’, sendo o elemento central adjetivos ou nomes. Nesse sentido, temos ‘predicações de base adjetival’ e ‘predicações de base nominal’. Essas predicações podem estar contidas dentro de uma oração maior, havendo uma segunda relação de predicação:

⁴⁸ Raposo et al. (2013) afirmam que o sujeito semântico não deve ser confundido com o sujeito gramatical, apesar de, às vezes, o sujeito semântico ser o sujeito gramatical. Neste, o sintagma nominal concorda em número e pessoa com o verbo; naquele, temos a entidade sobre a qual o predicado produz o comentário. Em “os alunos consideram o professor um tirano”, temos como sujeito semântico – isto é, o sujeito da predicação – “o professor”, e como sujeito gramatical, “os alunos”. Há casos em que o sujeito semântico corresponde ao sintagma em posição de tópico, que é a expressão inicial de uma oração, entidade sobre a qual se produz um comentário, nem sempre correspondendo ao sujeito gramatical, como no exemplo “os alunos consideram o professor um tirano” em que o tópico não se aplica ao sujeito semântico da predicação adicional.

(14) Maria saiu de casa **triste**

A primeira predicação é constituída do sujeito ‘Maria’ com o predicado ‘saiu de casa triste’; já a segunda é constituída do sujeito ‘Maria’ e do predicado ‘triste’.

Ao núcleo semântico do predicado, chama-se ‘predicador’ – ele caracteriza o tipo de situação expressa. Quando o predicador é um verbo pleno, temos uma predicação de base verbal (15a); quando é um verbo copular, este não é o responsável pela caracterização do estado ou da propriedade em questão, mas um sintagma nominal (15b) ou adjetival (15c)⁴⁹:

(15) a. Maria abraçou Antônio

b. Esse bicho é um tigre

c. Clara está gorda

O que é responsável pelo conteúdo semântico do predicado em (15b) e (15c) não é o verbo ‘estar’ ou o verbo ‘ser’, como ocorre em (15a) com o verbo ‘abraçar’, mas ‘um tigre’ e ‘gorda’, respectivamente. Portanto, temos predicações de base nominal (15b) e adjetival (15c).

O sintagma nominal e o sintagma adjetival, por contribuírem semanticamente para a predicação, são chamados de ‘predicativos’. No caso das predicações de base verbal, quando o predicado possui um ou mais verbos auxiliares, o predicativo é o verbo pleno e seus complementos e/ou adjuntos (ex.: o concerto vai durar três horas).

De acordo com Raposo et al. (2013), nessas predicações de base adjetival e nominal, o adjetivo e o nome (e, quando aparece, o determinante que especifica o nome) concordam em gênero e número com o sujeito. Duarte (2003) aponta que uma das indicações de predicação é a concordância entre o predicado (o núcleo) e o sujeito. De acordo com a autora, se o predicativo for um nome ou adjetivo, é preciso haver compatibilidade de gênero e número entre o predicativo e o sujeito, como em (16), não permitindo (17):

⁴⁹ Em vez de um adjetivo básico, pode ocorrer como predicador um particípio verbal – ação que afeta uma entidade e que faz com que a entidade mude de estado (ex.: O Pedro está preso). Raposo et al. (2013) colocam que, dadas as semelhanças entre adjetivos e particípios nesse contexto, passam a designar como predicações de base adjetival. Além disso, ainda apontam que, apesar de os adjetivos e os nomes serem os predicadores mais comuns, há também os sintagmas adverbiais (“a reunião é ali”) e os preposicionais (“Pedro é de Lisboa”).

- (16) a. Dois dos meus irmãos são médicos
b. A Maria é simpática

- (17) a. *Dois dos meus irmãos são médico
b. *A Maria é simpático

(DUARTE, 2003, p. 541)

(17a), ao contrário de (16a), não apresenta compatibilidade de número entre o sujeito ‘dois dos meus irmãos’ e o predicativo ‘médico’. Já (17b), ao contrário de (16b), não há compatibilidade de gênero entre o sujeito ‘A Maria’ e o predicativo ‘simpático’. Portanto, isso fez com que os autores colocassem um asterisco em tais casos. No entanto, como já foi discutido, nem sempre há compatibilidade (pelo menos visível) entre o sujeito e o predicativo nas construções do PB e de outras línguas, apesar de haver a possibilidade.

Embora a base semântica das predicções adjetivais e nominais sejam adjetivos ou nomes, os predicados dessas sentenças são predicados verbais, tendo como núcleo gramatical, um verbo, como nos exemplos abaixo com *ser*, *estar* e *ficar*, respectivamente:

- (18) a. Pedro é **fiel**
b. Clara está **gorda**
c. A biblioteca ficou **cheia**

Essas construções são consideradas copulares, uma vez que são sentenças que possuem verbos copulares, nomeados assim por estabelecerem uma ligação entre o sujeito e o predicativo (RAPOSO et al., 2013).

No Português, apesar de ser comum encontramos trabalhos citando apenas o *ser* e o *estar*, alguns autores consideram, além dessas, outras cópulas (como o *ficar* em (18c)). Sobre isso, Raposo et al. (2013) afirmam que

As gramáticas do Português não apresentam, em geral, critérios explícitos para caracterizar os verbos copulativos. Assim, encontram-se algumas variações quanto aos verbos que recebem essa classificação. De facto, a constituição de uma classe fechada, definitiva, de verbos copulativos não é tarefa fácil, porque há verbos plenos (que funcionam como predadores) que assumem, em certas construções, propriedades que os aproximam dos

verbos copulativos mais típicos, que são *ser* e *estar*. (RAPOSO, 2013, p. 1297).

Conforme mencionado pelos autores, como não há critérios explícitos, há certa discrepância entre os estudiosos em relação a esses verbos, não sendo, portanto, uma questão fechada na literatura.

Em sua gramática do Português, Raposo et al. (2013) estabelecem dois critérios para classificar um verbo como copular, o que faz com que não só o *ser* e o *estar* possam ser classificados como verbos de cópula, mas outros também. No caso desses autores, eles identificam, além dos verbos típicos já mencionados, os seguintes: *ficar*, *andar*, *continuar*, *parecer*, *revelar-se* e *tornar-se*⁵⁰.

Os critérios adotados são: (i) o verbo ocorre com qualquer tipo semântico de sujeito⁵¹ e (ii) é possível que o verbo possa ocorrer somente com um adjetivo (ou particípio verbal)⁵². Nesse sentido, o verbo que não atende a nenhuma ou apenas a uma dessas propriedades não é considerado copulativo.

Para exemplificar esses critérios, vamos dar como exemplo apenas casos com o *ser*, já que é o foco deste estudo, mostrando que ele atende aos dois critérios estabelecidos pelos autores.

No que concerne ao primeiro critério, vamos comparar os exemplos de (19) com os exemplos de (20):

- (19) a. **Maria** abraçou João
b. ***O peixe** abraçou João

- (20) a. **Maria** é bonita

⁵⁰ Não discutiremos cada um desses verbos de forma específica, como fazem os autores, por fugir dos objetivos deste trabalho. Apenas queremos que o leitor tenha ciência de que é possível que tenhamos outras cópulas no Português, a depender dos critérios que estamos partindo.

⁵¹ Esse primeiro critério é um dos utilizados para verificar se o verbo é um verbo inacusativo (as cópulas seriam sempre verbos inacusativos). Ele não seleciona argumento externo, mas seleciona argumento interno. Como o verbo não seleciona semanticamente argumento externo, não há restrições semânticas quanto ao sujeito, por isso, podemos ter um sujeito com carga semântica diferente.

⁵² Vale mencionarmos que esse é um critério que precisa ser atendido, mas não significa dizer que não podemos ter outros predicativos nesse tipo de construção que não sejam adjetivais. Numa sentença copulativa, o predicativo do sujeito pode realizar-se como sintagmas adjetivais (a), sintagmas nominais (b), sintagmas preposicionais (c) e sintagmas adverbiais (d) (DUARTE, 2003).

a. Maria é **linda**
b. Maria é **arquiteta**
c. Maria está **em casa**
d. Maria está **perto daqui**

b. **O peixe** é bonito

Em (19a), temos uma construção gramatical, mas (19b) não apresenta uma boa construção no PB (pelo menos, não se considerarmos uma construção no sentido literal). Em (20), temos duas construções gramaticais com os mesmos sujeitos que em (19). A razão da diferença em relação à gramaticalidade diz respeito ao fato de (19) apresentar verbos que não permitem qualquer tipo de sujeito, ao contrário do verbo *ser* (20), que não impõe restrições semânticas⁵³.

Agora, vamos considerar o critério (ii), em que há a possibilidade de o verbo se combinar com um sintagma adjetival ou particípio verbal⁵⁴. Observe o dado em (21):

(21) João [é bonito]

Em (21), temos o verbo *ser* se combinando apenas com o adjetivo ‘bonito’ – único elemento do constituinte predicativo. O verbo *ser*, portanto, atende aos dois critérios e pode ser considerado um verbo copular.

Ainda sobre os verbos copulativos, estes podem ser classificados, em termos semânticos, como: (i) os que são usados para atribuírem uma propriedade ao sujeito ou descreverem um estado em que ele se encontra e (ii) os que descrevem uma mudança de estado. No caso do *ser*, ele se encaixa no primeiro grupo, fazendo parte dos predicados estáveis, os quais “[...] denotam propriedades ou qualidades tidas como estáveis nos indivíduos, que perduram durante uma boa parte da sua

⁵³ Não é a cópula que seleciona o sujeito, mas, como coloca Duarte (2003, p. 539), é o predicativo que impõe restrições:

- (i) a. A Joana é ruiva
- b. A casa está sem telhas
- c. Os cavalos são quadrúpedes
- d. O céu está azul
- (ii) a. *A casa é ruiva
- b. *O livro está sem telhas
- c. *Os triângulos são quadrúpedes
- d. *A tristeza está azul

Temos, em (i), os mesmos predicativos e cópulas que em (ii), mas os sujeitos de (ii) não podem ocorrer com esses predicativos.

⁵⁴ Os autores não consideram a combinação do verbo com sintagmas nominais ou preposicionais, pois eles são constituintes que também são selecionados como complementos pelos verbos plenos. Com esse tipo de predicação de base verbal, como eles apontam, é raro encontrarmos verbos plenos selecionando um adjetivo (a) e, quando ocorre, não atendem ao critério (i) (b):

- a. Maria [passeou **contente**].
- b. *O muro passeou contente (o verbo não se combina com o sujeito).

vida ou mesmo durante toda a sua existência, e que, portanto, os caracterizam enquanto indivíduos particulares [...]” (RAPOSO et al., 2013, p. 1305). Assim, não constituem em episódios, como no caso do *estar*, que, apesar de se encaixar no mesmo grupo que o *ser*, faz parte dos predicados episódicos, que denotam propriedades ou qualidades transitórias, indicando episódios ou estados (geralmente) passageiros.

Para exemplificar essa diferença entre *ser* e *estar*, consideremos adjetivos que denotam nacionalidade:

(22) João é brasileiro

(23) João está brasileiro

(22) denota a nacionalidade de João, ao passo que (23) estaria relacionado ao comportamento de João, que está manifestando características típicas de pessoas com nacionalidade brasileira, não sendo uma atribuição de nacionalidade⁵⁵.

O *ser* “[...]” marca a atribuição ao sujeito de uma propriedade que o caracteriza enquanto indivíduo (cf. *o Zé é médico*) [...]” (RAPOSO et al., 2013, p. 1304). Tal verbo “[...]” marca a atribuição ao sujeito de uma propriedade tida como essencial nele, perspectiva fora de qualquer enquadramento temporal mais ou menos passageiro [...]” (RAPOSO et al., 2013, p. 1298). No entanto, comparando um dado como (24) com um dado como (25), vemos que, neste, ao contrário daquele, o adjetivo parece não estar atribuindo uma característica a esse sujeito, como se o adjetivo estivesse concordando com outro elemento que está relacionado ao sujeito, mas que não exatamente o que está evidente. Assim, o adjetivo atribui uma propriedade que está relacionada a ele, mas que não parece ser uma característica dele.

(24) Menina é complicada

⁵⁵ Considerando adjetivos como, por exemplo, ‘jovem’ ou ‘velho’, sabemos que ninguém é jovem ou velho para sempre, mas isso não é um problema, uma vez que propriedades estáveis não caracterizam um indivíduo ao longo de toda a sua vida. Há, no entanto, um pequeno número de propriedades estáveis que não podem mudar, ou seja, que, de fato, acompanham um indivíduo ao longo de toda a sua existência, como os predicados de naturalidade (ex.: “Eu sou de Lisboa”) – por esses motivos, muitas vezes, na literatura, os autores distinguem estados estáveis permanentes de estados estáveis não permanentes.

(25) Menina é complicado

Perceba que a diferença entre (24) e (25) é apenas em termos de concordância, causando uma leitura diferente. Segundo Foltran & Rodrigues (2013), a concordância permite atribuir uma propriedade ao sujeito, ao passo que a falta de concordância está relacionada a alguma situação/evento que envolve o sujeito, mas que não necessariamente é uma característica dele. No entanto, como mostraremos mais adiante, há casos em que essa distinção proposta pelas autoras parece não se aplicar. Além disso, argumentaremos contra a ideia de que, em casos como (25), ‘menina’ é o sujeito completo da construção.

Quando os adjetivos se combinam com o verbo *ser*, os predicados caracterizam o sujeito intemporalmente, enquanto no caso do verbo *estar*, o sujeito se encontra temporalmente limitado, envolvendo uma situação ou circunstância particular, permitindo facilmente adjuntos adverbiais que delimitam a duração:

(26) Maria é bonita(27) Maria **hoje** está bonita

Duarte (2003, p. 540) afirma que,

[...] nas frases copulativas, existe um nexos tão forte e directo entre o predicativo do sujeito e o sujeito que o verbo copulativo parece não ter as propriedades típicas de um predador. Este facto levou os gramáticos a considerar os verbos copulativos meros elementos de ligação e, na sequência desta tradição, alguns linguistas encaram-nos como simples lexicalizações de valores temporais, modais e aspectuais [...]. De acordo com esta concepção, os verbos copulativos não seriam itens lexicais plenos, uma vez que não teriam grelha argumental, sendo o predicativo do sujeito o predador principal da frase e o sujeito um argumento deste.

De acordo com esses autores, essa relação direta não exige que se retire aos verbos copulativos o *status* de itens lexicais plenos, podendo atribuir a essas construções uma estrutura como uma *Small Clause* (SC)⁵⁶, em que o predicativo do

⁵⁶ Os gerativistas brasileiros mantiveram os termos *Small Clause* em inglês, mas alguns, às vezes, utilizam uma tradução (como oração pequena, minioração etc.). Aqui, neste trabalho, optamos por não traduzi-lo.

sujeito é o predicado (talvez por isso que alguns autores usam esse termo para se referir aos adjetivos em posição predicativa).

Dentro da Teoria Gerativa, muitos têm assumido “[...] que a cópula é um verbo de alçamento [...] e que a expressão não verbal se origina em um constituinte *Small Clause*, complemento da cópula.” (ROY, 2013, p. 12, tradução nossa)⁵⁷.

Originalmente, a SC estaria como (28a), sendo (28c) obtida graças ao movimento do sujeito da SC (28b). O sujeito se origina como um argumento do predicado dentro da SC (28a) e é alçado à posição de sujeito vazio e (à esquerda da cópula) (28b):

(28) a. [e [is [_{SC} [a man] [on the roof]]]]

b. [a man [is [_{SC} [] [on the roof]]]]

c. A man is on the roof (‘Um homem está no telhado’)

(ROY, 2013, p. 12)

As sentenças copulativas também podem aparecer em outras ordens, como, por exemplo, com os dois constituintes da SC em posição pós-verbal. No exemplo em (30), vemos que o sujeito permanece *in situ*:

(29) [There [is [_{SC} [a man] [on the roof]]]]

(ROY, 2013, p. 12)

Segundo Roy (2013), a estrutura da SC tem sido assunto de muitos debates na literatura e uma das questões é se ela possui estrutura hierárquica. Muitos pesquisadores acreditam que há múltiplas configurações de SC. Alguns autores têm aceitado a existência de uma SC nua (*bare SC*), que é uma estrutura não hierárquica em que duas projeções máximas são irmãs uma da outra e projetam uma SC (MORO, 1997 apud ROY, 2013, p. 14):

(30) SC

2

DP XP

⁵⁷ No original: “[...] that the copula is a raising verb [...] and that the nonverbal expression originates in a small-clause constituent, complement of the copula. (ROY, 2013, p. 12). De acordo com Roy (2013), a ideia original é de Stowell (1978 apud ROY, 2013).

Em “Mário acha Maria linda”, mesmo sendo objeto direto do verbo ‘achar’, ‘Maria’ é um sintagma sobre o qual incide uma predicação. Temos a predicação ‘linda’ (que estaria na posição de XP em (30)) que se fez sobre o sujeito ‘Maria’ (o DP em (30)), sendo essa SC (‘Maria linda’) o argumento interno do verbo ‘achar’.

No caso das construções predicativas que estamos analisando, alguns autores, conforme será mostrado, consideram que temos uma SC, mas outros não tratam da mesma forma.

2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, começamos por indicar nossa metodologia, apresentando, por exemplo, as propostas teóricas que foram analisadas nesta dissertação, assim como detalhes sobre a submissão do projeto ao CEP e mais informações sobre os testes, que serão discutidos de forma minuciosa na próxima seção.

Após isso, apresentamos algumas das principais ideias defendidas pela Teoria Gerativa, por ser o arcabouço teórico tomado como alicerce no nosso estudo. O leitor que já conhece a perspectiva gerativista pôde ter percebido que há muitas outras noções que não foram tratadas, mas que são defendidas pela Teoria. No entanto, acreditamos que a discussão que apresentamos já é o suficiente para compreender o universo em que esta pesquisa está inserida.

Além do mais, como estamos analisando as estruturas predicativas no que diz respeito ao gênero, achamos que seria apropriado oferecer uma breve discussão acerca dessa noção, trazendo questões mais gerais (apontando, por exemplo, que há uma inter-relação entre o gênero e a concordância), e apresentando algumas de suas características no PB.

Por fim, já que a estrutura que estamos investigando é considerada como uma estrutura copular, decidimos trazer alguns pontos relacionados à predicação e às sentenças copulares, que é um tipo de predicação. Nesta parte, pudemos apresentar, por exemplo, a conceituação do que são essas sentenças; a diferença entre elas e as construções com o verbo copular *estar*, entre outros pontos.

Após a discussão apresentada neste capítulo, podemos agora focar, de maneira mais específica, nas construções predicativas adjetivais com o verbo *ser*. Portanto, o capítulo seguinte exhibe e discute os resultados dos testes, mostrando as características dos elementos que constituem a construção supracitada.

3 LEVANTAMENTO EMPÍRICO

Quando consideramos a falta de concordância de gênero visível nas construções predicativas adjetivais, há certas peculiaridades no que diz respeito às partes que constituem tais estruturas, isto é, o sujeito, o verbo e o adjetivo predicativo. Nesse sentido, este capítulo pretende apresentar uma descrição dos dados do PB com mais detalhes, mostrando algumas das características das sentenças panquecas. Para tanto, como já mencionamos na introdução deste trabalho, resolvemos aplicar testes de aceitabilidade a fim de confirmarmos aquilo que pode ou não ser realizado na língua.

Em 3.1, fazemos uma descrição dos testes, apontando nossas intuições e algumas hipóteses; em 3.2, apresentamos os resultados, os quais foram divididos da seguinte maneira: na seção terciária 3.2.1, trazemos a discussão dos tipos de sujeito que podem ocorrer nas sentenças panquecas do PB; na seção 3.2.2, discutimos as formas do verbo *ser*; na seção 3.2.3, discutimos acerca do adjetivo predicativo; na seção 3.2.4, apresentamos o resultado do teste 2 no que diz respeito à possibilidade de ambiguidade. Por fim, em 3.3, fazemos um resumo do capítulo.

3.1 SOBRE OS TESTES

Para o Gerativismo, a intuição do falante é o reflexo da sua competência linguística (ou língua *I*), objeto de estudo dessa teoria. Assim, nas pesquisas que seguem esse modelo teórico, é comum utilizarem o julgamento introspectivo dos falantes nativos da língua analisada. No entanto, apesar de haver muitos estudos que usam apenas a intuição do(s) próprio(s) pesquisador(es), tem aumentado o número de trabalhos que optam por verificar a intuição de outros falantes, como é o caso deste trabalho. Justificamos nossa escolha devido às seguintes questões:

- (i) Nossa intuição, em relação a alguns dados, diverge da intuição dos pesquisadores que tratam do mesmo fenômeno no PB (FOLTRAN; RODRIGUES, 2013; RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, 2015; CONTO, 2016a, 2016b; CARVALHO, 2016).

- (ii) Considerando o julgamento de mais de um falante, haveria maior confiabilidade – o pesquisador, por estar envolvido com um mesmo fenômeno por muito tempo, pode acabar não sendo um “bom” informante.
- (iii) Já foi apontado, por exemplo, que “[...] julgamentos questionáveis são às vezes citados nos estudos teóricos sem prévia verificação empírica crítica, contribuindo para a formação de ‘mitos’ na literatura.” (ADLI, 2005, p. 5, tradução nossa)⁵⁸.

Com os testes, pretendemos não só dar conta dos pontos acima, mas também confirmar ou refutar certas hipóteses que estamos levantando, não ficando restritos à nossa própria intuição. Para isso, resolvemos aplicar dois testes de aceitabilidade (cf. apêndice)⁵⁹.

Cizescki (2013, p. 9) afirma que “[...] a falta de discussão sobre o conceito de gramaticalidade faz com que ele apareça, na Linguística, algumas vezes vinculado à aceitabilidade do falante, outras à interpretabilidade das sentenças, outras ainda a questões puramente sintáticas.” Em sua tese, a autora, analisando as principais obras de Chomsky, defende que não há uma definição de gramaticalidade e, por isso, tem gerado confusão entre os seguidores da Teoria Gerativa e em outras linhas da Linguística. Inclusive, talvez por isso, encontramos, nos trabalhos gerativistas, autores que nomeiam os testes como sendo de **aceitabilidade** e outros que nomeiam de testes de **gramaticalidade**.

Optamos pelo termo ‘aceitabilidade’ ao invés de ‘gramaticalidade’, considerando que o falante pode dizer se uma sentença é ou não aceitável, no entanto, “[...] cabe ao linguista dizer se, no caso de uma sentença inaceitável para o falante, estamos diante de uma sentença realmente agramatical ou se a razão para a inaceitabilidade deve ser computada a outros fatores (como aqueles relativos ao *desempenho*).” (MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2013, p. 19).

Para exemplificar, vamos considerar a recursividade, que é uma das propriedades das línguas naturais: em um caso como [[_{DP} o cachorro] foi passear]

⁵⁸ No original: “[...] questionable judgments are sometimes quoted in theoretical studies without prior critical empirical verification, contributing to the formation of “myths” in the literature.” (ADLI, 2005, p. 7).

⁵⁹ Decidimos não realizar uma coleta de dados através de entrevistas, por exemplo, porque, apesar de alguns considerarem que os dados são mais “naturais”, “espontâneos” etc., não encontraríamos diversidade de contextos sintáticos e, além do mais, só teríamos acesso a dados produzidos, impossibilitando que verificássemos aquilo que não é possível de ser realizado na língua estudada. Assim, o método está de acordo com o modelo teórico.

poderia ser encaixado mais um DP (*Determiner Phrase* – Sintagma Determinante, no Português) na posição de sujeito, obtendo a construção [[_{DP} o cachorro] e [_{DP} o gato] foram passear]. Considerando agora o encaixamento de, por exemplo, mais cinquenta DPs de mesma natureza, teremos como resultado uma construção gramatical, por seguir os princípios de encaixamento, porém é uma construção não produzida no PB, portanto inaceitável (por questões, por exemplo, de memória).

Nosso primeiro teste de aceitabilidade foi realizado com base em um dos testes de Mezari (2013) – que analisa se os nomes nus são DPs ou NPs –, o qual ela nomeia de ‘teste de produção’. A autora apresenta vários contextos, pedindo que o falante opte pela alternativa que melhor complete o sentido da frase, dando as seguintes opções: (i) o adjetivo não concorda com o sujeito feminino; (ii) o adjetivo concorda com o sujeito feminino; (iii) as duas opções anteriores, com e sem concordância, são aceitáveis; e (iv) nenhuma das opções são aceitáveis. Um exemplo do teste pode ser observado a seguir (1):

- (1) O Pedro está comentando que as meninas passam bastante tempo se arrumando. Ele diz:

Menina é _____.

☐ vaidoso

☐ vaidosa

☐ ambas as alternativas acima são boas para completar a frase

☐ nenhuma das alternativas é boa para completar a frase

(MEZARI, 2013, p. 89)

A autora tenta induzir o falante a uma interpretação relacionada a uma situação/eventualidade envolvendo o sujeito ou a uma propriedade do sujeito. Com base em Foltran & Rodrigues (2013) sobre o tipo de seleção do adjetivo, em um contexto relacionado a uma propriedade do sujeito, era esperado que o falante escolhesse apenas a opção com concordância entre o sujeito e o predicativo; quando relacionado a uma situação, era esperado que ele marcasse como aceitável a opção em que o adjetivo não concorda com o sujeito; no caso dos contextos que permitiam as duas leituras, o falante deveria optar pela terceira alternativa; e, no caso de não considerar boa nenhuma das construções (para o contexto dado), deveria marcar a última alternativa.

Mezari (2013) aponta que,

Para classificar o tipo de adjetivo – se aplicável apenas a indivíduos ou a indivíduos e também eventos/situações, pode-se aplicar o seguinte teste: se o adjetivo serve para complementar uma sentença como (37), em que se afirma uma propriedade de uma situação, ou uma sentença predicativa cujo sujeito é uma sentença infinitiva, como (38), então se trata de um adjetivo de evento. Tal procedimento, bastante simples, demonstra ser preciso o suficiente para os objetivos deste estudo.

(37) Esse evento/situação é _____.

(38) [oração no infinitivo] é _____.” (MEZARI, 2013, p. 70).

Temos que discordar do teste (37) da autora, uma vez que ele permite, por exemplo, uma construção como “esse evento é **fresco**”, em que temos um adjetivo que atribui uma propriedade ao sujeito, não estando relacionado a uma situação – o que, na dissertação da autora, ela mesma considera como sendo adjetivo que seleciona apenas indivíduo.

Para o nosso primeiro teste (cf. apêndice), com quarenta e oito contextos⁶⁰, resolvemos pedir ao informante que, caso considerasse que as duas alternativas apresentadas fossem aceitáveis, deveria dizer se há ou não diferença no sentido das construções e, se sim, qual seria, para verificar se a presença ou ausência de concordância tem influência na interpretação semântica das estruturas.

(2) exemplifica um caso retirado do nosso teste em que poderíamos ter as duas opções, mas com leituras diferentes:

- (2) Pedro está querendo sair com uma mulher, que ele não conhece direito, mas sabe que é irmã do seu melhor amigo, e fala para seu primo:
- a. () Ela é complicado
 - b. () Ela é complicada
 - c. () As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. () Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis

⁶⁰ Achamos importante manter o contexto no teste 1, pois consideramos que certas construções, como algumas apresentadas, por exemplo, em Foltran & Rodrigues (2013), realmente, fora do contexto, podem ser consideradas inaceitáveis. Mesmo assim, não é qualquer tipo de contexto que permite certas construções. Sousa (2012, p. 84), analisando as negativas sentenciais, aponta, por exemplo, que alguns fenômenos são “[...] agramaticais em alguns contextos, mas perfeitamente possíveis em outros [...]”. Concordamos com ela, substituindo apenas o termo ‘agramaticais’ por ‘aceitáveis’.

Uma interpretação seria a de que Pedro poderia achar que ‘sair’ com aquela mulher é algo complicado, uma vez que ela é irmã de seu melhor amigo e, talvez, ele não gostasse dessa ideia (letra ‘a’, sem concordância visível); a outra interpretação seria a de que Pedro acha que essa mulher é uma pessoa complicada (letra ‘b’, com concordância visível) – ‘a’, ‘b’ ou ‘c’, portanto, seriam alternativas esperadas. Nosso foco, no entanto, era verificarmos se a falta de concordância seria aceitável pelos falantes.

No teste 1, que apresenta contextos pragmáticos específicos, tentamos verificar diferentes sujeitos, diferentes formas do verbo *ser* e diferentes tipos de adjetivos predicativos, algo que ainda não tinha sido feito pela literatura, a fim de constatar, por exemplo, o que é e o que não é aceitável na língua.

QUADRO 2 – Características das construções analisadas

		Exemplos
Natureza do sujeito	Nome nu ⁶¹ (singular e plural)	Maria é complicado Meninas é cansativo
	Nome nu e adjetivo atributivo	Menina vaidosa é chato
	Nome com determinante	A menina é complicado Minha mulher é bom
	Sujeito composto não nu	A moça e a senhora é complicado
	Pronome pessoal ‘ela’ (com e sem outros elementos na posição de sujeito)	Ela é complicado Ela bêbada é nojento Ela estudando é lindo
	Quantificador e nome	Muita farofa é enjoativo Poucas pessoas é complicado Várias carnes é complicado
Formas verbais do <i>ser</i>	Singular/Plural	Meninas são divertidas
	Passado	Passagem de ônibus era caro Aquele menina foi ridículo
	Futuro do pretérito	Uma cerveja seria ótimo
Tipos de adjetivo	Descritivo	Moeda é redondo
	Avaliativo	Secretária é chato

FONTE: Elaborado pela autora.

⁶¹ Oliveira & Mezari (2012, p. 8) afirmam que os nomes nus “[...] não têm um determinante aparente, foneticamente realizado, quer definido, como ‘a’ ou ‘as’ em ‘a lagartixa’ ou ‘as lagartixas’, quer indefinido como ‘uma’ em ‘uma lagartixa’ – isso é, o nome (ou substantivo, na terminologia da gramática tradicional) não vem acompanhado de artigo, por isso o sintagma é chamado nu. Os sintagmas “pelados” podem vir acompanhados de adjetivos – por exemplo, em (1) podemos acrescentar ‘grande’ após ‘lagartixa’, obtendo ‘lagartixa grande’. O ponto crucial é que nominais nus não têm artigo algum na sua realização superficial.”

Testando diferentes características dos elementos que compõem as construções predicativas (sujeito, verbo e adjetivo predicativo), tínhamos as seguintes intuições e hipóteses:

Em relação ao **sujeito**, como será discutido com mais detalhes nos resultados dos testes e no próximo capítulo, Duek (2012), Foltran & Rodrigues (2013), Rodrigues & Foltran (2014, 2015), Conto (2016a, 2016b) e Carvalho (2016), que trabalham com o mesmo fenômeno no PB, defendem que há algumas restrições com relação aos sujeitos dessas construções, como a impossibilidade de sujeitos com artigos definidos. No entanto, por acreditarmos, com base na nossa intuição, que alguns dados apresentados pelos autores como não fazendo parte do PB, na verdade, pertencem a essa língua, resolvemos testar essa ideia, a fim de confirmarmos ou refutarmos as afirmações dos autores, tendo como base a aceitabilidade dos nossos informantes.

No que diz respeito ao **verbo**, nossa intuição é a de que, quando está no plural, não permite falta de concordância visível⁶². Nesse sentido, essa afirmação vai de encontro ao que propõe Müller (2002, p. 305) ao considerar “crianças são engraçado” uma construção possível, e resolvemos corroborar por meio dos testes⁶³.

Outro ponto diz respeito ao tempo verbal. Tínhamos como intuição a de que o verbo no futuro do pretérito, ao contrário dos demais tempos verbais, parecia influenciar na falta de concordância visível quando utilizado com adjetivos que selecionam situação e indivíduo, podendo ser parafraseado com infinitivo, como em “uma água seria ótimo/*ótima” (= comprar/beber/tomar... uma água seria ótimo/*ótima)⁶⁴.

Considerando que a cópula *ser* no presente e no singular é muito bem aceita pela literatura, então resolvemos apenas verificar outros casos, como o verbo *ser* no

⁶² Nesse caso, consideramos que não é permitido que a construção pudesse ser parafraseada com infinitivo, talvez porque o sujeito já está evidente, não apresentando verbo oculto (MARTIN, 1975; FAARLUND, 1977; JOSEFSSON, 2009), atribuindo uma propriedade a esse sujeito explícito (ex.: “bananas **são** boas/*bom(ns)”), e não a uma situação (= *comprar/comer... bananas **são** boas/*bom(ns)). Mais adiante, vamos discutir com detalhes essa ideia.

⁶³ Outros dados de Müller (2002) foram contestados por Mezari (2013) pelo fato de ela defender que singulares nus não permitem concordância, o que não é o caso, como já apontado não só por Mezari (2013), mas por outros autores.

⁶⁴ O adjetivo ‘ótimo’ pode atribuir uma propriedade ao sujeito (i) e pode se referir a uma situação (iia). Mas, no caso de (ii), acreditávamos que o exemplo ‘a’ seria o único permitido.

(i) A comida é ótima

(ii) a. Uma água **seria** ótimo (= Beber/tomar/comprar uma água **seria** ótimo)

b. *Uma água **seria** ótima (= *Beber/tomar/comprar uma água **seria** ótima)

plural, no passado (que já tinha sido apontado por Conto (2016b)) e no futuro do pretérito.

Em relação ao **adjetivo em função predicativa**, queríamos verificar se é possível haver casos de adjetivos que estão atribuindo uma propriedade ao sujeito (ex.: “ovelha é peludo”), mas não haver concordância (no caso, com adjetivos descritivos), como se o adjetivo estivesse concordando com um elemento implícito que está relacionado ao sujeito, mas não sendo necessariamente ele⁶⁵.

Nesses casos de leitura que envolve atribuição de propriedade (2a), não é aceitável paráfrase com infinitivo, não podendo ser possível um verbo oculto na posição de sujeito, o que poderia indicar que há duas construções diferentes sem concordância visível, remetendo-nos à proposta de Josefsson (2009, 2014), que será discutida em breve. Se esses dados são possíveis e não considerarmos que pode ser outro tipo de construção, isso não só vai de encontro ao que afirma Foltran & Rodrigues (2013) sobre adjetivos que selecionam indivíduo e adjetivos que selecionam indivíduo e situação, mas também em relação à Conto (2016a), por afirmar que só temos falta de concordância com adjetivos avaliativos (vale destacarmos que estamos considerando que um adjetivo descritivo sempre tem como leitura a atribuição de uma propriedade ao sujeito, ao contrário do avaliativo, que pode ou não estar atribuindo uma propriedade a esse sujeito).

Para os casos em que temos um adjetivo que está atribuindo uma propriedade ao sujeito, mas não há concordância, acreditamos que não é permitido verbo no plural, sujeito definido e adjetivo atributivo, o que se aproximaria do que Josefsson (2009) chama de Construção I (que se difere da construção proposicional)⁶⁶.

⁶⁵ Mezari (2013) encontrou alguns dados assim, com um índice de aceitação baixo, afirmando que os informantes que marcaram essas sentenças como muito naturais interpretaram como um classificador implícito. Em um caso como “onça é esperto”, “Vários participantes, em conversa informal após o teste, explicaram a aprovação de tal sentença sempre dizendo algo como “Ah, é que onça é *um bicho* esperto.” Isso parece explicar os 27,22% de julgamentos como “natural” [...]” (MEZARI, 2013, p. 85-86).

⁶⁶ Não consideramos contextos como: “Me diz algo que seja **vaidoso**”, podendo ter como resposta “mulher é **vaidoso**”, uma vez que é uma construção com foco no adjetivo sem morfologia de gênero feminino, o que pode favorecer o licenciamento de adjetivo sem concordância entre o sujeito feminino (CONTO, 2016b).

Ainda sobre o teste 1, ao invés de colocarmos sentenças distratoras, optamos por substituí-las por sentenças que dizem respeito ao fenômeno, mas para verificarmos outros aspectos, que serão discutidos no próximo capítulo. Um exemplo disso seria o fato de observarmos o sujeito extraposto “é divertido crianças pequenas”, que Foltran & Rodrigues (2013) afirmam não ser possível no PB. Entretanto, estamos considerando que é um dado que faz parte dessa língua. Nesse sentido, as sentenças seriam “pseudodistratoras”, pois são consideradas na análise, sendo colocadas nos testes de forma aleatória.

O teste 2 (cf. apêndice), que apresenta vinte e oito estruturas, foi criado para verificar se o falante tem mais de uma leitura/interpretação quando o adjetivo não apresenta morfologia de gênero feminino, ou seja, com adjetivos que selecionam indivíduo e situação. Nossa intuição é a de que há ambiguidade com adjetivos que selecionam indivíduo e situação, uma vez que, uma sentença como, por exemplo, “água é bom”, sem concordância, para nós, pode estar se referindo tanto a uma situação (como beber) quanto a uma propriedade da água (a de que ela é boa). Portanto, nesse segundo teste, colocamos algumas construções sem concordância entre o sujeito e o predicativo, não apresentado contextos específicos, e pedimos que os informantes dissessem se era aceitável ou não, e, se fosse aceitável, qual(is) seria(m) a(s) leitura(s)⁶⁷.

Além disso, também nesse teste, assim como no teste 1, ainda colocamos outras construções que estamos nomeando de “pseudodistratoras”, como, por exemplo, construções em que gostaríamos de confirmar se há possibilidade de ligação anafórica nas sentenças panquecas sem determinantes (ex.: “cerveja gelada é bom, mas não posso bebê-la”), o que iria de encontro ao que propõe Carvalho (2016), que afirma não haver possibilidade⁶⁸.

3.2 RESULTADO DOS TESTES

Depois de termos descrito os testes e explicitado as motivações para sua realização, esta seção expõe e discute o resultado alcançado, contribuindo para que o leitor compreenda (de maneira mais esmiuçada e sistematizada) algumas das

⁶⁷ Optamos por não dar as opções de leitura ao falante para não influenciar no seu julgamento.

⁶⁸ Os resultados das sentenças que estamos nomeando de “pseudodistratoras” serão apresentados no capítulo posterior.

complicada, como já tinha sido apontado por outros autores, como, por exemplo, Foltran & Rodrigues (2013)⁷⁰.

No teste 1, como já mencionado, optamos por colocar opções de sentenças com retomada de contexto⁷¹, uma vez que consideramos que a pragmática também é relevante para o fenômeno. Assim, ao exemplificarmos cada contexto sintático, iremos colocar um contexto pragmático em que determinado dado foi ou não aceitável⁷².

Os resultados que começamos a apresentar dizem respeito à aceitabilidade de nomes nus na posição de sujeito, como pode ser verificado na tabela 1 a seguir⁷³:

Tabela 1 – Nomes nus na posição de sujeito

Tipo de nome nu	ACV		CV		Ambas		Nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Nome nu no singular	24 (24/30)	80	3 (3/30)	10	3 (3/30)	10	0 (0/30)	0
Nome nu no plural	21 (21/30)	70	0 (0/30)	0	0 (0/30)	0	9 (9/30)	30
Nome próprio	2 (2/30)	6,66	10 (10/30)	33,33	18 (18/30)	60	0 (0/30)	0
Nome nu e adjetivo atributivo	15 (15/30)	50	6 (6/30)	20	9 (9/30)	30	0 (0/30)	0

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota: ACV representa ausência de concordância visível; CV representa concordância visível e Freq. representa a frequência de aceitabilidade.

A tabela 1 mostra que os nomes nus são bem aceitos em sentenças panquecas, apresentando um alto índice de aceitabilidade⁷⁴.

⁷⁰ Como iremos discutir, há casos, no entanto, em que os falantes apontam não haver diferença semântica entre a construção com e sem concordância.

⁷¹ Reforçamos que decidimos não incluir contextos de pergunta e resposta, como em (i), uma vez que já haveria, na pergunta, indicação da forma marcada ou não marcada do adjetivo, podendo influenciar na resposta do falante.

(i) João pergunta a Maria se ela conhece algo que seja **amarelo**. Ela responde:

a. () Mostarda é **amarelo**

b. () Mostarda é amarela

⁷² Todos os contextos podem ser visualizados no apêndice desta dissertação.

⁷³ Salientamos que há uma assimetria em relação à quantidade de alguns dados nas tabelas, uma vez que analisamos diferentes quantidades de construções. Além disso, nos resultados apresentados, não utilizamos o critério de arredondamento.

⁷⁴ Nas tabelas desta dissertação, a coluna da **ACV** indica que o falante considera que apenas a falta de concordância seria possível naquele contexto pragmático; a coluna da **CV** indica que o falante considera que apenas a opção com concordância seria possível; a coluna de **ambas** indica que o falante considera que tanto a concordância quanto a falta de concordância seriam possíveis; e a coluna de **nenhuma** indica que, pelo menos para aquele contexto pragmático dado, as construções com e sem concordância não eram boas. Nesse sentido, ao verificarmos a aceitabilidade das sentenças panquecas, consideramos que os valores da coluna **ACV** e **ambas** são relevantes, mas não iremos somar tais valores, considerando-os isoladamente. Além disso,

No que diz respeito ao nome *nu* no singular (cf. exemplo (5)), 80% indicaram que a construção sem concordância visível era aceitável, além dos 10% de aceitabilidade em relação à possibilidade de termos tanto uma concordância quanto uma falta de concordância.

- (5) Fábria está conversando com sua amiga Luciana sobre possíveis profissões que ela poderia trabalhar, mas Fábria diz: ‘Secretária é chato’

Ao considerar que o contexto em (5) seria bom para uma construção como ‘secretário é chato’, estamos considerando que ser ‘chato’ não necessariamente é uma característica de toda e qualquer secretária, mas de algo que está relacionado à profissão que é chato, como o fato de trabalhar nela.

Nome *nu* no plural⁷⁵ (6) também apresenta um alto índice, com 70% de aceitação em relação às sentenças panquecas.

- (6) Mariana está conversando com sua amiga sobre pessoas com quem ela não gosta de passar o tempo. Ela diz: ‘Meninas é cansativo’

No contexto em (6), ao considerarmos que ‘meninas é cansativo’ é uma boa construção, entendemos que “**passar** o tempo com meninas é cansativo”. No entanto, apesar de haver um alto índice de aceitabilidade da opção sem concordância, alguns falantes (30%) afirmaram que seria melhor o nome *nu* no singular (ex.: “menina é cansativo”), o que pode indicar uma possível influência do número na aceitabilidade dos falantes.

Enger (2004) havia apontado que nomes próprios são possíveis em construções panquecas, mas a depender do contexto pragmático – por isso que ele aponta que a pragmática (e o discurso) são relevantes para o fenômeno. Foltran & Rodrigues (2013) também mostram, por meio do dado em (7), que é possível haver nomes próprios na posição de sujeito. O dado que as autoras apresentam tem

vale reforçarmos que alguns dos contextos pragmáticos apresentam possibilidade de dupla leitura, mas isso não influencia na nossa pesquisa, uma vez que apenas pretendemos verificar se há possibilidade de haver falta de concordância nos contextos sintáticos observados.

⁷⁵ Em todas as tabelas, todos os casos em que não apresentarem a palavra “plural” é porque foram construções analisadas no singular, como, por exemplo, no caso dos nomes próprios e dos nomes nus com adjetivos atributivos, uma vez que as construções no singular são bem aceitas em sentenças panquecas, conforme já mostraram outros pesquisadores.

adjetivo atributivo na posição de sujeito (7), mas também verificamos que há possibilidade de nomes próprios desacompanhados de qualquer outro item lexical nessa posição e haver falta de concordância morfológica (8), a depender do contexto. Além disso, também observamos, como as autoras citadas acima já haviam mostrado (7), que sentenças panquecas podem ocorrer com nomes nus (que podem ou não ser nomes próprios) e adjetivos atributivos na posição de sujeito (9).

(7) Maria bêbada é chato

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 269)

(8) Fábio está precisando de uma pessoa para ajudá-lo a fazer um trabalho da faculdade e pensa na possibilidade de chamar Maria. João, no entanto, diz a ele: 'Maria é complicado'

(9) Pedro está esperando Patrícia terminar de se arrumar, mas começa a reclamar pela espera, dizendo: 'Menina vaidosa é chato'

(8) e (9) apresentam índices altos de aceitabilidade em relação à falta de concordância, uma vez que o contexto em (8) apresenta 60% de julgamentos aceitáveis em relação à possibilidade de haver ou não concordância, além dos 6,66% dos falantes que optaram apenas pela falta de concordância, o que acaba representando mais de 60% de aceitabilidade das sentenças panquecas (uma vez que temos 60% de aceitabilidade em relação a **ambas** e 6,66% em relação à **ACV**).

(9) também apresenta um bom índice de aceitabilidade, pois 50% dos falantes optaram pela construção sem concordância mais 30% dos falantes que optaram pela concordância e falta de concordância.

Vale mencionarmos que os falantes que optaram pelas estruturas sem concordância são aqueles que entendem que 'complicado' e 'chato' não são necessariamente características de 'Maria' (8) e 'Maria vaidosa' (9), assim como nos demais casos com adjetivos que podem estar se referindo a uma situação relacionada ao sujeito. A falta de concordância de (8) é uma construção boa se considerarmos que é complicado '**chamar** Maria', e (9) é aceitável sem concordância se consideramos que é chato '**esperar** menina vaidosa'.

Ainda em relação ao sujeito com nome e adjetivo atributivo (9), como vemos em (10), tal adjetivo no interior do sintagma sujeito não pode apresentar falta de concordância de gênero com o nome no PB. Nesse sentido, mesmo que não haja concordância de gênero entre o sujeito e o adjetivo predicativo, essa concordância ocorre dentro do sintagma, entre os elementos que constituem o sujeito (9), sendo algo obrigatório na língua. Assim, em (9), há concordância entre os elementos que constituem o sujeito, isto é, o nome ('menina') e o adjetivo atributivo ('vaidosa'), mesmo que não haja concordância visível entre o sujeito ('menina vaidosa') e o adjetivo predicativo ('chato'). Portanto, a falta de concordância no interior do sujeito causaria uma agramaticalidade, como mostra (10):

(10) *Menina vaidosoo é chato

Com os resultados dos nomes nus, percebemos que esse contexto é bem aceito pelos falantes no que diz respeito à possibilidade de haver falta de concordância visível. Por outro lado, se houvesse um adjetivo como 'feio(a)', 'fresco(a)' etc., isto é, adjetivos que não indicam uma leitura de situação, a aceitabilidade dessas construções não seriam possíveis.

No teste 1, contexto 7, verificamos se haveria a possibilidade de o falante indicar que é aceitável uma construção como (11a), que apresenta um adjetivo que só poderia estar atribuindo uma propriedade ao sujeito, e constatamos que, das 30 ocorrências, 28 indicaram que deveria haver concordância entre o sujeito (11b).

(11) a. *Mulher é fresco

b. Mulher é fresca

Na seção sobre os adjetivos, no entanto, veremos que certas construções permitem um adjetivo que atribui propriedade ao sujeito e, mesmo assim, há falta de concordância.

Entre os estudiosos, parece não haver dúvidas em relação à falta de concordância com nomes nus⁷⁶, mas os pesquisadores que tratam da concordância

⁷⁶ Os nossos dados se contrapõem aos de Müller (2002), que considera que, com o nominal nu na posição de sujeito, não pode haver concordância (i) (cf. Tabela 1). Além disso, também se contrapõem aos de Carvalho (2013), ao considerar que nomes nus com adjetivos como bom/boa

de gênero em construções predicativas adjetivais apontam existirem certas restrições no que tange ao sujeito dessas estruturas. Nesse sentido, alguns consideram que apenas nomes nus são possíveis nessas construções (DUEK, 2012), e outros apontam que, além dos nomes nus, apenas alguns tipos de sujeito são possíveis.

Foltran & Rodrigues (2013), por exemplo, afirmam que, além dos nomes nus, quantificadores na posição de sujeito também permitem falta de concordância morfológicamente visível. Conto (2016b) aponta que apenas nominais nus, demonstrativos, cardinais e alguns tipos de quantificadores são possíveis com falta de concordância. Assim, na literatura gerativista, alguns estudiosos que tomam os dados do PB para análise não consideram que temos casos em que é possível haver determinantes na posição de sujeito das construções predicativas sem concordância (CARVALHO, 2016; DUEK, 2012); outros consideram que apenas alguns tipos podem ocorrer (CONTO, 2016a, 2016b; FOLTRAN; RODRIGUES, 2013). Sujeitos com determinantes definidos, por exemplo, são considerados agramaticais pela literatura, assim como outros tipos de sujeito. Os casos em (12), portanto, seriam considerados inaceitáveis.

- (12) a. *A adolescente é ridículo
- b. *Minha mulher é bom
- c. *Aquela menina foi ridículo

As construções em (12), em contextos *out of the blue*, parecem ser agramaticais, provavelmente porque o falante interpreta (inconscientemente) que o adjetivo não está funcionando como atribuidor de propriedade/característica ao sujeito. No entanto, apesar de também considerarmos que, com esses tipos de sujeitos, algumas estruturas parecem que não são produzidas no PB, acreditávamos que, em contextos pragmáticos específicos, haveria a possibilidade de serem consideradas boas construções, isto é, construções produzidas na língua, o que pode ser corroborado de acordo com os dados que obtivemos, conforme é mostrado na tabela 2:

não apresentam concordância, sendo, para o autor, assim como para Müller (2002), agramatical uma construção com concordância (ii).

(i) Criança é engraçado/*Criança é engraçada (MÜLLER, 2002, p. 305)

(ii) Cerveja é bom/*Cerveja é boa (CARVALHO, 2013, p. 34).

Tabela 2 – Nomes com determinantes na posição de sujeito

Tipo de determinante	ACV		CV		Ambas		Nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Artigo definido	8 (8/60)	13,33	26 (26/60)	43,33	26 (26/60)	43,33	0 (0/60)	0%
Sujeito composto com artigo definido	24 (24/30)	80	1 (1/30)	3,33	4 (4/30)	13,33	1 (1/30)	3,33
Artigo indefinido	11 (11/30)	36,66	8 (8/30)	26,66	6 (6/30)	20	5 (5/30)	16,66
Pronome possessivo	10 (10/30)	33,33	12 (12/30)	40	4 (4/30)	13,33	4 (4/30)	13,33
Demonstrativo 'aquela'	6 (6/60)	10	16 (16/60)	26,66	37 (37/60)	61,66	1 (1/60)	1,66
Demonstrativo 'tua'	2 (2/30)	6,66	8 (8/30)	26,66	20 (20/30)	66,66	0 (0/30)	0
Cardinal	47 (47/60)	78,33	1 (1/60)	1,66	12 (12/60)	20	0 (0/60)	0

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota: ACV representa ausência de concordância visível; CV representa concordância visível e Freq. representa a frequência de aceitabilidade.

Nos resultados verificados acima, apesar da variação em relação à aceitabilidade de nossos informantes, também percebemos que as construções panquecas podem ocorrer com determinantes, como artigos definidos, pronomes demonstrativos, pronomes possessivos, numerais e artigos indefinidos, assim como outros determinantes que serão tratados mais adiante.

Um contexto com artigo definido teve 13,33% (**ACV**) e 43,33% (**ambas**) de aceitabilidade em relação às sentenças panquecas; o sujeito composto com artigo definido teve 80% (**ACV**) e 13,33% (**ambas**); o artigo indefinido teve 36,66% (**ACV**) mais 20% (**ambas**); o pronome possessivo obteve 33,33% (**ACV**) e 13,33% (**ambas**); o demonstrativo 'aquela' teve 10% (**ACV**) mais 61,66% (**ambas**); o demonstrativo 'tua' obteve 6,66% (**ACV**) e 66,66% (**ambas**) e o contexto de numeral cardinal obteve 78% (**ACV**) e 20% (**ambas**).

Considerando dados como (12), pareceria difícil pensarmos nesses contextos sintáticos com sentenças panquecas, mas os exemplos de (13) a (19) mostram contextos em que seria possível o uso de determinantes, como corroborado por meio dos testes (cf. Tabela 2):

(13) Em um determinado teste, após todas as candidatas terem realizado sua entrevista, Joana, que estava na banca de avaliação, pergunta aos

demais qual candidata eles prefeririam e eles dizem que escolheriam a mais nova. Joana diz: 'A adolescente é ridículo'

(14) Pedro trabalha com lotação e precisa colocar duas pessoas na cabine do carro, mas o carro é pequeno e as pessoas são grandes. Ele diz: 'A moça e a senhora é complicado'

(15) Uma menina está fazendo 15 anos e quer que sua mãe contrate alguém para ornamentar sua festa. Sua mãe, no entanto, só conhece uma pessoa que faz isso, mas considera que ela é uma pessoa muito requisitada. Ela afirma para sua filha: 'Uma mulher que eu conheço é complicado'

(16) Caio diz para João como beijar sua nova namorada é ruim. João diz: 'Minha mulher é bom'

(17) Em um concurso de beleza, a maioria dos jurados escolheu uma determinada menina. No outro dia, um dos jurados reclamou, afirmando: 'Aquela menina foi ridículo'

(18) Luciano está pensando em quem ele poderia escolher para ser sua madrinha de casamento e conta para sua noiva que pretende chamar sua tia por parte de pai. Sua noiva diz: 'Tua tia é ótimo'

(19) Bruno chama sua esposa para conversar e comenta que gostaria de ter um filho. Ela diz: 'Uma criança é bom'

Todos os dados apresentados de (13) a (19) apresentam contextos pragmáticos específicos, permitindo a aceitabilidade dos determinantes em sentenças panquecas. O dado em (15), por exemplo, foi retirado de Rodrigues & Foltran (2014, p. 479), porque as autoras consideram tal dado agramatical, afirmando que a agramaticalidade é devido ao sujeito indefinido. No entanto, verificamos que há aceitabilidade por parte dos falantes nativos do PB, se levarmos

em consideração um contexto pragmático específico (como o que criamos para (15)).

Esses dados de (13) a (19), comparados aos de (12), parecem ser indícios de que há forte influência da pragmática, uma vez que, em contextos *out of the blue*, sua aceitabilidade é questionada.

É ainda importante mencionarmos que, ao escolher a falta de concordância nesses casos, o falante interpreta a sentença como algo que está relacionado ao sujeito, mas que não é uma propriedade atribuída ao sujeito. Desse modo, os dados de (13) a (19) têm as leituras apresentadas nos exemplos de (20) a (26):

(20) **Escolher** a adolescente é ridículo

(21) **Colocar** a moça e a senhora é complicado

(22) **Contratar** uma mulher que eu conheço é complicado

(23) **Beijar** minha mulher é bom

(24) **Escolher** aquela menina foi ridículo

(25) **Chamar** tua tia é ótimo

(26) **Ter** uma criança é bom

Em uma construção que tem como sujeito uma oração infinitiva, o adjetivo sempre aparece em sua forma não marcada, ao contrário de um sujeito feminino. Nas construções cujo adjetivo indica uma leitura de situação, como é possível perceber nos exemplos acima, podemos parafrasear o sujeito com uma oração infinitiva, como se tivéssemos, na verdade, um verbo oculto nas sentenças panquecas. Nossa ideia é que, de fato, a leitura ocasionada com esses adjetivos se dá em razão de o sujeito das sentenças panquecas apresentar um elemento não visível morfologicamente em sua posição, como já havia sido apontado por outros autores, cujas análises serão exibidas no próximo capítulo.

Ainda em relação aos sujeitos, optamos por verificar a aceitabilidade de estruturas com pronomes pessoais, uma vez que Rodrigues & Foltran (2014) consideram um dado como (27) agramatical, mas nossa intuição não indicava o mesmo, pois consideramos que é gramatical se estiver relacionado a alguma situação envolvendo o sujeito 'ela'. Por isso, resolvemos testar tal dado.

(27) *Ela é complicado

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 479)

Em relação aos pronomes pessoais na posição de sujeito, o PB apresenta o seguinte paradigma:

QUADRO 3 – Paradigma de pronomes pessoais no PB

	Singular	Plural
1ª pessoa	Eu	Nós
2ª pessoa	Tu/você/A gente	Vocês/vós ⁷⁷
3ª pessoa	Ele/Ela	Eles/Elas

Fonte: Elaborado pela autora.

Os únicos pronomes que têm indicação de gênero são os pronomes 'ele(s)' e 'ela(s)'. Nesse caso, testamos apenas o pronome que apresenta marcação de gênero feminino, no caso, 'ela(s)', que é a forma que permite falta de concordância visível. Os resultados estão expostos na tabela 3:

Tabela 3 – Pronome pessoal na posição de sujeito

Tipo de sujeito	ACV		CV		Ambas		Nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Pronome sozinho	7 (7/30)	23,33	11 (11/30)	36,66	12 (12/30)	40	0 (0/30)	0
Pronome e gerúndio	3 (3/29)	10,34	2 (2/29)	6,89	24 (24/29)	82,75	0 (0/29)	0
Pronome e adjetivo atributivo	20 (20/30)	66,66	1 (1/30)	3,33	1 (1/30)	3,33	8 (8/30)	26,66

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota: ACV representa ausência de concordância visível; CV representa concordância visível e Freq. representa a frequência de aceitabilidade.

⁷⁷ "Vós" é um pronome quase inexistente na língua, utilizado, raramente, em contextos extremamente formais.

A partir dos resultados exibidos na tabela 3, considerando primeiro o pronome ‘ela’ sozinho na posição de sujeito (28), percebemos que, apesar de os falantes terem preferido o uso da concordância (36,66% de **ACV** e 40% de **ambas**), há um bom índice de aceitabilidade, uma vez que temos 23,33% de preferência pela forma não marcada e 40% de preferência pela forma marcada e não marcada.

(28) Pedro está querendo sair com uma mulher, que ele não conhece direito, mas sabe que é irmã do seu melhor amigo e fala para seu primo: ‘Ela é complicado’

O contexto de (28) permite a possibilidade de o falante interpretar que é complicado chamar a irmã do seu melhor amigo para sair (o sujeito em si não necessariamente possui essa característica de ser complicada) ou que essa mulher é uma pessoa complicada. No caso de interpretar como uma situação ou evento envolvendo o sujeito, temos falta de concordância.

Considerando que também teríamos boas construções com o pronome ‘ela’ e outros elementos na posição de sujeito, resolvemos testar alguns deles, como o pronome mais o verbo no gerúndio (29) e o pronome com adjetivo atributivo (30), e também verificamos que há aceitabilidade por parte dos falantes, já que 10,34% (**ACV**) e 82,75% (**ambos**) dos falantes consideram aceitáveis contextos com gerúndio e 66,66% (**ACV**) e 3,33% (**ambos**) foram os índices de aceitabilidade de sentenças panquecas com o pronome ‘ela’ e um adjetivo atributivo.

(29) Uma mãe começa a observar sua filha estudando e fala para o pai de sua filha: ‘Ela estudando é lindo’

(30) Sabrina fala para sua amiga que gosta bastante de brincar com crianças e sua amiga fala: ‘Elas pequenas é divertido’

Os casos em (29) e (30) se referem a contextos específicos envolvendo o sujeito (sem concordância visível), mas também poderiam ter como leitura a de que ‘divertido’ e ‘lindo’ são características do sujeito, proporcionando a possibilidade de concordância. No contexto em (29), no entanto, quando houve leitura de indivíduo,

não de situação, os falantes optaram pela concordância, consideramos que seria uma interpretação como ‘ela estudando fica linda’ (‘ela estudando é linda’).

Por fim, ainda resolvemos verificar alguns quantificadores na posição de sujeito, apesar de alguns autores já terem apontado que há possibilidade de quantificadores. Nesse caso, resolvemos verificar também alguns tipos que não foram trabalhados pela literatura. A tabela, a seguir, mostra os resultados que obtivemos:

Tabela 4 – Nomes com quantificadores na posição de sujeito

Tipo de sujeito	ACV		CV		Ambas		Nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Toda	0 (0/30)	0	25 (25/30)	83,33	5 (5/30)	16,66	0 (0/30)	0
Todas	45 (45/60)	75	4 (4/60)	6,66	3 (3/60)	5	8 (8/60)	13,33
Muita	42 (42/60)	70	3 (3/60)	5	14 (14/60)	23,33	1 (1/60)	1,66
Poucas	29 (29/30)	97,66	0 (0/30)	0	0 (0/30)	0	1 (1/30)	3,33
Várias	25 (25/30)	83,33	0 (0/30)	0	4 (4/30)	13,33	1 (1/30)	3,33

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota: ACV representa ausência de concordância visível; CV representa concordância visível e Freq. representa a frequência de aceitabilidade.

Em todos os casos, verificamos, no teste 1, que há possibilidade de quantificadores na posição de sujeito, no entanto, com o quantificador ‘toda’ (no singular) é quase inexistente sua aceitabilidade (em contexto *out of the blue*, no teste 2, verificamos que nenhum falante considerou como sendo possível). 83,33% foi a porcentagem de aceitabilidade em relação à concordância e apenas 16,66% (somente 5 casos) foi de aceitabilidade em relação à falta de concordância (**ambas**) (cf. contexto e estrutura em (31)).

(31) Talita está conversando com sua mãe sobre como está sendo difícil lidar com sua filha. Sua mãe diz para ela: ‘Toda menina é complicado’

Um caso com quantificador ‘todas’ (no plural) foi mais bem aceito em relação à sua forma no singular (75% de **ACV** e 7% de **ambas**) (32). (32), por exemplo, traz uma construção considerada agramatical por Conto (2016a), que afirma que quantificadores fortes não podem ocorrer nas sentenças sem concordância entre o

sujeito e o predicativo. Entretanto, como verificado na tabela 4, os resultados alcançados no teste apontaram o contrário.

- (32) Duas professoras querem levar seus alunos para brincar no parque e uma comenta: ‘Todas as crianças é divertido’

Os contextos de (31) e (32) tinham a intenção de induzir o falante a interpretar que lidar com ‘toda menina’ é ‘complicado’ e brincar com ‘todas as crianças’ é ‘divertido’. No entanto, em relação ao quantificador ‘toda’, a maioria dos falantes optou pela concordância (83,33% de **CV** e 16,66% de **ambas**), interpretando que as meninas, de modo geral, têm a característica de serem pessoas complicadas.

Também encontramos leitura parecida em relação ao quantificador ‘todas’, mas houve um índice grande de aceitabilidade de falta de concordância. Sobre essa diferença encontrada entre os resultados de ‘toda’ e ‘todas’, não sabemos se é em razão do contexto ou da diferença de número (singular e plural). Faz-se necessário investigarmos se há contextos específicos em que o quantificador ‘toda’ é mais bem aceito ou se há algo em relação ao número. Neste trabalho, no entanto, pelo fato de o ‘toda’ ser o único que foge um pouco do esperado, deixaremos de lado, retomando esse tipo de dado em trabalhos futuros.

Quanto aos demais quantificadores, também obtivemos uma ótima aceitabilidade, ultrapassando 70%, considerando a porcentagem que indica que tanto a concordância quanto a falta de concordância seriam aceitáveis. (33), (34) e (35) mostram contextos em que outros quantificadores são considerados aceitáveis, como ‘muita’, ‘poucas’ e ‘várias’, respectivamente:

- (33) Carlos gosta muito de comer e acaba comendo muita farofa, mas João diz para Carlos: ‘Muita farofa é enjoativo’

- (34) A mãe de José quer fazer uma festa, mas não gostaria de convidar muitas pessoas. José afirma: ‘Poucas pessoas é complicado’

- (35) Fabiana está querendo fazer um churrasco e quer comprar carne bovina, carne de porco, entre outros tipos. Seu esposo reclama do preço e diz: ‘Várias carnes é complicado’

Contrariando outros autores e confirmando nossa hipótese em relação aos sujeitos, os dados corroboram a ideia de que podemos ter vários tipos de sintagmas na posição de sujeito, inclusive com elementos definidos, o que não é considerado aceitável pela literatura que trabalha com o fenômeno no PB. O que observamos, portanto, é que a falta de concordância morfológicamente visível, em termos de sujeito, é muito menos restrita do que os estudiosos têm apontado. Nessas construções que permitem paráfrase com verbo no infinitivo, parece, inclusive, não haver restrição (o quantificador ‘toda’ ainda precisa ser melhor investigado, mas, em todo caso, até ele apresenta um pouco de aceitabilidade).

3.2.2 O verbo *ser* nas construções predicativas adjetivais

No que diz respeito à cópula *ser* aqui analisada, nossa intuição indicava que o verbo *ser* no plural parecia ter forte influência nas construções predicativas, parecendo impulsionar a realização da concordância. No entanto, uma vez que Müller (2002) apontou existir possibilidade de haver ou não concordância nesse caso, resolvemos testar nossa intuição. Além disso, ainda verificamos outras formas verbais (no singular), conforme mostra a tabela a seguir, como, por exemplo, o futuro do pretérito, uma vez que acreditávamos que essa forma, com adjetivos avaliativos, não permitiria concordância, como em “uma cerveja seria ótimo/*uma cerveja seria ótima”. Os resultados são apresentados na tabela 5:

Tabela 5 – O verbo *ser* nas construções predicativas

Verbo ser	ACV		CV		Ambas		Nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Verbo no plural	0 (0/60)	0	57 (57/60)	95	3 (3/60)	5	0 (0/60)	0
Verbo no passado	16 (16/89)	17,97	17 (17/89)	19,10	55 (55/89)	61,79	1 (1/89)	1,12
Verbo no futuro do pretérito	12 (12/60)	20	20 (20/60)	33,33	28 (28/60)	46,66	0 (0/60)	0

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota: ACV representa ausência de concordância visível; CV representa concordância visível e Freq. representa a frequência de aceitabilidade.

Nas construções predicativas adjetivais com o verbo *ser*, este verbo copular pode aparecer tanto na sua forma singular (36a) quanto no plural (36b). No entanto, no plural, nossa intuição indicava uma influência na concordância entre sujeito e

adjetivo predicativo e pudemos constatar com o resultado dos testes, uma vez que 95% foi a porcentagem de aceitabilidade em relação à concordância e apenas 5% (somente 3 casos) de aceitabilidade em relação às duas formas (com e sem concordância).

- (36) a. Mulher é divertido/divertida
b. Mulheres são divertida(s)/*divertido(s)

Em (36a), o verbo está no singular e há a possibilidade de haver ou não a concordância com o adjetivo ‘divertido’ que pode estar relacionado a uma propriedade do sujeito ou a uma situação envolvendo o sujeito. Em (36b), o verbo está no plural e o adjetivo predicativo não pode aparecer sem concordância de gênero com o sujeito, o que contraria Müller (2002). Os fenômenos da concordância de gênero e número, portanto, talvez estejam, de alguma forma, relacionados, como apontado por Enger (2004) e Carvalho (2016).

Sobre o tempo verbal, pelos resultados apontados, vemos que há possibilidade de haver ou não concordância com os tempos considerados. No caso do verbo no passado, temos 17,97% de **ACV** e 61,79% de **ambas** e, no caso do verbo no futuro do pretérito, temos 20% de **ACV** e 46,66% de **ambas**. Os contextos no passado e no futuro do pretérito podem ser exemplificados em (37) e (38):

- (37) Em uma conversa entre amigos sobre como algumas coisas eram antigamente, um deles aponta: ‘Passagem de ônibus era caro’

- (38) Miguel quer comprar uma boneca para sua filha de três anos e vai até uma loja de brinquedos. Chegando lá, a vendedora pergunta se ele tem alguma preferência e ele diz que quer comprar uma boneca grande. Ao ver uma boneca do tamanho da sua filha, aponta para ela e diz: ‘Aquela boneca seria bom’

Em relação ao dado em (38), novamente pontuamos que, caso fosse um adjetivo que selecionasse apenas indivíduo nessa posição, não teríamos uma construção aceitável.

(39) foi um dos contextos que colocamos nos testes a fim de comprovarmos que, mesmo com verbo no futuro do pretérito, que parece induzir a uma interpretação de proposição, não haveria possibilidade de falta de concordância com esse tipo de adjetivo que seleciona indivíduo. Nesse caso de (39), especificamente, dos trinta falantes, vinte e oito optaram pela concordância e dois colocaram que não eram construções boas para o contexto (nem com e nem sem concordância). Nesse caso, confirmamos mais uma vez nossa intuição.

(39) João está recebendo alguns amigos na casa nova e um deles elogia o estilo da porta. João afirma:

- a. *A porta seria quadrado
- b. A porta seria quadrada

(39) mostra a impossibilidade de haver falta de concordância entre o sujeito e o predicativo, causando agramaticalidade (39a) caso não haja a concordância.

Ainda em relação à forma verbal ‘seria’, esperávamos que não houvesse casos como ‘uma cerveja seria ótima’. Mas, como já foi apontado, há possibilidade de concordância em contextos como esse. Nessa construção, especificamente, dos trinta informantes, dez optaram pela possibilidade de haver concordância.

3.2.3 O adjetivo em função predicativa

Segundo Foltran & Rodrigues (2013) e Rodrigues & Foltran (2014, 2015), nas construções predicativas, há adjetivos que podem selecionar uma situação (ex.: ‘inconcebível’⁷⁸), um indivíduo (ex.: ‘ vaidoso’) e também aqueles que podem selecionar situação e indivíduo (ex.: ‘complicado’). No caso do primeiro tipo, eles só permitiriam falta de concordância; no caso do segundo, haveria a possibilidade de concordar ou não (causando diferença de leitura entre uma e outra construção), e, no terceiro tipo de adjetivos, só haveria a possibilidade de falta de concordância.

⁷⁸ O adjetivo que as autoras colocam (‘inconcebível’) não possui marca de gênero, apenas marca de número, indicando que não pode haver concordância de número. Não conseguimos encontrar um adjetivo com marca de gênero que possa exemplificar esse caso.

Em Faarlund (1977), o autor havia apontado que não podemos ter adjetivos indicando propriedades descritivas do sujeito nas sentenças panquecas, causando uma agramaticalidade, como mostra (40b):

- (40) a. Bøker er tjukke
 Books are thick
 Livros são grossos
 b. *Bøker er tjukt
 Livros é grosso

(FAARLUND, 1977, p. 240)

Em (40b), temos uma construção com falta de concordância entre o sujeito ('*bøker*') e o predicativo ('*tjukt*'), que está em sua forma neutra ('-t'), e a construção é agramatical, já que, de acordo com o autor, temos um adjetivo que indica tamanho ('grosso'), isto é, um adjetivo com valor descritivo.

Conto (2016a) afirma que, no PB, só temos casos em que há falta de concordância com adjetivos avaliativos⁷⁹. A autora afirma, em relação às construções predicativas, que

[...] os adjetivos que ocorrem nessa construção não têm um significado fixado que poderia ser traduzido em uma denotação, porque não há propriedade nos adjetivos como *divertido*, *bom*, *gostoso* que é compartilhado por todas as entidades que podem ser consideradas 'divertidas', 'boas' ou 'gostasas', respectivamente. (CONTO, 2016a, p. 34, tradução nossa)⁸⁰.

Em outras palavras, os adjetivos que têm valor subjetivo, para a autora, são os que ocorrem nessas posições em sentenças sem concordância visível, ou seja, em sentenças panquecas. Nesse sentido, sua proposta parece ir ao encontro de Faarlund (1977), que assume que adjetivos com valor descritivo não podem ocorrer nas sentenças panquecas. Além disso, a ideia de Conto (2016a) também parece também ir na linha de Foltran & Rodrigues (2013), por apontarem que adjetivos que

⁷⁹ De modo sintético, a distinção entre adjetivos avaliativos e descritivos é o fato de os descritivos serem objetivos e os avaliativos serem subjetivos.

⁸⁰ No original: "[...] the adjectives that occur in this construction do not have a fixed meaning that could be translated into a denotation, because there is no property in adjectives like *divertido*, *bom*, *gostoso* that is shared by all the entities that can be considered 'funny', 'good' or 'tasty', respectively." (CONTO, 2016a, p. 34).

selecionam indivíduo não apresentam falta de concordância. Vale referirmos que estamos considerando que todo adjetivo descritivo é um adjetivo que atribui uma propriedade ao sujeito, por isso é um adjetivo que parece selecionar indivíduo.

Entretanto, em relação às línguas escandinavas discutidas em Faarlund (1977), Enger (2004) e Josefsson (2009) mostram que podem haver casos em que temos uma falta de concordância, como mostrado a seguir:

(41) Halm er gult.

straw-MASC.SG is yellow-NEUT.SG

Palha-MASC.SG é amarelo-NEUT.SG

(ENGER, 2004, p. 14)

O sujeito 'halm' ('palha') tem gênero masculino, mas o adjetivo 'gult' ('amarelo'), apesar de se referir à cor, sendo um adjetivo descritivo, apresenta marca de gênero neutro.

Ao observarmos dados como o de (41) e considerando que o PB poderia apresentar casos parecidos (de acordo com nossa intuição), decidimos testar algumas estruturas, cujos resultados constam na tabela 6.

A distribuição do tipo de estrutura está de acordo com algumas das características apontadas por Josefsson (2009) em relação a esse tipo de estrutura, que ela nomeia de Construção I. Segundo ela, esse tipo de construção não pode apresentar, por exemplo, adjetivos atributivos na posição de sujeito e artigos definidos (em nosso caso, resolvemos analisar com outros determinantes também).

Tabela 6 – Adjetivo descritivo nas construções predicativas

Tipo de estrutura	ACV		CV		Ambas		Nenhuma	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Adjetivo descritivo com nome nu na posição de sujeito	0 (0/90)	0	61 (61/90)	67,77	29 (29/90)	32,22	0 (0/90)	0
Adjetivo descritivo com determinantes	0 (0/92)	0	87 (87/92)	94,56	3 (3/92)	3,26	2 (2/92)	2,17
Adjetivo descritivo com nome nu e adjetivo atributivo na posição de sujeito	0 (0/30)	0	26 (26/30)	86,66	4 (4/30)	13,33	0	0

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota: ACV representa ausência de concordância visível; CV representa concordância visível e Freq. representa a frequência de aceitabilidade.

Em relação ao nome *nu* com adjetivo descritivo em posição predicativa, verificamos que nossa intuição foi confirmada, uma vez que temos 32,22% (29 casos) em que os falantes aceitam a falta de concordância, apesar de esse percentual também indicar que eles concordam que é aceitável a concordância (além dos 67,77% de aceitabilidade de **CV**). Nesses casos que aceitam a dupla possibilidade, é interessante observarmos (e que pôde ser constatado pelos comentários dos falantes nos próprios testes) que não parece existir diferença semântica entre a estrutura com concordância e a estrutura sem concordância. Um exemplo das construções testadas pode ser visualizado em (42):

(42) Duas amigas estão discutindo sobre as características da moeda. Uma delas diz: 'Moeda é redondo'

Os falantes que disseram que as construções apresentadas no contexto em (42) eram boas, tanto com concordância ('moeda é redonda') quanto sem concordância ('moeda é redondo'), disseram que não havia diferença de leitura, como já mencionamos. Essa parece ser uma estrutura diferente, uma vez que está predicando sobre o sujeito, mas ele não parece ser o sujeito completo da construção. Inclusive, quando não há concordância visível, parece que é apenas em casos em que poderia haver outro elemento com o qual o adjetivo concorda e que não é verbal, pois não há possibilidade de paráfrase com um verbo no infinitivo, como mostrado em (43):

(43) *Ganhar moeda é redondo

No caso da construção (44a) a seguir, os falantes indicaram, por exemplo, a interpretação que se encontra em (44b) (como se houvesse um elemento implícito não marcado):

(44) a. Ovelha é peludo
b. Ovelha é um **animal** peludo

Em (44a), ao considerar 'ovelha é peludo' uma boa construção, é como se estivéssemos concordando com um hiperônimo, isto é, o 'animal' (44b).

Os dados em (45) e (46) mostram os demais contextos sintáticos analisados:

(45) Sérgio foi ao zoológico pela primeira vez com seu filho. Ao chegarem lá, o filho vê uma onça e diz para o pai: 'A onça é peludo'

(46) No mundo, existem vários tipos de mostarda. Fábria diz para João: 'Mostarda comum é amarelo'

Os contextos com determinante (45) e com adjetivo atributivo na posição de sujeito (46) apresentaram índice baixo de aceitabilidade em relação à falta de concordância, com 3,26% (3 casos de um total de 92) e 13,33% (4 casos de um total de 30), respectivamente. Nesse sentido, não parecem ser boas construções na língua, o que parece estar de acordo com a ideia de Josefsson (2009) quanto às restrições apontadas em relação à Construção I nas línguas escandinavas, conforme será discutido com mais detalhes no próximo capítulo.

Um dos problemas que encontramos em relação aos casos com adjetivos descritivos e falta de concordância é a pouca variedade de construções que analisamos. Seria necessário, a nosso ver, considerarmos diferentes tipos de sujeitos e adjetivos descritivos nessas construções a fim de verificarmos se há restrições em relação aos adjetivos e/ou aos sujeitos, uma vez que, de acordo com nossa intuição, não poderíamos ter algo como (47a), que apresenta adjetivo descritivo, mas não permite falta de concordância.

(47) a. *Atriz é magro

b. Atriz é magra

Portanto, com base nesses resultados, vamos considerar que há possibilidade de adjetivos descritivos nas construções panquecas, uma vez que os dados confirmam nossa intuição e, conforme discutiremos, essa parece ser uma construção diferente das outras que foram apresentadas na seção sobre o sujeito e o verbo dessas construções predicativas adjetivais, por apresentarem características diferentes, como a possibilidade de haver paráfrase com infinitivo, ao contrário de um dado como (42), como mostrado em (43).

3.2.4 Ambiguidade

Uma questão que ainda não foi levantada pela literatura é a possibilidade de ambiguidade em relação a algumas construções que não apresentam concordância. De acordo com a nossa intuição, acreditamos que construções como (48) e (49) são ambíguas:

(48) Água é bom

(49) Carne de porco é gostoso

O dado em (48), para nós, poderia estar se referindo a uma situação envolvendo água (como, por exemplo, **bebê-la**) ou a uma propriedade da água. No caso de (49), também acreditamos que há possibilidade de dupla leitura, indicando que é gostoso **comer** tal carne e que a carne tem como característica ser algo gostoso. Com base em dados como esses, especulamos que, talvez, no PB, haja ambiguidade, e resolvemos testar se nossa intuição estaria de acordo com a intuição de outros falantes do PB por meio do teste 2.

Das vinte e oito construções analisadas, oito são construções que acreditamos serem ambíguas com a falta de concordância⁸¹. Essas construções podem ser visualizadas a seguir:

- (50) a. Água é bom
 b. Panqueca é gostoso
 c. Pimenta é bom
 d. Passagem de ônibus era barato
 e. Comida já foi barato
 f. Cobra é perigoso
 g. Passagem de ônibus era caro
 h. A pimenta é bom

⁸¹ Nas outras vinte construções, pretendíamos verificar extraposição, ligação anafórica etc., como será discutido no capítulo seguinte, assim como as sentenças do teste 1, que nomeamos de “pseudodistratoras”, uma vez que elas foram testadas exatamente para confirmar certos pontos em algumas propostas apresentadas pela literatura.

Para nós, nessas construções, os adjetivos podem estar se referindo tanto a características do sujeito quanto a situações, eventos/eventualidades envolvendo o sujeito, mas que não necessariamente é uma propriedade dele, ou seja, são os adjetivos que Foltran & Rodrigues (2013) afirmam selecionarem situação e indivíduo. Os resultados obtidos constam na tabela 7:

Tabela 7 – Resultado do teste de ambiguidade

Tipo de estrutura	Propriedade		Situação		Ambas	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Água é bom	12 (12/23)	52,17	6 (6/23)	26,08	5 (5/23)	21,73
Panqueca é gostoso	12 (12/18)	66,66	5 (5/18)	27,77	1 (1/18)	5,55
Pimenta é bom	17 (17/24)	70,83	2 (2/24)	8,33	5 (5/24)	20,83
Passagem de ônibus era barato	18 (18/20)	90	1 (1/20)	5	1 (1/20)	5
Comida já foi barato	13 (13/20)	65	6 (6/20)	30	1 (1/20)	5
Cobra é perigoso	13 (13/19)	68,42	4 (4/19)	21,05	2 (2/19)	10,52
Passagem de ônibus era caro	15 (15/21)	71,42	5 (5/21)	23,80	1 (1/21)	4,76
A pimenta é bom	4 (4/5)	80	0 (0/5)	0	1 (1/5)	20

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota: ACV representa ausência de concordância visível; CV representa concordância visível e Freq. representa a frequência de aceitabilidade.

Ao observarmos os resultados da tabela 7⁸², percebemos que os índices indicando ambiguidade não são altos (21,73%, 5,55%, 20,83%, 5%, 5%, 10,52%, 4,76% e 20%). Os maiores números, 22% e 20%, inclusive, indicam apenas 5 e 1 caso, respectivamente, em que o falante opta pela ambiguidade, o que não parece ser uma taxa significativa. No entanto, acreditamos que isso pode ter sido influenciado pelo fato de o comando não estar tão específico.

Pensamos na possibilidade de colocarmos a construção *panqueca* e indicar possíveis leituras, para que o falante pudesse marcar uma ou duas opções, caso achasse que se aplica, mas achamos que isso influenciaria o julgamento do falante, não obtendo o que de fato sua intuição aponta. Portanto, acreditamos que é

⁸² Em cada construção, esperávamos que houvesse o total de 30 intuições, mas alguns falantes consideram algumas das construções estranhas ou inaceitáveis; outros colocaram observações que não dizem respeito à semântica e outros que se esqueceram de colocar a leitura em relação a algumas construções que consideraram aceitáveis. Por essas razões, resolvemos considerar apenas as construções que os falantes consideraram aceitáveis e que indicaram a(s) interpretação(ões).

necessário investigarmos uma melhor forma para verificarmos se há ou não ambiguidade. Além disso, achamos que talvez seja importante verificarmos esses casos (casos apenas sem concordância) com retomada de contexto. Entretanto, seria importante tentarmos encontrar contextos que não induzem leitura de situação ou propriedade.

Uma questão interessante que o teste 2 acabou apontando é que, mesmo com a falta de concordância, o maior índice de leitura é a de propriedade atribuída ao sujeito, com 52,17%, 66,66%, 70,83%, 90%, 65%, 68,42%, 71,42% e 80%, o que parece ir de encontro à ideia de Foltran & Rodrigues (2013) de que a falta de concordância indica que o adjetivo não está atribuindo uma propriedade ao sujeito, mas está indicando uma leitura de situação envolvendo o sujeito. No entanto, todos os falantes que indicaram haver possibilidade de falta de concordância apontaram, com outras palavras, um elemento não marcado com o qual o adjetivo parece concordar, mas que tem a ver com o sujeito, o que parece apontar que a ideia das autoras não está totalmente equivocada, pois o sujeito estaria concordando com um elemento implícito que é não marcado.

- (51) a. Água é bom (= o líquido é bom)
 b. Panqueca é gostoso (= o gosto é bom)
 c. Pimenta é bom (= o tempero é bom)
 d. Passagem de ônibus era barato (= o valor era barato)
 e. Comida já foi barato (= o preço já foi barato)
 f. Cobra é perigoso (= o animal é perigoso)
 g. Passagem de ônibus era caro (= o valor era barato)
 h. A pimenta é bom (= o alimento é bom)

Os sujeitos em (51) não parecem ser os sujeitos das construções. Os adjetivos se referem a características do sujeito, mas que não é necessariamente o sujeito que está explícito, e sim algo como, por exemplo, um hiperônimo (é como se houvesse um elemento nulo com o qual o adjetivo concorda⁸³).

⁸³ Em dados como o do teste 1, como ‘menina vaidosa é chato’, acreditamos que também seria possível uma leitura como “**esperar** menina vaidosa é **algo** chato”. Nesse sentido, é como se houvesse, além do infinitivo, um nome nulo na posição de predicativo desse tipo de sentença panqueca.

Apesar da ausência de concordância visível, essas construções se diferem das construções com adjetivos descritivos com falta de concordância (52a), porque permitem, por exemplo, paráfrase com infinitivo, como mostra (52b).

(52) a. ***Ter/ver/brincar/olhar** mostarda é amarelo

b. **Beber** água é bom

Achamos, no entanto, que é necessário investigarmos melhor casos como os de (51) com retomada de contexto, uma vez que eles foram analisados aqui (no teste 2) em contextos *out of the blue*, a fim de verificarmos se essa leitura de propriedade se mantém nas construções sem concordância.

3.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

De modo geral, tentamos verificar quais eram as características das construções analisadas neste capítulo, observando o seu sujeito, o seu verbo copular e o seu adjetivo em função predicativa, e, com os resultados apresentados, podemos dizer que nossas intuições foram confirmadas, com exceção da ambiguidade, que ainda precisa ser melhor investigada, assim como o verbo no futuro do pretérito, que permite concordância, o que não era esperado por nós nos casos de adjetivos que selecionam indivíduo e situação, e o sujeito com o pronome ‘toda’, que apresentou um baixo índice de aceitabilidade em termos de falta de concordância, o que vai de encontro ao que esperávamos. Mas em relação ao que havia de divergente entre nossa intuição e a de outros autores, pudemos verificar que as nossas foram corroboradas.

No que diz respeito aos sujeitos, parece não haver restrição em relação ao tipo de sintagma nessa posição, podendo ocorrer nas construções sem concordância visível. Nesse sentido, o sujeito parece não influenciar (a não ser a diferença de julgamento entre o contexto pragmático e o contexto *out of the blue*). Sobre o verbo, percebemos que, se o verbo está no plural, ele favorece a concordância, e, nos casos com o verbo no futuro do pretérito mais o adjetivo que seleciona indivíduo, já esperávamos – e pudemos confirmar – não haver falta de concordância. Sobre o tipo de adjetivo, verificamos que adjetivos descritivos, que, por sua vez, são aqueles que selecionam apenas indivíduo, permitem a falta de

concordância em casos específicos, atribuindo uma propriedade ao sujeito, o que parece indicar ser uma construção diferente das outras, uma vez que também não permite paráfrase com infinitivo. Por fim, verificamos que, em contextos *out of the blue*, parece haver possibilidade (pelo menos, em alguns casos) de falta de concordância e estarmos atribuindo uma propriedade ao sujeito evidente.

Com os resultados apontados neste capítulo, podemos fazer uma apreciação de propostas que já foram realizadas sobre a construção predicativa com falta de concordância visível morfológicamente. Portanto, no próximo capítulo, apresentaremos tal discussão.

4 REVISÃO DA LITERATURA E ANÁLISE

Neste capítulo, além de tentarmos contextualizar o leitor acerca do que estudos gerativistas vêm propondo sobre o fenômeno da concordância de gênero nas construções predicativas adjetivais no PB e em outras línguas, em alguns momentos, tentamos estabelecer um diálogo entre os diferentes autores aqui trabalhados, além de nos posicionarmos diante das propostas discutidas⁸⁴. Assim, na medida em que apresentamos cada trabalho, vamos analisando, no caso dos estudos que têm como base outras línguas, até que ponto eles podem ser estendidos ao PB e, no caso das análises que têm como base o PB, vamos verificando se elas conseguem apontar satisfatoriamente o que ocorre na língua, de modo a indicar possíveis explicações para os dados.

Na penúltima parte do capítulo, fazemos uma retrospectiva das propostas, retomando as ideias que parecem ou não plausíveis de serem mantidas, fazendo alguns apontamentos e indicando as conclusões a que chegamos com relação ao fenômeno. Por fim, apresentamos uma síntese do que foi discutido neste capítulo.

O capítulo está dividido da seguinte maneira: na seção 4.1, discutimos a análise de Faarlund (1977); na seção 4.2, o trabalho de Enger (2004); em 4.3, as propostas de Josefsson (2009, 2014); em 4.4, o trabalho de Duek (2012); em 4.5, trazemos a análise de Danon (2012); na seção 4.6, discutimos os trabalhos de Foltran & Rodrigues (2013) e Rodrigues & Foltran (2014, 2015); na seção 4.7, abordamos o trabalho de Conto (2016a); na seção 4.8, discutimos a proposta de Carvalho (2016); na seção 4.9, por sua vez, fazemos uma retrospectiva das propostas, retomando alguns posicionamentos e levantando algumas questões. Na última seção, em 4.10, apresentamos uma síntese do capítulo.

4.1 FAARLUND (1977)

Em *Embedded clause reduction and Scandinavian gender agreement*, Faarlund (1977), ao se referir às línguas escandinavas⁸⁵, afirma que, apesar de

⁸⁴ Nesse sentido, em cada seção secundária, apresentamos não somente a análise do autor do trabalho, mas a nossa posição e a de autores que também se posicionaram diante da proposta discutida na seção.

⁸⁵ Apesar de ele apresentar, especificamente, dados do Norueguês, salienta que é um fenômeno encontrado em qualquer língua escandinava.

normalmente haver concordância nas construções predicativas entre o sujeito e o adjetivo predicativo (1), há casos em que o adjetivo aparece em sua forma neutra, não concordando com seu sujeito (2)^{86,87}:

- (1) Huset er grønt
The-house is green
A casa é verde

(FAARLUND, op. cit., p. 239)

- (2) Grammatikk er morosamt
Grammar is fun
Gramática é divertido

(FAARLUND, op. cit., p. 240)

Em (1), temos um sujeito neutro (*'huset'*) e um adjetivo predicativo que está em sua forma neutra (*'grønt'*), o que indica concordância de gênero entre esses dois elementos. Em (2), entretanto, temos um sujeito masculino (*'grammatikk'*)⁸⁸, mas o adjetivo está em sua forma neutra (*'morosamt'*), o que indica falta de concordância visível de gênero. Nesse sentido, tal língua se assemelha ao PB, uma vez que o PB também apresenta casos em que não há concordância de gênero entre o sujeito e o predicativo – no caso do PB, o adjetivo aparecendo em sua forma não feminina, apesar da forma feminina do sujeito.

Faarlund (op. cit.) afirma que, nessas línguas escandinavas, um adjetivo sempre toma a forma neutra quando concorda com uma sentença e uma oração infinitiva. Assim, tomando como base Wellander (1948, 1955 apud FAARLUND, op. cit.), o autor acredita, portanto, que esses adjetivos neutros, que não apresentam

⁸⁶ Decidimos manter todas as glosas da forma como foi apresentada pelos autores dos trabalhos, acrescentando apenas a tradução em português. Assim, as glosas não estão uniformizadas, mas, se houver dúvida, sugerimos conferir a lista de siglas e abreviaturas. Além disso, quando acharmos necessário, comentários serão dados nas notas de rodapé.

⁸⁷ Os adjetivos que concordam com nomes no plural de qualquer gênero recebem a terminação **-e** (ex.: *'gule'*) (no Sueco, língua também escandinava, recebem **-a**); os adjetivos que concordam com nomes não neutros no singular não têm terminação específica; os adjetivos concordando com nomes neutros no singular recebem a terminação **-t** (ex.: *'gult'*); e, nos casos em que o adjetivo não concorda com o sujeito, eles também apresentam forma neutra **-t**, mesmo o sujeito não sendo neutro (FAARLUND, op. cit.).

⁸⁸ Faarlund (op. cit.) apenas diz que é *'grammatikk'* é um sujeito não neutro. Em Enger (2004), vimos que se trata de um nome masculino.

concordância com o sujeito, parecem concordar, na verdade, com uma sentença ou oração infinitiva, mas apenas no nível abstrato (em algum estágio da derivação)⁸⁹.

A paráfrase⁹⁰ de (3a), por exemplo, poderia ser (3b), que conta com uma oração infinitiva na posição de sujeito:

- (3) a. Pannekaker er godt
 Pancakes is good
 Panquecas é bom (FAARLUND, op. cit., p. 240)
- b. Å ete pannekaker er godt
 To eat pancakes is good
 Comer panquecas é bom (FAARLUND, op. cit., p. 242)

A princípio, pensando no PB, a proposta do autor nos pareceu interessante, uma vez que essa língua também oferece a possibilidade de paráfrase com infinitivo, como mostrado a seguir:

- (4) a. Menina vaidosa é chato
 b. **Esperar** menina vaidosa é chato

Apesar de haver a possibilidade de paráfrase, após apresentarmos com mais detalhes a proposta do autor, mostraremos que há alguns problemas – alguns dos quais com base nos dados do PB, como a impossibilidade de parafrasearmos certas construções.

Continuando com a discussão da proposta do autor, ele afirma que um número limitado de adjetivos sem concordar com o sujeito pode aparecer em

⁸⁹ Martin (1975), ao tratar dos dados do PB, também sugere algo nessa perspectiva, afirmando que o sujeito parece ser, na verdade, uma oração infinitiva. No entanto, como ele não apresenta uma análise formal, discutindo de forma breve tal questão, resolvemos não trazer seu trabalho aqui, apenas no capítulo que traz os pressupostos, ao tratarmos do gênero.

⁹⁰ Ele usa o termo paráfrase, mas afirma que, na verdade, não temos necessariamente uma paráfrase, mas uma interpretação.

posição predicativa, sendo exatamente aqueles que podem ocorrer com uma oração infinitiva na posição de sujeito⁹¹.

Segundo Faarlund (op. cit.), adjetivos indicando cor, tamanho etc. sempre apresentam concordância (5); caso contrário, as sentenças tornam-se agramaticais (6).

- (5) a. Pannekaker er gule
Pancakes is yellow
Panquecas são amarelas
- b. Bøker er tjukke
Books are thick
Livros são grossos

- (6) a. *Pannekaker er gult
*Panquecas é amarelo
- b. *Bøker er tjukt
*Livros é grosso

(FAARLUND, op. cit., p. 240)

Os dados em (5) e (6) apresentam adjetivos que indicam cor (5a e 6a) e tamanho (5b e 6b), mostrando, em (6), que a falta de concordância morfológica entre o sujeito e o predicativo não é permitida com esses adjetivos⁹².

Segundo o autor, os únicos adjetivos que permitem a falta de concordância são “[...] aqueles que podem tomar um dativo ou outro constituinte que denota algum

⁹¹ O autor afirma, no entanto, que, independentemente do tipo de adjetivo, se ele estiver funcionando como atributivo, sempre há concordância (no caso, sempre há concordância interna):

(i) a. Gode erter
Good peas
'Boas ervilhas'

b. *Godt erter
'Bom ervilhas' (FAARLUND, op. cit., p. 242)

O mesmo pode ser dito em relação ao PB (ii), o que nos faz questionar o porquê de haver falta de concordância externa visível, mas não haver falta de concordância interna visível.

(ii) a. Boas ervilhas

b. *Bom (*bons) ervilhas

⁹² Indo de encontro àqueles que defendem que o sujeito das construções sem concordância visível são nomes coletivos, não contáveis, Faarlund (1977) afirma que essa não seria uma explicação satisfatória, pois isso não explicaria o porquê de as estruturas em (5) serem gramaticais e as de (6) não serem. Nos dados do PB, como já apontado por outros autores, também seria possível utilizar um sujeito não coletivo e permitir a falta de concordância, como em “A Maria bêbada é chato” (FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 269).

tipo de envolvimento no conteúdo dos adjetivos, tal como impressão, percepção sensorial, etc.” (FAARLUND, 1977, p. 246, tradução nossa)⁹³, o que, para ele, explicaria o porquê de os exemplos em (6) não serem gramaticais.

O exemplo em (7a), que mostra falta de concordância, permite (7b), com elemento dativo, sendo sinônimo de (7c).

(7) a. Bøker er lærerikt

Books is instructive

Livros é instrutivo

(FAARLUND, op. cit., p. 240)

b. Bøker er lærerikt for deg

Books is instructive for you

Livros é instrutivo para você

c. Det er lærerikt for deg at du les bøker

It is instructive for you that you read books

Det é instrutivo para você que você leia livros⁹⁴

(FAARLUND, op. cit., p. 246)

Ao contrário de construções como (7), as sentenças que não permitem falta de concordância entre o adjetivo predicativo e o sujeito, como em (5a) ‘*Pannekaker er gule*’ (‘panquecas são amarelas’), em razão do tipo de adjetivo, Faarlund (op. cit.) afirma que é porque algo “[...] não pode ser, por exemplo, amarelo [...] PARA alguém, a menos que nós entendamos isso como ‘na opinião de alguém’ ou ‘de acordo com os padrões de alguém’, mas que é um assunto inteiramente diferente.” (FAARLUND, op. cit., p. 246, tradução nossa)⁹⁵. Ou seja, aqueles adjetivos que têm valor descritivo (como cores) não podem aparecer nessas construções, porque elas não podem ser, por exemplo, de uma cor para uma pessoa e de outra cor para outra. Nesse ponto, Conto (2016a) parece ir nessa linha ao afirmar que o PB não apresenta falta de concordância com adjetivos que não são avaliativos.

⁹³ No original: “[...] those that can take a dative or another constituent that denotes some kind of involvement in the content of the adjective, such as impression, sensory perception, etc.” (FAARLUND, op. cit., p. 246).

⁹⁴ Como não há algo correspondente ao ‘*det*’ no PB, na versão traduzida em PB, optamos por repetir a palavra tachada.

⁹⁵ No original: “[...] cannot be yellow [...] FOR someone, unless we take it mean ‘in somebody’s opinion’ or ‘according to somebody’s standards’; but that is an entirely different matter.” (FAARLUND, op. cit., p. 246).

Em relação aos verbos das orações infinitivas, que seriam orações encaixadas, Faarlund (op. cit.) postula que há um verbo abstrato com um significado muito geral, que ele chama de REL ('relação'), cobrindo a relação dos sujeitos ocultos das sentenças, correspondendo, em muitos casos, ao verbo '*ha*' ('ter'); podendo ter como manifestação a preposição '*med*' ('com'). Assim, a sentença de (3a) pode ser parafraseada como (8):

(8) Det er godt med pannekaker

It is good with pancakes

'Det é bom com panquecas'

(FAARLUND, op. cit., p. 254)

Segundo Faarlund (op. cit.), como o sujeito subjacente da oração aparece como um sintagma preposicional ('*med pannekaker*'), ele é tirado da posição de sujeito. Essa posição, então, tem que ser preenchida pelo sujeito *det* (pronome neutro). Algo parecido com esse pronome não é encontrado no PB, no entanto, a tradução em (8) ('é bom com panquecas'), em um contexto específico, parece ser aceitável na nossa língua. Suponhamos, por exemplo, que dois amigos estão conversando, um deles está com vontade de comer mel e o outro diz: "é bom com panquecas" (= comer mel é bom com panquecas)⁹⁶.

Faarlund (op. cit.) aponta que outra característica que diferencia às construções que permitem a falta de concordância visível das que não permitem é o deslocamento à esquerda (*left dislocation*) do sujeito. Nas construções que não são sentenças panquecas, quando o sujeito é deslocado, um pronome ocupando sua posição é inserido, concordando com o elemento (antes sujeito) que está topicalizado, como mostra (9):

(9) Bilane, dei er svarte

The-cars, they are black

Os carros, eles são pretos

(FAARLUND, op. cit., p. 240)

⁹⁶ Dado de introspecção.

Considerando as construções que apresentam falta de concordância (10a), se houver um deslocamento à esquerda do sujeito, ficando em posição topicalizada, o pronome que irá representar o sintagma que está nessa posição é o neutro '*det*' (10b), não concordando com o sujeito ('*pannekaker*'), mas com o adjetivo predicativo neutro ('*godt*')

(10) a. Pannekaker er godt

Pancakes is good

Panquecas é bom

(FAARLUND, op. cit., p. 240)

b. Pannekaker, det er godt

Panquecas, ~~det~~ é bom

(FAARLUND, op. cit., p. 240)

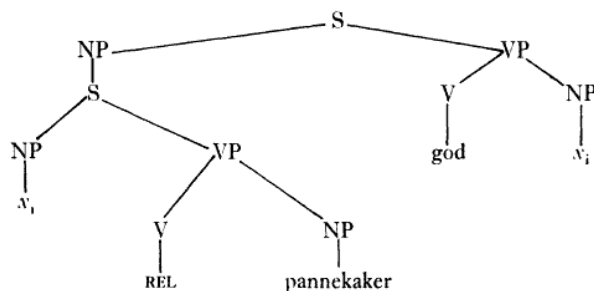
(10b) apresenta um tópico em sua forma masculina e plural, mas não apresenta o pronome resumptivo '*dei*' (masculino) e sim o pronome neutro '*det*', que acaba concordando com o adjetivo neutro, mas não com o sujeito.

Em termos de representação arbórea, o autor propõe que uma construção sem concordância visível, como (3a), repetida aqui como (11), tem a estrutura de (12). Como o autor trata o fenômeno numa versão mais antiga da Teoria Gerativa, Faarlund (op. cit.) usa os termos 'estrutura profunda' para se referir à construção em (12):

(11) Pannekaker er godt

(FAARLUND, op. cit., p. 240)

(12)



(FAARLUND, op. cit., p. 247)

Em (12), o adjetivo *god* ('bom'), que está em posição de predicativo, é marcado para gênero neutro por causa do seu sujeito, que é uma sentença; o

segundo *x* é apagado por causa da identidade com o *x* da sentença matriz. O *S* (*Sentence/Sentença*) dominado pelo NP (*Nominal Phrase/Sintagma Nominal*) é apagado também; o outro *x* não é especificado, portanto não lexicalizado e, então, é apagado. Como o verbo REL não corresponde a um verbo da superfície (*surface verb*), também é apagado⁹⁷, e, portanto, o nó VP (*Verbal Phrase/Sintagma Verbal*) também é retirado.

Com base nas relações de paráfrase e na forma do pronome nas estruturas com deslocamento, Faarlund (op. cit.) afirma que isso confirmaria a estrutura subjacente.

Partindo dos dados do PB, no entanto, temos que discordar do autor em relação a alguns pontos e, além do mais, outros autores apresentam certos argumentos contra sua proposta, alguns dos quais concordamos, outros discordamos, conforme discutiremos a seguir.

Hellan (1986 apud ENGER, 2004; FOLTRAN; RODRIGUES, 2013) afirma que a abordagem transformacional não poderia explicar como os exemplos em (13a) são possíveis. (13a) dificilmente poderia ser derivado de (13b), uma vez que (13b) é inaceitável:

- (13) a. *Vodka er sunt å drikke.*
 Vodka-MASC is healthy-NEUT.sg to drink
 Vodka-MASC é saudável beber
 b. **Å drikke vodka er sunt å drikke.*
 To drink vodka is healthy-NEUT.sg to drink

(ENGER, 2004, p. 7)

(13b) apresenta um elemento infinitivo pós-copular e a paráfrase com infinitivo não é possível. Rodrigues & Foltran (2014, 2015), com base no argumento desse autor, afirmam que adicionar um argumento ao predicativo impediria que (14) pudesse ter uma paráfrase com verbo no infinitivo.

(14) *Água mineral é bom para lavar o cabelo*

⁹⁷ O autor afirma que o REL também é apagado porque ele é redundante sintaticamente (só aparece em sentenças subordinadas, e a sentença já tem, portanto, um verbo finito que carrega tempo e modo) e é redundante semanticamente (pode ser inferido do contexto, isto é, do seu objeto, que passa a funcionar como se fosse o sujeito).

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 286)

(14) continua tendo uma leitura de situação e o adjetivo está relacionado a um verbo específico ('lavar'). Uma observação que fazemos, no entanto, é a possibilidade de usarmos outro verbo na posição de sujeito (15), permitindo a paráfrase, mesmo com complemento infinitivo:

(15) Usar água mineral é bom para lavar o cabelo

Foltran & Rodrigues (2013) ainda afirmam que uma sentença como (16a), com sujeito definido e adjetivo na forma neutra, não poderia ser a paráfrase de (16b), uma vez que (16b) não seria aceitável:

(16) a. Beijar minha mulher é divertido

b. *Minha mulher é divertido

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 285)

Concordamos que, em um contexto *out of the blue*, a construção em (16b) parece estranha ou inaceitável, mas, ao testarmos esse dado com retomada de contexto, a construção em (16) foi bastante aceitável pelos falantes (cf. seção 3.2.1). Nesse sentido, ao contrário do que as autoras defendem, (16a) poderia ser paráfrase de (16b).

Outro argumento contra a abordagem de Faarlund (1977) é dado por Wechsler (2011), o qual afirma que o sujeito de uma construção sem concordância visível não pode ser extraposto. Para ele, se isso fosse permitido, é como se a construção sem concordância tivesse a mesma distribuição que uma oração infinitiva (uma vez que permite sujeito extraposto). Rodrigues & Foltran (2014) apontam que isso não é possível no PB:

(17) a. *É divertido crianças pequenas

b. Cuidar de crianças pequenas é divertido = É divertido cuidar de crianças pequenas

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2014, p. 285)

Descartamos essa hipótese, uma vez que, nos nossos testes, observamos que um dado como (17a) é bastante aceitável pelos falantes. Dos trinta falantes que participaram dos testes, apenas três disseram que não seria aceitável. Um dos que apontou não ser aceitável disse que ‘são divertidas crianças pequenas’ é aceitável; outra apontou que seria aceitável ‘é divertido criança pequena’ ou ‘é divertido criança pequenininha’. Ou seja, até mesmo as sugestões apontam que o sujeito extraposto é permitido no PB.

Por fim, outro argumento apresentado por Foltran & Rodrigues (2013) é o de que a cópula *estar* não pode ser usada em construções como (18). Para elas, esse fato não poderia ser derivado da hipótese infinitiva oculta, uma vez que *estar* ocorre em orações infinitivas evidentes (19):

- (18) a. *Alunas que bebem está chato
b. *Crianças está divertido

(19) Comprar uma casa neste bairro está impossível

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 287)

Para nós, as construções de (18) não são bons exemplos (como seriam no caso do verbo *ser* (20)), porque elas não seriam possíveis nem mesmo com o adjetivo no feminino (20)⁹⁸:

- (20) a. Alunas que bebem é chato
b. Crianças é divertido

- (21) a. *Alunas que bebem está chata
b. *Crianças está divertida

Enger (2004) afirma que, se considerarmos um dado como o apresentado a seguir (22), nós temos um problema:

⁹⁸ Além disso, extrapolam o escopo desta pesquisa.

- (22) Bryting er morsomt
 Wrestling-FEM is fun-NEUT.sg
 Luta livre-FEM é divertido-NEUT.sg

(ENGER, 2004, p. 7)

O exemplo (22) é ambíguo, podendo ser parafraseado de muitas maneiras, significando, por exemplo, que assistir luta livre é divertido ou lutar é divertido, entre outras interpretações. Portanto, para Enger (2004), seria difícil dizer de que (22) foi derivado. Para o autor, “[é] um tanto suspeito que existam tantas e diferentes fontes possíveis de derivação.” (ENGER, 2004, p. 8, tradução nossa)⁹⁹. Enger (2004) argumenta que a análise de Faarlund (op. cit.) é insustentável, já que não seria possível identificar o elemento excluído.

No que diz respeito ao tipo de adjetivo, em que Faarlund (1977) afirma que os adjetivos que podem ocorrer sem concordância são aqueles que indicam, em nossos termos, subjetividade, também percebemos que o PB apresenta tal característica (23)¹⁰⁰:

- (23) a. Ela estudando é lindo/Maria bêbada é nojento
 b. **Observar** ela estudando é lindo/**Ver** ela bêbada é nojento

Na linha da proposta de Faarlund (1977), ao analisarmos os dados do PB que apresentam adjetivos descritivos, percebemos que eles, na maioria dos casos, não permitem falta de concordância (24a) e, por sinal, também não permitem paráfrase com oração infinitiva na posição de sujeito, já que os sujeitos não estão relacionados a uma situação (24b) (nesse sentido, não teria como incluir qualquer verbo infinitivo na posição de sujeito, deixando a construção sem sentido), ao contrário daqueles

⁹⁹ No original: “It is somewhat suspicious that there are so many different possible sources of the derivation.” (ENGER, 2004, p. 8).

¹⁰⁰ Algo parecido também é dito por Conto (2016a) em relação aos dados do PB, uma vez que a autora defende que apenas adjetivos avaliativos, isto é, adjetivos com valor subjetivo, são os que permitem a falta de concordância morfológicamente visível, que, por sinal, são adjetivos que atribuem uma propriedade ao sujeito, indo na linha do que Foltran & Rodrigues (2013) defendem, no sentido de serem adjetivos que selecionam indivíduo, não podendo haver falta de concordância.

que não apresentam adjetivo com valor objetivo, como (23), que permitem falta de concordância visível e paráfrase.

- (24) a. *A porta seria quadrado
b. *Fazer/*comprar... a porta seria quadrado

No entanto, indo de encontro à ideia de Faarlund (op. cit.) e de Conto (2016a) sobre o tipo de adjetivo, verificamos que o PB apresenta casos em que podemos ter falta de concordância visível com adjetivos que têm valor objetivo, como (25), mas que, mesmo assim, atribuem uma propriedade ao sujeito evidente, não indicando que o adjetivo está relacionado a uma situação ou evento:

- (25) a. Mostarda é amarelo
b. Moeda é redondo

Em (25), temos adjetivos descritivos na forma não feminina, não concordando com o sujeito feminino, mas, mesmo assim, atribuindo uma propriedade a esse sujeito. Quando dizemos que ‘moeda é redondo’, não estamos nos referindo a uma situação envolvendo o sujeito ‘moeda’, mas a uma característica/propriedade que ela possui: a moeda tem como característica ser redonda. Nesse mesmo caso, por não estar se referindo a uma situação, não poderíamos construir uma estrutura com verbo no infinitivo, o que poderia descartar a proposta de Faarlund (op. cit.). Entretanto, como será discutido mais adiante, esta parece ser uma evidência de que é possível haver dois tipos de construção no PB, uma que permite paráfrase e a outra que não permite, indo na linha de Josefsson (2009, 2014) que propõe dois tipos de construção (a Construção II segue um pouco da perspectiva de Faarlund (1977), por propor que pode haver paráfrase com infinitivo).

Além disso, até o Norueguês apresenta casos que contrariam aquilo que foi dito por Faarlund (op. cit.) em relação ao tipo de adjetivo nas construções sem concordância visível, como mostrado por Enger (2004). Os dados a seguir apresentam adjetivos com valor objetivo e, mesmo assim, apresentam falta de concordância entre o sujeito e o adjetivo predicativo:

- (26) Halm er gult.

straw-MASC.SG is yellow-NEUT.SG
 Palha-MASC.SG is amarelo-NEUT.SG

(27) Råolje er ikke fornybart.
 petrol-FEM.SG is not renewable-NEUT.SG
 Petróleo-FEM.SG é não renovável-NEUT.SG

(28) Glassemballasje er resirkulerbart.
 glass packing-MASC.SG is recyclable-NEUT.SG
 Embalagem de vidro é reciclável-NEUT.SG

(ENGER, 2004, p. 14)

Em relação à possibilidade de paráfrase com o '*med*' ('com'), que é algo defendido por Faarlund (op. cit.) (não somente em contexto de deslocamento do sujeito), Enger (2004) afirma que nem todas as sentenças panquecas permitem essa paráfrase, como mostrado em (29) e (30)¹⁰¹:

(29) *Det er gult med halm
 it is yellow-NEUT.SG with straw
 Det é amarelo-NEUT.SG com palha

(30) *Det er fornybart med råolje
 it is renewable-NEUT.SG with petrol
 Det é renovável-NEUT.SG com petróleo

(ENGER, 2004, p. 15)

No que diz respeito ao deslocamento do sujeito, ficando em posição topicalizada, foi mencionado por Faarlund (op. cit.) que, em construções panquecas, o pronome que fica no lugar do sujeito da construção é um pronome neutro, concordando com o adjetivo neutro, não com o sujeito. O PB, por outro lado, não apresenta um pronome equivalente ao *det*. No entanto, ainda há a possibilidade de

¹⁰¹ Vale destacarmos que os dados apresentados por Enger (2004) são dados com adjetivos descritivos, o que pode reforçar a ideia de que, de fato, é outra construção.

pensar em algo como (32), que poderia indicar que o sujeito das sentenças panquecas no PB é um elemento topicalizado:

(32) Panqueca, ~~det~~ é bom

Há, no entanto, alguns argumentos contra essa proposta de que o sujeito evidente está em posição topicalizada. Rodrigues & Foltran (2014), com base em Danon (2012), apontam, por exemplo, que, em uma interrogativa, um sintagma *WH* (sintagma *QU*) poderia vir antes do aparente sujeito das construções panquecas:

(33) a. Criança é divertido nos finais de semana

b. Quando que criança é divertido?

Diante dos argumentos apontados, percebemos que a proposta de Faarlund (op. cit.) apresenta alguns problemas e, por isso, a análise não parece poder ser estendida ao PB (inclusive, como já mencionado, o trabalho do autor apresenta alguns problemas em termos empíricos, assim como destacado por autores como Enger (2004)). No entanto, neste trabalho, vamos considerar que o fato de certas construções poderem ser parafraseadas por infinitivo pode ser um indício de que o sujeito parece ser apenas aparente, no sentido de não estar completo.

4.2 ENGER (2004)

No texto *Scandinavian Pancake Sentences as Semantic Agreement*, de 2004, o autor, Hans-Olav Enger, referindo-se também aos dados das línguas escandinavas, defende que o uso do neutro no adjetivo é, na verdade, uma manifestação de ‘concordância semântica’ (também conhecida como ‘concordância referencial’)¹⁰². Nesse sentido, não haveria uma falta concordância, mas uma concordância que não pode ser descrita por traços sintáticos.

As afirmações centrais do autor são: (i) sentenças panquecas estão de acordo com a hierarquia de concordância de Corbett (1979 apud ENGER, 2004); (ii)

¹⁰² Vale mencionarmos que, assim como o próprio autor aponta, com outras palavras, sua ideia de que se trata de uma concordância semântica não é original, uma vez que outros já haviam proposto algo nessa linha, como Widmark (1966, 1971 apud ENGER, op. cit.) e Källström (1993 apud ENGER, op. cit.). No entanto, ele, por sua vez, oferece mais detalhes de concordância semântica e relaciona as sentenças panquecas com a hierarquia de concordância de Corbett (1979).

os sujeitos estão na escala baixa no *continuum* de individuação; (iii) tais sujeitos são imagens-espelho dos sujeitos nos exemplos mais tradicionais de concordância semântica; e (iv) além da morfossintaxe, a semântica, a pragmática e o discurso desempenham papel nessa concordância.

Na seção anterior, apresentamos os argumentos utilizados por Enger (op. cit.) contra a análise transformacional, mas ele também argumenta contra a perspectiva formal baseada em *default*. Nesta, Enger (op. cit.) afirma que seria possível explicar a ocorrência do neutro nas sentenças panquecas dizendo que ele é o gênero *default* no Norueguês. O autor afirma, entretanto, que, para Trosterud (2001 apud ENGER, op. cit.), o masculino é o gênero *default* nessa língua. Trosterud (op. cit.) verifica que, no dicionário da língua, 52% dos nomes são masculinos. Além do mais, 90% das palavras consideradas como casos de empréstimo linguístico tornam-se masculinas.

Enger (op. cit.) afirma, no entanto, que defender que o masculino é o *default* põe em xeque a análise do neutro nas sentenças panquecas como *default*. Entretanto, acredita que uma possível solução para o problema apontado estaria em Fraser & Corbett (1997, 2000 apud ENGER, op. cit.). Os autores distinguem dois tipos diferentes de *default*: (i) caso normal *default* e (ii) caso excepcional *default*¹⁰³. O primeiro seria aquele que recorremos quando não há outras informações, sendo um caso não marcado; e, o segundo, quando temos informações “demais”, sendo o caso marcado. Nesse sentido, Enger (op. cit.) afirma que poderíamos dizer que o masculino é o caso normal *default* em Norueguês, enquanto o neutro é o caso excepcional, não entrando em conflito com Trosterud (op. cit.).

Para Enger (op. cit.), entretanto, apesar de essa distinção entre tipos de *default* parecer valiosa, ela apresenta problemas.

Observe os exemplos a seguir:

- (34) Pølser og potetmos er godt
 sausages-PL and mashed-potatoes-MASC.SG is good-NEUT.SG
 salsichas-PL e purê-de-batatas-MASC.SG é bom-NEUT.SG

¹⁰³ Em nota, Enger (op. cit.) afirma que isso pode ser questionável, pois alguns podem se perguntar se é plausível um sistema operar com dois *defaults* diferentes, e, além disso, argumenta que o uso de (caso normal) *default* para considerar a atribuição de gênero pode ser algo que não tem poder descritivo ou explicativo. Essas questões, no entanto, são deixadas de lado pelo autor.

- (35) Pannekaker er godt
 Pancakes-PL are good-NEUT.SG¹⁰⁴
 Panquecas-PL são bom-NEUT.SG

(ENGER, op. cit., p. 10)

Em (34), '*pø/ser*' está no plural e '*potetmos*' está no masculino e singular. Enger (op. cit.) afirma que esses nomes têm especificações de traços conflitantes, havendo, de certo modo, muita informação. No entanto, se observarmos casos como (35), não faz muito sentido dizer que há muita informação. Portanto, para o autor, não pode ser mantida a visão de que há muita informação nas sentenças panquecas, havendo o caso excepcional *default*. Além disso, segundo ele, há motivação semântica para o uso do neutro, o que apresenta problema para a análise baseada em *defaults*¹⁰⁵.

Examinando quais controladores, alvos¹⁰⁶ e verbos são possíveis nas sentenças panquecas, o autor observa o seguinte: em relação aos controladores, concordando com Faarlund (op. cit.) de que há casos com sujeitos definidos, Enger (op. cit.) traz dados de sujeitos com nomes próprios e afirma que isso parece ter sido ignorado na literatura.

¹⁰⁴ O autor ora traduz a cópula como *are* (com sujeitos no plural), ora como *is*, mas não sabemos exatamente se o verbo '*er*', no Norueguês, está no singular ou no plural. No PB, o que observamos é que essa distinção entre plural e singular do verbo influencia na concordância. Se o verbo está no plural, não temos uma falta de concordância de gênero visível entre o sujeito e o adjetivo predicativo:

(i) Panquecas são boa(s)/*bom(ns)

¹⁰⁵ Josefsson (2009, p. 36, tradução nossa) chega a apontar que o "[...] principal problema com a abordagem de Enger é que o neutro não é o gênero default nem em Sueco, nem em Norueguês, a língua em que ele baseia seus pressupostos."

No original: "The main problem with Enger's approach is that neuter is not the default gender, neither in Swedish, nor in Norwegian, the language on which he bases his assumptions." (JOSEFSSON, 2009, p. 36). Temos que discordar da autora, uma vez que Enger (op. cit.) chega à conclusão de que neutro não pode ser o gênero excepcional *default* na língua que ele analisa, nem pode ser o *default* normal.

¹⁰⁶ O controlador é o sujeito e o alvo é o adjetivo. Eles são nomeados dessa forma porque, quanto ao primeiro, ele determinaria a concordância e, quanto ao segundo, seria o elemento determinado pela concordância. No entanto, questionamos essa nomenclatura, pois, como vimos até aqui, o sujeito não parece determinar a concordância (ou a questão é que o sujeito evidente não é, de fato, o sujeito completo da sentença).

Se imaginarmos, por exemplo, que um casal de gerentes de banco está discutindo onde pode ser a nova filial, e um deles cita ‘*Skogbygda*’ como um lugar apropriado, ele poderia proferir (36):

(36) *Skogbygda kunne være fint*¹⁰⁷

Skogbygda could be fine-NEUT.SG

Skogbygda poderia ser bom

(ENGER, op. cit., p. 12)

Enger (op. cit.) construiu um contexto muito específico para tornar (36) aceitável, muito mais específico que os casos em que não temos um sujeito definido, como ele mesmo aponta. Segundo o autor, isso indica que pragmática e discurso são relevantes para as sentenças panquecas.

Como já apontado por Foltran & Rodrigues (2013), o PB também apresenta casos em que podemos ter nomes próprios como sujeito, como em (37), exemplo que apresenta, além do nome, adjetivo atributivo. Além disso, apesar de as autoras não trazerem dados com nomes próprios sozinhos na posição de sujeito, conseguimos encontrar contextos em que isso é possível (38):

(37) *Maria bêbada é chato*

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 269)

(38) *Fábio está precisando de uma pessoa para ajudá-lo a fazer um trabalho da faculdade e pensa na possibilidade de chamar Maria. João, no entanto, diz a ele: ‘Maria é complicado’*

Vale mencionarmos que, no caso de (38), por ter como sujeito apenas o nome, precisamos criar um contexto bastante específico para tornar a construção aceitável, não ocorrendo o mesmo em relação à construção (37) – talvez em razão de o adjetivo em (37) já indicar, de certa forma, um contexto. Esses casos parecem indicar a possível influência da pragmática nas sentenças sem concordância no PB, assim como Enger (op. cit.) aponta para as línguas escandinavas.

¹⁰⁷ O sujeito seria, para ele, um NP definido, não um DP, por exemplo. Pretendemos, no capítulo seguinte, apresentar uma discussão sobre essa diferença, tentando verificar se haveria influência disso na análise.

Ainda vale apontarmos que, no PB, também percebemos o mesmo não somente em relação aos sujeitos definidos – ao verificarmos, por exemplo, que um dado como (39a), em um contexto pragmático específico (teste 1), é considerado bastante aceitável pelos falantes que participaram da nossa pesquisa –, mas também em relação às construções sem contexto, no caso, construções *out of the blue*, em que os falantes, em sua maioria, consideram uma construção inaceitável ou uma construção com aceitabilidade duvidosa (teste 2):

- (39) a. Fábria está conversando com sua amiga Luciana sobre possíveis profissões que ela poderia trabalhar, mas Fábria diz: ‘Secretária é chato’
 b. */? Secretária é chato

Sobre as restrições em relação aos verbos, Enger (op. cit.) coloca que a forma flexionada do verbo também pode ser relevante. (40), por exemplo, parece ser menos aceitável do que (41):

- (40) Pannekaker er fint
 Pancakes-PL is fine-NEUT.SG
 Panquecas-PL é bom-NEUT.SG
- (41) Pannekaker hadde vært fint
 Pancakes-PL had have been fine-NEUT.SG
 Panquecas-PL tinha sido bom-NEUT.SG

(ENGER, op. cit., p. 13)

Para considerarmos a construção em (40) como aceitável, é necessário pensarmos um pouco mais a fim de encontrarmos um contexto adequado. De acordo com o autor, a razão pela qual (40) parece ser menos aceitável que (41) é que a forma do verbo em (41) indica mais claramente que o sujeito deve ser interpretado como uma proposição¹⁰⁸, e isso tem sido visto como algo central para as sentenças panquecas.

¹⁰⁸ As proposições são definidas como “objetos de crença”, “objetos que têm a propriedade de ser verdadeiro ou falso” (PARSONS, 1990 apud ENGER, 2004).

Enger (op. cit.) aponta, no entanto, que, apesar de ser frequente ver defesas de que os controladores nas sentenças panquecas são proposições, há um número de sentenças em que o controlador dificilmente seria uma proposição, como no dado a seguir:

- (42) Råolje er ikke fornybart
 Straw-MASC is not renewable-NEUT.SG
 Petróleo-MASC é não renovável-NEUT.SG

(ENGER, op. cit., p. 21)

Para o autor, parece, então, que uma caracterização semântica de controladores como proposições não é geral, uma vez que não se aplica a todos os sujeitos. O mesmo pode ser dito também em relação ao PB, uma vez que (43) apresenta uma construção não proposicional e, mesmo assim, permite falta de concordância:

- (43) Mostarda é amarelo

Além disso, apesar de, no PB, o tempo verbal no futuro do pretérito, à primeira vista, parecer indicar uma leitura de proposição, também favorecendo a falta de necessidade de encontrar um contexto específico para considerar a estrutura aceitável, como (44a)¹⁰⁹ – mostrando, inclusive, que ela seria preferível a sua contraparte com concordância (seria necessário encontrar um contexto bastante específico para permitir que seja considerada aceitável) –, verificamos que, mesmo com o verbo no futuro do pretérito, não há como ter falta de concordância em casos como (44b):

- (44) a. A coca-cola seria ótimo/?A coca-cola seria ótima¹¹⁰
 b. A porta seria quadrada/*A porta seria quadrado

¹⁰⁹ Dado de introspecção.

¹¹⁰ Suponha que dois amigos estão querendo comprar uma bebida, mas ficam em dúvida entre a cerveja e a coca-cola, mas outro chega e diz: “a coca-cola seria ótimo” (dado de introspecção). Outro contexto possível (e que foi testado) nos mostra que há possibilidade de termos uma construção como “uma coca-cola seria ótimo”, como pôde ser visto no capítulo anterior.

Em (44b), com o adjetivo descritivo na posição de predicativo, não há possibilidade de falta de concordância entre o sujeito e esse adjetivo, ao contrário de (45) (também necessitando de um contexto específico), que é igual à construção de (44b), mas com adjetivo avaliativo:

(45) A porta seria ótimo¹¹¹

No caso de (45), ao contrário de (44b) (cf. (46a)), pode haver uma paráfrase com sujeito no infinitivo, como mostra (46b):

- (46) a. ***Fazer/construir...** a porta seria quadrada
 b. **Comprar/fazer...** a porta seria ótimo

Assim como Enger (2004) afirma para as línguas escandinavas, também acreditamos que a forma verbal (no caso, no futuro do pretérito) pode indicar leitura de proposição, mas isso não se aplica a todos os casos.

Em relação às restrições dos alvos, ou seja, dos adjetivos, como já apontado, Enger (op. cit.) coloca que, mesmo Faarlund (1977) afirmando, com outras palavras, que os adjetivos com algum tipo de avaliação subjetiva são aqueles que podem ocorrer nas construções panquecas, isso parece não se manter. Um exemplo como (47) é gramatical/aceitável, mesmo o adjetivo denotando uma propriedade objetiva:

- (47) Halm er gult
 Straw-MASC is yellow-NEUT.SG
 Canudo-MASC é amarelo-NEUT.SG

(ENGER, op. cit., p. 21)

Com base nos dados, para ele, uma formulação mais apropriada da restrição sobre os adjetivos pode ser a de que a concordância (digamos que visível morfológicamente) é mais comum quando o adjetivo denota propriedades físicas do referente (TELEMAN; HELLBERG; ANDERSSON 1999 apud ENGER, 2004), ou seja, com adjetivos que não tem valor subjetivo.

¹¹¹ Dado de introspecção.

A fim de caracterizar os controladores semanticamente, já que nem todos podem ser considerados como proposições, o autor vai defender que os controladores são imagens-espelho dos controladores nos casos tradicionais de concordância semântica.

Segundo Dahl (2000a apud ENGER, 2004), gênero semântico (ou referencial) não é uma propriedade dos nomes, mas dos sintagmas nominais. Há dois tipos de concordância de gênero: lexical e referencial, que estão relacionados, mas não são idênticos.

Uma ideia relacionada é encontrada em Widmark (1966 apud ENGER, 2004), que sugere que a categoria dos neutros poderia ser definida por uma lista de características, como, por exemplo:

- (i) Toma um adjetivo atributivo neutro.
- (ii) Toma um adjetivo predicativo neutro.
- (iii) Toma um pronome anafórico '*det*'¹¹².

Nos exemplos a seguir, temos o nome '*vodka*', com gênero lexical masculino, mas o sintagma nominal com '*vodka*' funciona como neutro no que diz respeito aos critérios (iii) e (ii), respectivamente:

(48) *Vodka*, *det* *drikker Ivan*
 vodka-MASC that-NEUT *drinks Ivan*
 vodka-MASC ~~det-NEUT~~ *bebe Ivan*

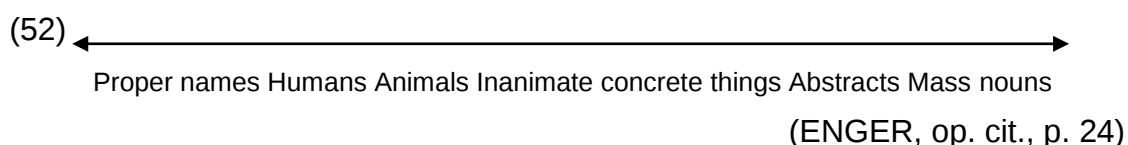
(49) *God* *vodka er sunt*
 good-MASC.SG vodka is healthy-NEUT.SG
 bom-MASC.SG vodka é saudável-NEUT.SG

(ENER, op. cit., p. 22)

¹¹² Enger (2004) afirma que é comum suporem que a escolha dos pronomes pode ser uma manifestação de concordância. Assim, "A escolha do pronome neutro *det* 'it' nos exemplos [...] correlaciona com a ocorrência do neutro nos predicativos, e a escolha do pronome pode ser uma manifestação de concordância semântica." (ENER, 2004, p. 20, tradução nossa). No original: "The choice of the neuter pronoun *det* 'it' in the examples above correlates with the occurrence of neuter on the predicatives, and choice of the pronoun can be a manifestation of semantic agreement." (ENER, 2004, p. 20). Ou, para nós, pode ser uma indicação de que ele não é o sujeito da construção.

que o contrário não poderia ocorrer (no sentido de, em uma determinada construção, haver concordância sintática com o adjetivo predicativo e a concordância semântica com o adjetivo atributivo).

Para o autor, teríamos uma sentença panqueca quando os controladores estão na escala baixa no ‘*continuum* de individuação’ (‘*continuum of individuation*’)¹¹⁵ proposto por Sasse (1993 apud ENGER, op. cit., p. 24), isto é, por estarem mais à direita.¹¹⁶



De acordo com essa proposta relacionada ao *continuum*, os sujeitos das sentenças panquecas estão na escala alta, isto é, à direita.

No fim do texto, Enger (op. cit.) também toca nas questões diacrônica e tipológica. Em relação à primeira, ele afirma que a construção predicativa foi ‘ressemantizada’ (no inglês, *re-semanticised*), causando uma sentença panqueca. A tipológica, porque, por exemplo, nas sentenças panquecas, os adjetivos não estão apenas neutros, mas também no singular, mostrando a conexão entre o número e o gênero (CORBETT, 2000 apud ENGER, op. cit.). No PB, conforme já mencionado, também percebemos esse paralelo em alguns casos.

Além desse paralelo tipológico entre gênero e número, ele afirma haver uma relação entre o alto grau de definitude com a concordância “comum” e a relação entre o baixo grau de definitude com a aparente ausência de concordância, o que vai ao encontro dos nossos dados, uma vez que é mais provável que haja casos sem concordância com sujeitos que não apresentam determinantes, sendo possíveis tais casos, mas em contextos pragmáticos específicos.

¹¹⁵ Essa ideia tem relação, por exemplo, com definitude, porque, quanto mais específico é o sujeito, mais individualizado ele é, e é mais provável que o controlador se refira a uma entidade alta no *continuum*, havendo mais concordância “padrão” (o controlador das sentenças panquecas, no entanto, geralmente é indefinido). Mas vale mencionar que a relevância do grau de individuação já tinha sido levantada por Widmark (1966 apud ENGER, op. cit.).

¹¹⁶ A sequência traduzida da esquerda para a direita é: nomes próprios, humanos, animais, inanimado, coisas concretas, abstratos, nomes massivos.

Rodrigues & Foltran (2014), no entanto, descartam a proposta do autor, porque dados como os abaixo mostram sujeitos que ocupam uma escala alta no *continuum* e, mesmo assim, não disparam concordância:

(53) a. Mulher é complicado

b. Crianças é divertido (RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 477)

c. Cem convidados é chato

d. Vaca é sagrado

e. Cobra é perigoso (RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 481)

Os exemplos em (53a), (53b) e (53c) têm como sujeito ‘humanos’, e (53d) e (53e) apresentam sujeitos ‘animais’, mostrando que eles não estão na escala baixa do *continuum*.

Conforme Josefsson (2009), outra desvantagem na análise de Enger é que um sujeito que denota uma substância como em (54a) rejeita todos os tipos de flexão definida (54b), bem como adjetivos atributivos (54c). Sua análise, no entanto, apesar de considerar (54a) como sendo gramatical, não explica o porquê de (54b) e (54c) serem agramaticais:

(54) a. Senap är gul-t

mustard_{COMMON} is yellow-neut

mostarda_{COMUM} é amarelo-neut

‘Mustard is yellow.’

b. *Senap-et/ *senap-en är gul-t

mustard-def.neut/mustard-def.common is yellow-neut

mostarda-def.neut/mostarda-def.comum é amarelo-neut

c. *Fransk senap är gult.

french.common mustard is yellow.neut

francesa.comum mostarda é amarelo.neut

(JOSEFSSON, 2009, p. 32)

Para Josefsson (2009, p. 36, tradução nossa), portanto, “[...] a hierarquia de concordância de Corbett não explica os padrões de concordância [...]”¹¹⁷.

Ainda apontamos como problema o fato de a sua proposta de concordância semântica não explicar a diferença de leitura entre as seguintes construções:

- (55) Halm er gult
 Straw-MASC is yellow-NEUT.SG
 Canudo-MASC é amarelo-NEUT.SG

(ENGER, op. cit., p. 14)

- (56) Pannekaker er fint
 Pancakes-PL is fine-NEUT.SG
 Panquecas-PL é bom-NEUT.SG

(ENGER, op. cit., p. 13)

Na construção em (55), ‘*gult*’ (‘amarelo’) é interpretado como uma propriedade do nome, diferentemente da construção (56) em que ‘*fint*’ (‘bom’) se refere a uma situação envolvendo panquecas.

Além disso, Enger (op. cit.) aponta que pragmática e discurso são importantes para o fenômeno, mas não desenvolve uma análise nesse sentido.

No decorrer da apresentação da proposta de Enger (op. cit.), percebemos que muitos aspectos mencionados em relação às línguas escandinavas podem ser estendidas ao PB, mas, considerando os argumentos apresentados acima, a proposta do autor de ‘concordância semântica’ não parece ser a melhor alternativa para explicar o que acontece no PB e, com base no que já foi apontado por Josefsson (2009), nas próprias línguas escandinavas.

4.3 JOSEFSSON (2009, 2014)

No texto *Pancakes and peas – on apparent disagreement and (null) light verbs in Swedish*, de 2009, Gunlög Josefsson defende que, no Sueco, assim como

¹¹⁷ No original: “[...] Corbett’s agreement hierarchy does not explain agreement patterns [...]” (JOSEFSSON, 2009, p. 36).

em outras línguas escandinavas, nos casos de concordância não canônica, há apenas uma aparente falta de concordância entre o sujeito e o predicativo.

A primeira proposta de Josefsson (2009) é que não temos apenas um tipo de construção com aparente falta de concordância, mas dois tipos, que ela nomeia de Construção I (57) e Construção II (58):

- (57) *Senap är gul-t*
 mustard_{COMMON} is yellow-neut ('Mustard is yellow')
 mostarda_{COMUM} é amarelo-neut ('Mostarda é amarelo')
- (58) *Två älskare är omoralisk-t*
 [two lovers]_{COMMON,PL} be.pres immoral-neut ('To have two lovers is immoral')
 [dois amantes]_{COMUM,PL} é.pres imoral-neut ('Ter dois amantes é imoral')
- (JOSEFSSON, 2009, p. 29)

(57) e (58) apresentam os nomes (sujeitos) com gênero comum, mas os adjetivos apresentam-se na sua forma neutra. A autora aponta que seria anti-intuitivo pensar em uma falta de concordância, uma vez que a concordância canônica não seria possível nesses casos, já que, em (57), teríamos uma agramaticalidade; e, em (58), até poderíamos ter uma concordância canônica, mas a leitura seria diferente, implicando que a imoralidade é uma propriedade dos amantes, não mais o fato de ter dois amantes que é imoral¹¹⁸. Além disso, (57) apresenta uma leitura massiva, enquanto a Construção II, assim como (58), apresenta uma leitura proposicional.

A seguir, apresentamos um quadro com um levantamento das principais diferenças, que foram apontadas pela autora, entre essas construções.

QUADRO 4 – Diferenças entre a Construção I e a Construção II

	Construção I	Construção II
Sujeito parafraseado como um sintagma	a <i>Senap är gult-t</i> mostarda é amarelo-neut # <i>Att ha senap är gul-t</i> 'Ter mostarda é amarelo' (Construção sem sentido)	<i>Två är omoralisk-t</i> Dois amantes é imoral-neut = <i>Att ha två är omoralisk-t</i> 'Ter dois amantes é imoral'

¹¹⁸ Foltran & Rodrigues (2013) também apontam que, no PB, isso acontece. Quando não há concordância, temos uma leitura relacionada a uma situação; quando há, relacionada a uma propriedade. No entanto, as autoras não consideram casos como o da Construção I. Esse tipo de construção vai de encontro à análise delas ao considerarem que adjetivos que selecionam indivíduo não permitem falta de concordância.

infinitivo		
Sujeito parafraseado com 'det' + sintagma 'med'	* <i>Det är gul-t med senap</i> * Det é amarelo-neut com mostarda (Construção sem sentido)	<i>Det är omoralisk-t med två älskare</i> Det é imoral-neut com dois amantes 'É imoral ter dois amantes'
Sujeitos definidos	* <i>Senap-en är gul-t</i> mostarda-common.def é amarelo-neut	<i>Väska-n på ryggen</i> bolsa-common.def em costas.a <i>är modern-t i år</i> é moderno-neut esse ano 'É moderno ter a bolsa nas costas esse ano'
Adjetivos atributivos	* <i>Fransk senap är gult</i> francesa.(C) mostarda é amarelo.neut	<i>Två franska älskare är omoralisk-t</i> dois franceses amantes é imoral-neut 'É imoral ter dois amantes franceses'

FONTE: Josefsson (2009, p. 32).

NOTA: As partes que estavam em inglês, traduzimos para o Português.

Segundo a autora, nas sentenças que podem ser nomeadas como Construção II, diferentemente da Construção I, há, no sujeito, um argumento implícito, permitindo que esse aparente sujeito possa ser parafraseado por um sintagma infinitivo; também podendo ser parafraseada pelo expletivo 'det' + o sintagma 'med' e permite sujeitos definidos e adjetivos atributivos.

Para justificar a existência da Construção I e da Construção II, a proposta da autora é a de que há um Sintagma Semântico (SemP, *Semantic Phrase*) acima do sujeito, contendo, no seu núcleo, um traço neutro, desencadeando concordância neutra no adjetivo predicativo¹¹⁹.

A autora combina essa suposição de um SemP com uma análise do sistema de gênero no Sueco, segundo a qual haveria quatro gêneros semânticos: *male* (masculino), *female* (feminino), *thing* ou *bounded entity* (coisa ou entidade delimitada) e *substance* ou *unbounded* (substância ou entidade não delimitada), que inclui eventos também¹²⁰.

Semanticamente, o pronome nulo é uma questão que pertence ao quarto gênero semântico no Sueco, que contém substâncias/entidades não delimitadas e eventos. O padrão de concordância, portanto, não seria *default*, mas motivado por um traço do núcleo do sujeito, uma vez que o traço neutro carrega um significado que corresponde ao quarto gênero. No caso de ser interpretado como substância,

¹¹⁹ Em Josefsson (2014), conforme discutiremos, a autora substitui o SemP por um Sintagma Classificador (ClassP, *Classifier Phrase*).

¹²⁰ Conto (2016b) traduz os termos *bounded entity* e *unbounded entity* por 'entidade ligada' e 'entidade não ligada'.

SemP seleciona um NP; no caso de uma entidade não delimitada (como um evento), SemP seleciona um vP¹²¹.

Cada gênero semântico corresponde a um pronome particular: *han* (ele) – masculino, *'hon'* (ela) – feminino, *'den'* (no inglês, ela traduz por *it*, mas não há correspondência no PB – *it.comum*) – coisa ou entidade delimitada, e *'det'* (*it.neutro*) – substância ou entidade não delimitada. O pronome *'det'*, usado como um pronome semântico, não apresenta um traço de número, mas tem um traço de gênero, embora seja neutro.

A autora argumenta que a Construção I contém um pronome nulo na projeção mais alta do sintagma nominal sujeito. Esse pronome é responsável pela concordância neutra no adjetivo predicativo. A estrutura seria paralela à construção (59a), a seguir, em que o pronome evidente *'hon'* (ela) ocupa a posição mais alta de um DP, precedendo o artigo definido¹²²:

(59) a. [_{SemP} hon [_{DP} den nya professorn]]

she the new professor ('she/the new professor')

ela a nova professora ('ela/a nova professora')

b. [_{SemP}∅ [_{NP} senap]]

mustard

mostarda

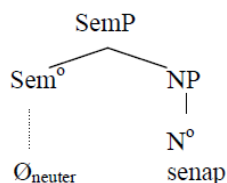
(JOSEFSSON, 2009, p. 33)

Na construção I, em (59b), o sujeito é um SemP que toma como complemento um NP (*Nominal Phrase*/Sintagma Nominal). Para a autora, a estrutura do sujeito nas construções como (59b) seria (60):

(60)

¹²¹ Como veremos mais adiante, no seu trabalho de 2014, a autora afirma que ClassP (aqui tratado como SemP) pode ter outros tipos de complemento.

¹²² A autora aponta que não há quebra de entonação entre o pronome e o resto do sujeito em (59a), o que implica que *'den nya professorn'* não tem uma leitura de aposição. Se tivesse, a estrutura seria diferente.



(JOSEFSSON, 2009, p. 34)

O traço neutro não é uma propriedade do nome, mas parte de uma projeção estendida contendo esse nome (ela afirma que uma proposta similar foi feita por Dahl (2000 apud JOSEFSSON, 2009), que usa os termos ‘gênero referencial’ ao invés de ‘gênero semântico’). Para ela, Isso explicaria o porquê de o sujeito na Construção I não poder ter flexão de definitude nem um modificador adjetival.

Segundo a autora,

Se um traço de definitude estivesse presente no núcleo lexical, produzindo **senapen* (mustard.def.common) ‘a mostarda’, usado na Construção I, esse traço também exigiria a presença de um traço de gênero gramatical, talvez apenas por causa da fonologia. [...] Um nome definido flexionado para gênero comum causaria então um conflito de gênero dentro do sintagma nominal – a projeção mais alta, o SemP, carregaria o traço neutro, considerando que a projeção mais baixa, o DP/NP, carregaria um traço de gênero comum – causando *crash*. [...] Assumindo que a concordância adjetival, pelo menos no não plural, é marcada para gênero gramatical, haveria um conflito similar de gênero quando o adjetivo atributivo fosse concatenado. **Fransk senap är gul-t* (francesa-comum mostarda is amarelo-neut) está então fora, [...] porque o traço de gênero comum no adjetivo atributivo *fransk* se chocaria com o traço de gênero hospedado no SemP. (JOSEFSSON, 2009, p. 34, tradução nossa)¹²³.

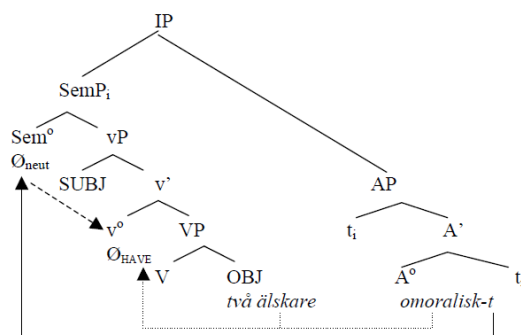
No caso da Construção II, que tem uma leitura proposicional, a autora assume que o sujeito não é simplesmente um sintagma nominal, mas uma espécie de oração cujo DP (por exemplo, ‘*Två älskare*’ – ‘dois amantes’) é um objeto¹²⁴, posição assumida também por Telemann et al. (1999 apud JOSEFSSON, 2009). Para o PB, Martin (op. cit.) já havia dito algo nesse sentido, como já mencionamos.

¹²³ No original: “If a definiteness feature would be present on the lexical head, yielding **senapen* (mustard.def.common) ‘the mustard’, used in Construction I, this feature would also require the presence of a grammatical gender feature, maybe only for the sake phonology. [...] A definite noun inflected for common gender would thus cause a gender conflict within the noun phrase – the upstairs projection, the SemP, would carry the neuter feature, whereas the downstairs projection, the DP/NP, would carry a common gender feature – causing the derivation to crash. [...] Assuming that adjectival agreement, at least in the non-plural, is marked for grammatical gender, a similar gender conflict as the one described above will arise if an attributive adjective is merged. **Fransk senap är gul-t* (Frenchcommon mustard is yellow-neut) is thus out, [...] because the common gender feature on the attributive adjective *fransk* clashes with a gender feature hosted in the SemP.” (JOSEFSSON, 2009, p. 34).

¹²⁴ Digamos que, em essência, a proposta é bastante parecida com o que propõe Faarlund (op. cit.).

A estrutura arbórea da Construção II seria a seguinte:

(61)



(JOSEFSSON, 2009, p. 53)

A proposta é que há um verbo na estrutura, mas ele é nulo, mais especificamente um verbo leve. Josefsson (2009) adota a ideia de que os verbos leves são verbos de *passpartouts*, como sugerido em Butt (2003 apud JOSEFSSON, 2009), isto é, “[...] suas especificações semânticas lexicais são tão gerais que podem ser usadas em uma multiplicidade de contextos [...]” (BUTT, 2003, p. 18 apud JOSEFSSON, 2009, p. 43, tradução nossa)¹²⁵, assumindo que os verbos leves são instâncias de *v* (vezinho).

Como já dito, a autora sugere que o quarto gênero semântico abrange eventos e substâncias. No caso dos eventos, eles são expressos por vPs e, no caso das substâncias, pelos NPs. De acordo com ela, em (61),

[...] o adjetivo *omoralisk* ‘imoral’ desambigua o xP selecionado pelo núcleo nulo do SemP como sendo um vP, e não um NP. (Um adjetivo como ‘imoral’ normalmente não caracteriza uma substância, mas descreve naturalmente um evento estativo.) Poderíamos assim assumir que o Sem⁰ licencia o verbo nulo (uma relação indicada pela seta listrada [...]), enquanto que o adjetivo *omoralisk* identifica-o como um verbo leve particular, presumivelmente em combinação com o fato de que o DP (*två älskare* ‘dois amantes’ [...]) carrega um papel temático, atribuído por este verbo leve nulo. (JOSEFSSON, 2009, p. 54, tradução nossa)¹²⁶.

¹²⁵ No original: “[...] their lexical semantic specifications are so general that they can be used in a multitude of contexts [...]” (BUTT, 2003, p. 18 apud JOSEFSSON, 2009, p. 43).

¹²⁶ No original: “[...] the adjective *omoralisk* ‘immoral’ disambiguates the xP selected by the null head of the SemP as being a vP, not an NP. (An adjective like ‘immoral’ does not normally characterize a substance, but describes naturally a stative event.) We could thus assume that the Sem⁰ licenses the null verb (a relation indicated by the striped arrow [...]), whereas the adjective *omoralisk* identifies it as a particular light verb, presumably in conjunction with the fact that the DP

No caso do PB, em relação aos dois tipos de construção, algo parecido também ocorre, ao considerarmos que (62) e (63) são construções aceitáveis na língua:

(62) Mostarda é amarelo¹²⁷

(63) Menina vaidosa é chato

Apesar de (62) e (63) apresentarem falta de concordância visível, elas apresentam diferentes leituras semânticas. No caso de (62), interpretamos que ‘amarelo’ é uma propriedade do sujeito ‘mostarda’, ao passo que, em (63), interpretamos que ‘chato’ não necessariamente é uma característica do sujeito ‘menina vaidosa’, mas uma situação envolvendo ‘menina vaidosa’ é que é ‘chato’, como esperar que ela fique pronta para um compromisso. Nesse sentido, resolvemos verificar se a proposta de Josefsson (2009) de duas construções diferentes se aplica ao PB¹²⁸. Portanto, em um primeiro momento, verificamos se a língua apresenta as características do quadro anterior, e chegamos ao seguinte:

QUADRO 5 – Construção I e Construção II no PB

	Construção I	Construção II
Sujeito parafraseado como um sintagma infinitivo	Mostarda é amarelo *Ter mostarda é amarelo	Maria é complicado Chamar Maria é complicado
Sujeito parafraseado com o sintagma ‘com’	*É amarelo com mostarda	É complicado com mulher
Sujeitos definidos	* A mostarda é amarelo	A mulher é complicado
Adjetivos atributivos	*Mostarda comum é amarelo	Menina vaidosa é chato

FONTE: Elaborado pela autora.

(*två älskare* ‘two lovers’ [...]) carry a thetarole, assigned by this null light verb.” (JOSEFSSON, 2009, p. 54).

¹²⁷ Os falantes que apontaram ser aceitáveis tanto “mostarda é amarelo” quanto “mostarda é amarela” afirmaram que não havia diferença de sentido entre uma ou outra forma, confirmando nossa intuição de que, nas construções como a de (62), estamos atribuindo uma propriedade ao sujeito, mesmo com a falta de concordância visível.

¹²⁸ Conto (2016b) também apresenta tal comparação, mas traz argumentos que acreditamos serem problemáticos, como discutiremos mais adiante. Além do que, não considera que, no PB, exista algo parecido com a Construção I (os testes, no entanto, parecem nos dizer o contrário).

Em relação à primeira característica, assim como já tínhamos apontado em outros momentos, o PB permite paráfrase com infinitivo, como mostra (64). No entanto, como consta no quadro, um dado como (65) não permite tal paráfrase, sendo impossível encontrar um contexto em que faça um pouco de sentido colocar um verbo no infinitivo, mesmo para exemplificar agramaticalidade:

(64) Maria é complicado/**Chamar** Maria é complicado

(65) a. Mostarda é amarelo/***Ter** mostarda é amarelo

b. Moeda é redondo/***Ter** moeda é redondo

Em relação à segunda característica, não podemos dizer que ela é uma característica relevante para o PB, assim como já tinha mencionado Conto (2016b), porque nossa língua não apresenta um pronome como ‘*det*’. No entanto, encontramos algo parecido com a construção ‘*med*’ (‘com’), como mostra (66):

(66) É complicado com mulher, não com homem¹²⁹

Supondo que dois amigos estão conversando sobre fazer alguma atividade física e um deles reclama que é complicado fazer atividade com homem, mas o outro, querendo contrariá-lo, diz “é complicado com mulher, não com homem”, parece que temos uma boa construção na língua, tendo a leitura de que “fazer atividade física é complicado com mulher”.

No caso do sujeito definido, Conto (2016b, p. 183) afirma que, no PB, esta não é uma característica útil na diferenciação, justificando que a presença de sujeito definido “[...] nas sentenças em que há marcação no adjetivo é trivial e sua leitura é específica.”, colocando os seguintes exemplos:

(67) A saia é provocativa

(68) A mulher é engraçada

(CONTO, 2016b, p. 183)

¹²⁹ Dado de introspecção.

Discordamos do argumento da autora porque as sentenças panquecas se caracterizam exatamente por não apresentarem concordância entre o sujeito e o adjetivo predicativo. Além disso, como pudemos verificar, um dado como (69), com falta de concordância visível, não parece boa, ao contrário de um dado como (70), que, apesar de também apresentar falta de concordância visível, permite sujeito definido:

(69) *A mostarda é amarelo

(70) A adolescente é ridículo¹³⁰

No que diz respeito à última característica, como apontado por Conto (2016b, p. 184), parece ser “[...] bastante produtiva a ocorrência de adjetivos atributivos no sujeito de sentenças em que a concordância é não marcada.”, como o dado (71), havendo, inclusive, concordância de gênero interna ao sujeito. No entanto, apesar de ser bastante comum, não temos ocorrência de adjetivos modificadores/atributivos em construções como a de (72b), apesar de podermos ter (72a), que apresenta os mesmos itens de (72b), mas sem o adjetivo na posição de sujeito.

(71) Maria vaidosa é complicado

(72) a. Mostarda é amarelo

b. *Mostarda comum é amarelo

Nesse sentido, pelo que foi colocado, apesar de Conto (2016b, p. 186) defender que é necessário “[...] excluir a possibilidade de que haja no PB uma construção equivalente à construção NOM do Sueco.”, vemos que ela parece estar presente, mesmo que não seja tão produtiva quanto à Construção II.

A partir da comparação apresentada, achamos que seria interessante verificarmos se a proposta poderia se estender ao PB, uma vez que essa língua

¹³⁰ No teste, o contexto apresentado aos falantes foi: “Em um determinado teste, após todas as candidatas terem realizado sua entrevista, Joana, que estava na banca de avaliação, pergunta aos demais qual candidata eles prefeririam e eles dizem que escolheriam a mais nova. Joana diz: A adolescente é ridículo/a”. Vale apontarmos que, nesse contexto, seriam possíveis duas interpretações: (i) a adolescente é uma pessoa ridícula ou (ii) escolher a adolescente seria ridículo. No caso dos que entenderam que a escolha foi ridícula (ii), optaram pela falta de concordância visível.

realmente parece apresentar duas construções diferentes. Por isso, verificamos se os argumentos apresentados por Josefsson (2009) conseguem se aplicar ao PB.

Em relação às construções proposicionais (Construção II), Josefsson (2009), para determinar a estrutura dessas sentenças, afirma que elas, além de permitirem (a) paráfrase com infinitivo, permitem (b) a presença de anáfora, (c) o sujeito recebe Caso nominativo e (d) o sujeito da cópula não ocorre em primeira posição de outras construções.

No que diz respeito ao **primeiro argumento**, em que o sujeito pode ser parafraseado por um sintagma infinitivo, já tínhamos apontado que isso ocorre tanto na língua que a autora analisa quanto no PB. Vimos que esse ponto se assemelha ao trabalho de Faarlund (op. cit.), mas a autora, como já vimos, não propõe apagamento de verbo, como o autor. Para ela, a ideia de apagamento livre e irrestrito do verbo não é uma boa proposta, concordando com Enger (op. cit.) quando o autor levanta a questão de qual verbo seria apagado, apontando que, em muitos casos, poderiam ser fornecidos diferentes verbos. Em vez de propor o apagamento de um verbo, ela afirma que o verbo é nulo, ou seja, desprovido de realização fonológica.

Em relação ao **segundo argumento** em favor da ideia de que o sujeito é, na verdade, um objeto, é a possibilidade de termos reflexivos. Os pronomes anafóricos ‘*sin*’/‘*sina*’ em (73) indicam a presença de um sujeito antecedente, que, segundo Josefsson (2009), não seria um DP evidente.

- (73) Två älskare utöver sin make
 two lovers_{COMMON, PLURAL} in-addition-to REFL husband_{COMMON}
 dois amantes_{COMUM, PLURAL} além do seu próprio marido_{COMUM}
 är *omoralisk*-t
 is immoral-NEUT
 é imoral-NEUT
 ‘To have two lovers, in addition to one’s husband, is immoral.’
 ‘Ter dois amantes além do seu próprio marido é imoral’

(JOSEFSSON, 2009, p. 38)

Segundo a autora, o uso de um reflexivo dentro de um sujeito sintagma nominal “comum” é normalmente agramatical, como mostra (74):

- (74) *Blommor från sitt hemland doftar underbar-t
 flowers from REFL home country smell wonderful-neut
 intended reading: 'Flowers from a persons home country smell wonderful.'
 [sic]¹³¹
 Leitura pretendida: 'As flores do país de origem de uma pessoa cheiram maravilhosamente'
 (JOSEFSSON, 2009, p. 39)

A autora sugere que pode haver um PRO nas construções com reflexivos (73), já que eles podem ligar reflexivos nas sentenças infinitivas, sendo o sujeito da cópula.

Conto (2016b) mostra que a possibilidade de reflexivos também ocorre no PB:

- (75) a. Rosa vermelha para sua própria mãe é sugestivo/é freudiano
 (CONTO, 2016b, p. 186)
 b. Pimenta nos próprios olhos é desnecessário
 c. Dois amantes além do seu próprio marido é imoral
 (CONTO, 2016b, p. 187)

A autora, no entanto, apresenta alguns dados que mostram que, em sintagmas nominais comuns, é possível que tenhamos construções gramaticais e elementos reflexivos:

- (76) Flores da sua própria terra cheiram bem
 (77) O cheiro da sua própria casa é nostálgico
 (78) A comida da sua própria mãe é mais gostosa do que qualquer outra
 (CONTO, 2016b, p. 187)

¹³¹ Onde tem *persons*, leia *person's*.

Conto (2016b, p. 187) afirma que esses sujeitos em (76), (77), (78) “[...] contém o pronome reflexivo e é difícil sustentar que esses sujeitos carreguem uma oração oculta, inclusive a propriedade de *nostálgico* e *gostosa* predica dos núcleos desses sujeitos diretamente.”

O problema é que a autora traz dados com concordância e Josefsson (2009), afirmando que se trata de um “*ordinary noun phrase*” (sintagma nominal comum), traz o dado (74), que não apresenta concordância entre o sujeito e o adjetivo predicativo. Ou seja, o “sintagma nominal comum” não parece ser um sintagma com concordância visível, como parece apontar Conto (2016b) ao tentar comparar com o PB.

O **terceiro argumento** em defesa de que o sujeito é, na verdade, um objeto, é o de que, se o sujeito superficial é um pronome, ele obtém um Caso não nominativo (79)¹³²:

(79) One cannibal to the other: (Um canibal diz para outro)

Henne med senap och ketchup vore lækker-t
 her with mustard and ketchup would.be delicious-neut
 Ela com mostarda e ketchup seria delicioso-neut
 ‘To get her with mustard and ketchup would be delicious’
 ‘Comê-la com mostarda e ketchup seria delicioso’

(80) Hon med senap och ketchup är lækker

she with mustard and ketchup is delicious.common
 ela com mostarda e ketchup é delicioso.common
 ‘The woman/girl with mustard and ketchup is delicious’
 ‘A mulher/garota com mostarda e ketchup é deliciosa’

(JOSEFSSON, 2009, p. 39)

¹³² Em Josefsson (2014), a autora afirma que o sujeito de (79) ‘*henne*’ é uma SC.

Os exemplos em (79) e (80) têm diferentes significados. Não há leitura proposicional em (80), havendo concordância. A ideia de conter um vP incluindo um verbo nulo atribuidor de caso explicaria o porquê de a língua apresentar forma acusativa.

No PB, não temos uma forma acusativa como o pronome oblíquo ‘a’ (81a), por exemplo, na posição de sujeito, sem estar com algum verbo realizado foneticamente (81a’). Poderíamos ter, no entanto, a forma nominativa ‘ela’ (81b), que funciona como acusativo, como mostrado a seguir:

- (81) a. ***A** com mostarda e ketchup seria delicioso
 a’. **Comê-la** com mostarda e ketchup seria delicioso
 b. **Ela** com mostarda e ketchup seria delicioso
 b’. **Comer ela** com mostarda e ketchup seria delicioso

(81b’) mostra que o pronome ‘ela’ ocorre com o verbo ‘comer’, funcionando como objeto da construção. Se o verbo não é realizado, temos como resultado (81b).

Como **quarto argumento**, pelo fato de o Sueco ser uma língua V2 (verbo na segunda posição – apenas um constituinte pode preceder o verbo finito), a autora argumenta que o sujeito da cópula não ocorre em primeira posição de outras construções, indicando que os sujeitos das Construções II não são DPs comuns, mas sintagmas maiores contendo um DP evidente (no caso, funcionando como um objeto). Para ela, os PPs dentro dos sujeitos são construídos como atributivos. Assim, (82b) teria apenas um constituinte ao invés de dois (82a):

- (82) a. *Vitlök i kylskåpet har vi inte
 garlic in fridge.the have we not
 alho em geladeira.o ter nós não
- b. Vitlök i kylskåpet är dum-t.
 garlic in refrigerator.the is silly-neut
 alho em geladeira.a é bobo-neut
 ‘It’s stupid to keep/put garlic in the refrigerator.’
 ‘É estúpido manter/colocar alho na geladeira’

(JOSEFSSON, 2009, p. 40)

Outro caso é quando o verbo é precedido por um sintagma nominal e um advérbio ao mesmo tempo, como exemplificado a seguir:

- (83) *[Två älskare] [varje kväll] haffa-de-s av polisen
 two lover.C.PL each night catch-PST-PASS by police.C.DEF
 dois amantes.C.PL cada noite apanhados-PST-PASS pela polícia.C.DEF
 Intended meaning: 'Two lovers were caught by the police each night.'

Leitura pretendida: 'Dois amantes foram apanhados pela polícia em cada noite'

- (84) [Två älskare] [varje kväll] är omoralisk-t
 two lover.C.PL each night be.PRS immoral-N
 dois amantes.C.PL cada noite ser.PRS imoral-N
 'To have two lovers each night is immoral.'
 'Ter dois amantes em cada noite é imoral'

(JOSEFSSON, 2014, p. 66)

Há violação de V2 em (83) e, portanto, a construção é agramatical; em (84), parece ser gramatical se pensarmos que o sujeito está encaixado em uma estrutura maior, havendo apenas um constituinte precedendo o verbo.

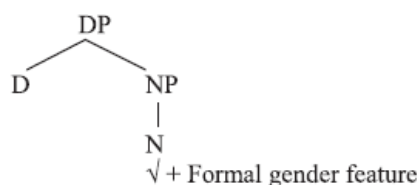
No entanto, assim como pontua Conto (2016b, p. 189), para o PB, o argumento não se aplica, uma vez que "[...] a posição de início de frase antecedendo o verbo não é uma questão gramatical relevante para o Português, que não exige o verbo em segunda posição como o Sueco."

No texto *Pancake sentences and the semanticization of formal gender in Mainland Scandinavian*, de 2014, Josefsson propõe que o sujeito das sentenças panquecas é nucleado por um classificador nulo, correspondendo ao classificador evidente 'det'. De uma perspectiva diacrônica, ela argumenta que o aparecimento das sentenças panquecas faz parte de uma transição global e permanente do sistema de gênero no Escandinavo Continental e que a origem desse processo é a semantização do gênero no Oeste da Jutlândia.

A autora aponta que o Sueco e o Dinamarquês apresentam dois gêneros formais para nomes: o gênero comum e o gênero neutro. Ela afirma que, seguindo a

gramática tradicional, o gênero formal é definido como o gênero que é inerente aos nomes, que determina a forma do sufixo do determinante. O traço de gênero formal está ligado à raiz, como abaixo:

(85)



(JOSEFSSON, 2014, p. 63)

Apesar de afirmar que o gênero formal (comum *versus* neutro) não é previsível do significado dos nomes, ela aponta que pronomes comuns e neutros funcionam de forma diferente, correspondendo a categorias semânticas. No exemplo em (86a), o nome tem gênero comum, tendo que se referir a um referente animado; em (86b), com seu correspondente neutro (86b), ele tem que se referir a um referente inanimado:

(86) a. någon

alguém

b. något

algo

Em seu trabalho, os pronomes importantes são ‘*den*’ (it.comum) e ‘*det*’ (it.neutro). O pronome ‘*den*’ refere-se a uma categoria contável, semelhante a uma coisa. Quando um falante não quer transmitir a ideia de que um referente do discurso é um elemento contável, semelhante a uma coisa, o pronome ‘*det*’ é usado. Para a autora, a diferença de significado ocorre em razão da presença de um traço de número em ‘*den*’, mas que está ausente no ‘*det*’.

Josefsson (2014, p. 64, tradução nossa) afirma que “[...] a ausência de um traço de número não tem um significado específico *per se*, mas é compatível com

diferentes significados, por exemplo, substância, massa, massa agregada, eventividade, estado, propriedade.”¹³³

A autora aponta que, na língua analisada, elementos nominais nem sempre carregam traços de número.

- (87) Grädde och mjölk är *gul-a/OKgul-t
 cream(C) and milk(C) be.PRS yellow-PL/yellow-NEUT
 creme(C) e leite(C) ser.PRS amarelos-PL/amarelo/-NEUT
 ‘Cream and milk are yellow’ (‘Creme e leite são amarelo’)

(JOSEFSSON, 2014, p. 65)

De acordo com a autora, em (87), a falta de concordância plural no adjetivo predicativo é porque o sujeito não apresenta um traço plural também. A argumentação da autora é a seguinte: uma maçã mais uma maçã compõem um conjunto de duas maçãs. O plural é possível porque as entidades individuais são contáveis. Se pensarmos no leite ao invés da maçã, temos o seguinte: um leite em um copo mais outro leite em outro copo colocados em uma determinada tigela não formam dois leites, apenas mais leite. Nesse sentido, não são entidades individualizadas. Para a autora, isso indica que a interpretação semântica do traço singular é a contabilidade.

Como já mencionado, no caso das sentenças que possuem leitura proposicional, elas podem ser reescritas com o sintagma expletivo ‘*det*’ e o sintagma ‘*med*’ (‘com’). O pronome ‘*det*’ também parece não apresentar o traço de número:

- (88) Grädde och mjölk, (det) är gul-t
 cream(C) and milk(C), (it.NEUT) be.PRS yellow-NEUT
 crème(C) e leite(C), (it.NEUT) ser.PRS amarelo-NEUT
 ‘Cream and milk is yellow.’ (‘Creme e leite é amarelo’)

(JOSEFSSON, 2014, p. 65)

¹³³ No original: “[...] the absence of a number feature does not have a specific meaning *per se*, but is compatible with different meanings, for instance substance, mass, aggregated mass, eventivity, state, property.” (JOSEFSSON, 2014, p. 64).

A ideia da autora é que o sujeito das sentenças panquecas é maior do que o que aparece evidente e retoma as possíveis evidências apontadas em Josefsson (2009). Nesse trabalho de 2014, ao contrário do outro, ela irá propor que o sujeito, ao invés do SemP, é um Sintagma Classificador (ClassP).

Segundo a autora, sentenças panquecas parecem ter sofrido uma “mudança de gênero”. Um nome de gênero comum pode desencadear uma concordância neutra com um adjetivo predicativo.

O nome ‘*kaffe*’ (café) é um nome neutro que é indicado pela forma do artigo definido com sufixo -t:

(89) Kaffe-t är stark-t
 coffe(NEUT)-NEUT.DEF be.PRS strong-NEUT
 O-café(NEUT)-NEUT.DEF ser.PRS forte-NEUT
 ‘The coffee is strong’ (‘O café é forte’)

(JOSEFSSON, 2014, p. 69)

Em certos contextos, nomes neutros podem ocorrer em um contexto de gênero comum:

(90) Kan jag få en kaffe?
 can I have one.C coffee(NEUT)
 posso eu tomar um.C café(NEUT)
 ‘Can I have a coffee?’ (‘Eu posso tomar um café?’)

(JOSEFSSON, 2014, p. 69)

De acordo com a autora, a “mudança de gênero”, transmitida por ‘*en*’ (um.C), envolveria um elemento classificador (ou algo como um classificador) na posição e núcleo do sintagma nominal, que estaria dentro de uma projeção que ela nomeia de ClassP. Para ela, o complemento desse sintagma é um sintagma de número (NbP) ou um sintagma nominal (NP). A estrutura dessa projeção está representada a seguir:

CLF.NEUT mostarda(C) ser.PRS amarelo-NEUT
 ‘Mustard is yellow’ (‘Mostarda é amarelo’)

(JOSEFSSON, 2014, p. 69)

No caso das construções proposicionais, a autora aponta que o complemento do ClassP seria um vP (‘*Två äl skare*’) ou uma SC (‘*Henne med senap och ketchup*’). No caso de o complemento ser um vP, ela mantém a ideia de que o verbo também é nulo:

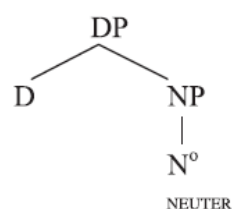
(95)



(JOSEFSSON, 2014, p. 70)

Haveria, então, duas localizações para neutro, como mostram as configurações a seguir:

(96) a.



b.



(JOSEFSSON, 2014, p. 70)

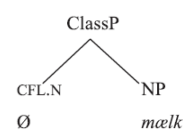
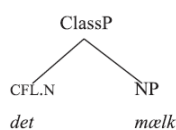
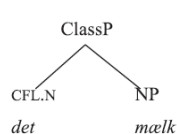
O traço de gênero formal em (96a) não tem qualquer significado, ao contrário do traço de gênero em (96b). Uma vez que o classificador em questão não apresenta um traço de número, ele carrega a semântica que acompanha a ausência de número. O significado é, em outras palavras, não contável. Isso também significa

que uma interpretação semântica mais específica do complemento do classificador pode ser derivada de outras maneiras.

O nome poderia denotar uma substância (se o complemento é um nome nu), um evento ou estado (se o complemento é um vP ou um SC). Além disso, se o complemento é um NbP (*Number Phrase/Sintagma de Número*), a interpretação é a de uma substância agregada (partes menores), como em (*'Morötter är gult'* 'cenouras é amarelo'), a interpretação da substância sendo derivada da parte de cima e a interpretação agregada da parte inferior da projeção.

O *'det'*, portanto, também seria um classificador. Das três variedades do Dinamarquês (97), no Dinamarquês Padrão, ele seria fonologicamente nulo. A autora afirma que a razão pela qual é possível assumir a presença dele é porque ele desencadeia concordância neutra.

(97) a. Oeste Dinamarquês b. Leste Dinamarquês c. Dinamarquês Padrão



(JOSEFSSON, 2014, p. 73)

Ao discutirmos o texto de Josefsson (2009), percebemos que a proposta de duas construções diferentes parece ser interessante ao analisarmos os dados do PB, que, realmente, parecem indicar que estamos lidando com estruturas diferentes ao compararmos dados como, por exemplo, 'mulher é complicado' e 'mostarda é amarelo'. No primeiro caso, por haver possibilidade de paráfrase com infinitivo, parece haver algo implícito de natureza verbal, ao contrário do que ocorre com a outra construção.

Com base no que já foi discutido, poderíamos supor que o PB também apresenta o ClassP, o que justificaria a falta de concordância de gênero entre o sujeito e o adjetivo predicativo. No caso do PB, alguns dos falantes apontaram nos testes, inclusive, que, em um caso como 'mostarda é amarelo', é como se houvesse algo implícito, mesmo tendo a mesma leitura que 'mostarda é amarela', isto é, uma propriedade atribuída ao sujeito, não estando relacionado a uma situação envolvendo esse sujeito.

Nesse sentido, poderíamos supor que uma construção como (98) teria como sujeito, ao invés do *det*, um elemento nulo, como (97c).

(98) *Det* é complicado com mulher

Uma divergência que verificamos ao observarmos os nossos dados é o fato de que o PB também apresenta casos como (99), que se encaixaria como sendo a Construção I, mas não tem leitura massiva (diferentemente do que a autora constatou nos dados das línguas escandinavas):

(99) Ovelha é peludo

Em um caso como (99), como também já apontado por Mezari (2013) e constatado nos nossos testes, alguns dos falantes supõem a existência de algo implícito, como “animal”.

Um problema ainda são os verbos leves, pois seria necessário admitir muitos verbos leves para justificar as diferentes leituras que podem ser inferidas de sentenças como ‘*Tva älskare är omoralisk-t*’ (‘ter dois amantes é imoral’), como indicado por Foltran & Rodrigues (2013). Além disso, a pragmática parece atuar em algumas construções predicativas, determinando a leitura, e isso não é considerado na análise da autora.

Nesse sentido, apesar de considerarmos que as propostas de Josefsson (2009, 2014) podem ser uma possível solução para explicar os dados do PB, é necessário considerar os pontos colocados acima.

4.4 DUEK (2012)

No trabalho *Bare nouns and gender agreement in Brazilian Portuguese*, de 2012, Karen Duek argumenta que, no PB, é típico ocorrer concordância de gênero entre o sujeito e o predicativo (100), mas, quando se trata de singulares nus, essa concordância fracassa se o nome (sujeito) tiver gênero arbitrário (cf. exemplo

(101a)). Caso o nome tenha gênero natural, a concordância não só ocorre como é obrigatória (cf. exemplo (101b))¹³⁴:

- (100) a. Maçãs são gostos-a-s /*gostos-o-s **Plural nu**
 b. A maçã é gostos-a-s /*gostos-o-s¹³⁵ **DP definido**
 c. Minha maçã está gostos-a-s /*gostos-o-s **DP possessivo**

- (101) a. Maçã é gostoso/*gostosa
 b. Atriz é vaidosa/*vaidoso

(DUEK, 2012, p. 1)

Duek (op. cit.) assume que esses nomes nus têm propriedades de NPs, não DPs. Uma evidência seria o fato de os singulares nus não poderem ser coordenados com pronomes ou nomes próprios, que são DPs bem estabelecidos:

- (102) a. *Ela e filho foram passear
 b. *Maria e filho foram passear

(DUEK, op. cit., p. 5)

A autora argumenta também que “[...] as possibilidades interpretativas e de concordância de singulares nus seguem da distinção de gênero natural como uma função de instanciação e gênero arbitrário como um traço puramente formal” (DUEK, op. cit., p. 2, tradução nossa)¹³⁶.

Duek (op. cit.) toma por base a proposta inserida na *Head Phrase Structure Grammar* (HPSG)¹³⁷, propondo que os nomes carregam dois conjuntos de traços- ϕ ,

¹³⁴ Estamos entendendo por gênero natural aquele que apresenta distinção entre sexo masculino e sexo feminino (ex.: ‘mulher’/‘homem’). Gênero arbitrário, por sua vez, não se fundamenta no sexo (ex.: ‘maçã’).

¹³⁵ Vale mencionarmos que, nos dados em (100b) e (100c), não podemos ter marca de plural nos adjetivos, a não ser que o verbo esteja também no plural, o que não é o caso. Provavelmente, a marca de plural apresentada pela autora nesses adjetivos não foi intencional.

¹³⁶ No original: “[...] the interpretative and agreement possibilities of bare singulars follow from distinguishing natural gender as an instantiation function and arbitrary gender as a purely formal feature” (DUEK, 2012, p. 2).

¹³⁷ A HPSG não é um modelo que está inserido na versão minimalista, mas é herdeiro da tradição gerativista. É um modelo formal de base lexicalista, não transformacional. De acordo com Rodrigues & Augusto (2009, p. 147) “Um ponto de aproximação parcial entre os modelos [HPSG e minimalista] reside no procedimento de compatibilização de traços de elementos sintaticamente relacionados. [...] na HPSG, faz-se uso de uma operação de unificação de traços, que permite

quais sejam: *Concord* e *Index*, que são traços do núcleo nominal. Nesse sentido, já estão disponíveis no nível NP¹³⁸.

Concord seria responsável pela concordância interna e *Index* seria responsável pela concordância externa. Certos elementos (como adjetivos atributivos) são valorados pelo conjunto de traços *Concord*, enquanto outros (como verbos e pronomes) são valorados pelo conjunto de traços *Index*. A distribuição dos traços seria da seguinte forma:

- (i) ***Index***: carrega traços de gênero, número e pessoa, faltando o Caso.
- (ii) ***Concord***: carrega traços de gênero, número e Caso, faltando pessoa.

A autora assume que o que ela chama de *meaningless gender*, referindo-se aos nomes com gênero arbitrário, por haver concordância entre o nome e o seu adjetivo atributivo e não haver concordância entre o sujeito e o adjetivo predicativo, justifica-se pelo fato de o traço de gênero de *Concord* está especificado como [+feminino] e *Index* não está especificado.

Apesar de a autora seguir a proposta de Wechsler & Zlatic (2000 apud DUEK, op. cit.) acerca da existência de dois conjuntos de traços- ϕ distintos, afirma que eles teriam dificuldade em explicar a distinção entre os exemplos (103a) e (103b). Para ela, se os traços *Index* estão localizados no NP (especificados ou não), a presença do Sintagma de Número (NumP, *Number Phrase*)¹³⁹ no próximo par mínimo não faria diferença:

- (103) a. Maçãs são gostosas/*gostosos
- b. Maçã é gostoso/*gostosa

(DUEK, op. cit., p. 6)

Em (103a), há uma concordância obrigatória; em (103b), a concordância não é permitida. Segundo Duek (op. cit., p. 10, tradução nossa), “Singulares nus são apenas NPs, consistindo de uma raiz e um categorizador *n*, que é concatenado

verificar a compatibilidade de informação gramatical partilhada por elementos distintos. Nos primeiros desenvolvimentos do Programa Minimalista, um mecanismo similar foi adotado – a checagem de traços. A partir de 1998, o mecanismo de checagem foi substituído pelo de valoração.”

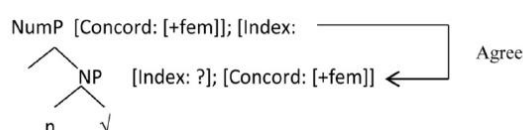
¹³⁸ A autora, que foca nos nomes nus, assume que os sujeitos dessas construções são NPs.

¹³⁹ O que inferimos é que ela considera que temos um NumP quando há soma de átomos.

diretamente acima da raiz nos casos de nomes básicos [...]”¹⁴⁰. Para a autora, portanto, os traços *Index* de ‘maçã’ tornam-se ativos sempre que o sintagma for maior do que o NP ((103) apresentando um NumP acima do NP (‘maçã’)).

Para nomes com gênero arbitrário, quando o NumP é concatenado, o *kind* (espécie) é instanciado e pode ter um índice referencial. O traço de gênero não valorado do *Index*, por sua vez, pode ser valorado a partir da relação de *Agree* com o traço de gênero de *Concord* em NP, conforme visualizado a seguir:

(104)



(DUEK, op. cit., p. 11)

Os dados em (105) mostram que há diferença semântica em razão da realização ou não da concordância. Nesses casos, a interpretação é modulada na base da individuação:

(105) a. Muita banana é cara

‘Muitos tipos de banana são caras’

b. Muita banana é caro

‘(comprar) uma quantidade grande de bananas é caro’

(DUEK, op. cit., p. 12)

Em (105a), ‘muita banana’ é um NumP, que está instanciado no domínio *kind*, resultando na leitura taxonômica (isto é, seria uma leitura mais em termos de “classificação”: tipos de banana). Pelo fato de haver a projeção NumP, o traço de gênero de *Index* é valorado, permitindo a concordância. Segundo a autora, no caso de (105b), o sujeito é menor do que um NumP, uma vez que o nome não está quantificado. Para ela, ‘muito’ pode atuar como um modificador em múltiplos níveis.

¹⁴⁰ No original: “Bare singulars are only NPs, consisting of a root and a categorizer *n*, which is merged directly above the root in the case of basic nouns [...]” (DUEK, op. cit., p. 10).

Segundo Duek (op. cit., p. 13, tradução nossa), “[os] adjetivos que descrevem propriedades físicas objetivas, como ‘redondo’ ou ‘vermelho’ são tipicamente infelizes com singulares nus sujeitos de gênero arbitrário.”¹⁴¹ No entanto, “[...] singulares nus com gênero natural têm algum potencial para se referirem a realizações do *kind* [...]” (DUEK, op. cit., p. 13, tradução nossa)¹⁴², não havendo restrição em relação a esse tipo de adjetivo, permitindo casos que apresentam falta de concordância visível:

- (106) a. *Maçã é redondo/a
b. Modelo é alto/a

(DUEK, op. cit., p. 13)

Começamos por discordar da autora nesse último ponto, uma vez que podemos ter um caso como ‘mostarda é amarelo’, mesmo sendo um nome com gênero arbitrário. No caso de (106b), achamos que é um pouco problemático o exemplo, uma vez que traz o nome de dois gêneros sem flexão (cf. seção 2.2), podendo se referir tanto a alguém do sexo masculino quanto a alguém do sexo feminino.

Outro ponto que vale ser mencionado é o fato de a autora não trabalhar com dados além dos nomes nus, o que, conforme já discutimos em momentos anteriores, é possível no PB, como pudemos constatar a partir dos testes, mas em contextos específicos. Alguns dos dados com determinante podem ser observados a seguir:

- (107) a. Aquela boneca seria bom¹⁴³
b. A adolescente é ridículo
c. Minha mulher é bom

Em relação à sua proposta relacionada ao tipo de gênero do nome, como apontado por Rodrigues & Foltran (2014, 2015), no PB, contrariando a proposta de

¹⁴¹ No original: “Adjectives describing objective physical properties such as ‘round’ or ‘red’ are typically infelicitous with bare singular subjects of arbitrary gender.” (DUEK, op. cit., p. 13).

¹⁴² No original: “[...] bare singulars with natural gender do have some potential to refer to realizations of the kind [...]” (DUEK, 2012, p. 13).

¹⁴³ Conferir contextos no apêndice.

Duek (op. cit.), nomes que têm gênero arbitrário podem apresentar concordância (108) e nomes com gênero natural também podem ter falta de concordância (109):

- (108) a. Moqueca é apimentada
 b. Melancia é suculenta / vermelha / redonda
 c. Manga é benéfica para o controle do diabetes
 d. Grama é escorregadia
 e. Maçã é gostosa com casca
 f. Maçã é mais ácida que pera

- (109) a. Atriz é complicado
 b. Menina é divertido

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 484)

Além disso, assim como já apontamos em relação a outras propostas, Duek (op. cit.) também desconsidera o papel da pragmática nos dados do PB, que parece ter um papel bastante relevante.

4.5 Danon (2012)

Em *Nothing to Agree on: non-agreeing subjects of copular clauses in Hebrew*, de 2012, Gabi Danon, ao trabalhar com dados do Hebraico Moderno, afirma que temos dois tipos de cópulas pronominais (cf. (110) e (111)) com propriedades sintáticas e semânticas diferentes, que são utilizadas em sentenças que não possuem verbos, e que estão no tempo presente:

- (110) *hu/hi/hem/hen* ('PronH'): concordam em gênero e número com o seu sujeito.

dina hi saxkanit muxšeret

Dina-F-S PronH-F-S actor-F-S talented-F-S

Dina-F-S PronH-FS atriz-F-S talentosa-F-S

'Dina is talented actor' ('Dina é uma atriz talentosa')

(DANON, 2012, p. 2)

(111) *ze/zot/ele* ('PronZ'): nunca concordam com o seu sujeito.

Ugat gezer ze macxik
 Cake-F-S carrot PronZ-M-S funny-M-S
 bolo-F-S cenoura PronZ-M-S engraçado-M-S
 '(algo sobre) um bolo de cenoura é engraçado'

(DANON, op. cit., p. 2)

O autor afirma que, nas construções com a cópula 'ze', o sujeito nunca concorda com a cópula ou com o predicativo, como é possível perceber no exemplo (111), ao contrário do que ocorre com os PronH (110). (111) apresenta o nome na posição de sujeito ('*ugat*') no feminino (F), mas o pronome ('ze') fica em sua forma masculina (M), assim como o adjetivo em função predicativa ('*macxik*')¹⁴⁴.

Danon (op. cit.) vai contra a abordagem de 'ze' como sujeito pronominal, defendendo que é uma cópula, e contra a abordagem de infinitivo oculto, apesar de haver leitura de eventualidade. Assume que o sujeito dessas construções com a cópula 'ze' não possui os traços necessários para a concordância externa, mas tem os traços necessários para a concordância interna.

Seguindo trabalhos anteriores, o autor também afirma que tais orações não são predicacionais, e os sujeitos, muitas vezes, têm uma interpretação de evento elíptico, não sendo uma denotação literal do sujeito, como no exemplo a seguir¹⁴⁵:

(112) yeladim ktanim ze avoda kaša
 Children-M-P little-M-P ZE-M-S work-F-S hard-F-S
 crianças-M-P pequenas-M-P ZE-M-S trabalho-F-S duro-F-S
 '(levantar/lidar com) crianças pequenas é trabalho duro'

(DANON, op. cit., p. 2)

No exemplo em (112), algo relacionado às crianças, como lidar com elas, levá-las etc., é trabalho duro, não elas mesmas que são trabalho duro. Haveria, portanto, uma leitura de eventualidade oculta.

¹⁴⁴ O PB, conforme já foi discutido, em certos momentos, apresenta concordância, em outros, não, diferentemente do que ocorre com a cópula *ze*, que sempre apresenta falta de concordância.

¹⁴⁵ Quando há adjetivos ambíguos, que podem estar relacionados a propriedades individuais ou uma leitura de evento, com o PronZ, apenas a leitura de evento é possível. Lembrando que 'ze' nunca apresenta concordância, o que pode justificar o porquê de não ter a primeira leitura.

Além da leitura em (112), é possível também uma leitura de classificação, como em (113):

- (113) tlunot ze tofes adom
 complaints-F-P ZE form-M-S red-M-S
 reclamações-F-P ZE formulário-M-S vermelho-M-S
 ‘Complaints (should) involve a red form’
 ‘Reclamações envolveriam um formulário vermelho’

(DANON, op. cit., p. 6)

Em (113), o sujeito da construção com a cópula ‘ze’ tem algo a ver com o formulário vermelho, em que a relação exata depende do contexto, conforme o autor.

Sobre a falta de concordância e os efeitos semânticos observados, ele afirma que há duas abordagens possíveis:

Ou há fatores estruturais, tais como as relações hierárquicas ou restrições de localidade, que restringem a disponibilidade de concordância e que também tem um efeito na interpretação; ou todo o fenômeno pode ser redutível à presença ou ausência de traços em um ou mais nós sintáticos (DANON, 2012, p. 3, tradução nossa)¹⁴⁶.

Em seu trabalho, o autor defende a última abordagem, afirmando que a falta de concordância e o efeito semântico é devido à falta de traços interpretáveis no sujeito, pelo fato de, por exemplo, os sujeitos de ‘ze’ fracassarem no que diz respeito a operações que dependem de traços, como a ligação (114):

- (114) *namer_i ze mesukan le-acmo_j /lo_i
 *Tiger-M-S ZE-M-S dangerous-M-S to-self_j-M-S to-it-3M.S
 tigre-M-S ZE-M-S perigoso-M-S si mesmo M-S para ele-3M.S
 ‘(Intended:) A tiger is dangerous to itself’
 ‘(Leitura pretendida:) um tigre é perigoso para si mesmo’

(DANON, op. cit., p. 13)

¹⁴⁶ “Either there are structural factors, such as hierarchical relations or locality constraints, which restrict the availability of agreement and which also have an effect on interpretation; or, the entire phenomenon might be reducible to the presence or absence of features on one or more syntactic node” (DANON, 2012, p. 3).

O exemplo acima seria gramatical se não houvesse elemento dativo, ou, então, se não houvesse correferência com o sujeito.

Segundo o autor, poderíamos concluir que o sujeito de ‘ze’ está sem traços ou os traços estão invisíveis na sintaxe. No entanto, isso não explicaria o porquê de haver concordância interna no sujeito¹⁴⁷:

- (115) yeladim ktanim ze avoda kaša
 children-M-P little-M-P ZE-M-S work-F-S hard-F-S
 crianças-M-P pequenas-M-P ZE-M-S trabalho-F-S duro-F-S
 ‘Little children is hard work’ (‘Crianças pequenas é trabalho duro’)
 (DANON, op. cit., p. 6)

Danon (op. cit.) sugere duas possíveis abordagens: em uma das abordagens, que ele considera estrutural, o DP consiste de várias camadas (por exemplo, NP, NumP e DP), cada uma com seu conjunto de traços- ϕ . Nessa abordagem, D entraria na derivação com número e gênero não valorados e traço de pessoa valorado e os núcleos N e/ou Num entrariam na derivação com gênero e número valorados. A concordância entre D e N ou Num faria com que o DP carregasse um conjunto de traços- ϕ , sendo capaz de participar da concordância externa¹⁴⁸. O autor afirma que, no caso das orações ‘ze’, poderia ser proposto que o D do sujeito não apresenta esses traços e, então, é invisível para a concordância externa.

A outra abordagem seria a da HPSG, já discutida anteriormente, em que NPs carregam dois conjuntos de traços- ϕ : *Concord*, responsável pela concordância interna, e *Index*, responsável pela concordância externa. Portanto, para Danon (op. cit.), seria possível hipotetizar que o sujeito nas construções com ‘ze’ tem *Concord*, mas não *Index*.

Assim, as duas perspectivas colocadas defendem que o sujeito é defectivo. Para essas duas abordagens, o autor usa os termos *INDEX features* (traços *INDEX*). Sua hipótese é a de que faltam traços *INDEX* no sujeito e, uma vez que os traços

¹⁴⁷ O PB também sempre apresenta concordância de gênero interna, como discutiremos mais adiante.

¹⁴⁸ Os traços de D não seriam apagados depois de serem valorados na concordância interna.

são identificadores argumentais, a falta de traços indicaria que o sujeito não é um argumento, mas um predicado.

Para explicar a leitura de eventualidade oculta, o autor propõe que ela “[...] é o resultado de mudar a denotação do sujeito a uma propriedade contextualmente determinada, P, relacionada a um nome evidente.” (DANON, op. cit., p. 17, tradução nossa)¹⁴⁹, como no exemplo a seguir:

(116) knasim ze metiš
 conferences-M-P ZE-M-S exhausting-M-S
 conferências-M-P ZE-M-S desgastante-M-S
 ‘(Ir a/frequentar) conferências é desgastante’

(DANON, op. cit., p. 17)

A denotação do sujeito genérico ‘*knasim*’ (‘conferências’) é mudada para uma propriedade contextualmente determinada, relacionada, por exemplo, a frequentar conferências.

Sobre a cópula, o autor pontua que, nela, também podem estar faltando traços ou os traços recebem valores *default*. No primeiro caso, o sujeito apresenta ausência de traços, selecionando uma cópula que também é ausente de traços, ocorrendo uma derivação convergente. Nessa perspectiva, ‘ze’ é lexicalmente sem traços. No segundo caso, ‘ze’ entra na derivação com traços não valorados e os valora como *default*. Nesse último caso, a questão que ele coloca em aberto seria como a valoração *default* se aplicaria.

Por fim, o autor acaba assumindo a segunda perspectiva. Para ele, o sujeito entraria na derivação sem traços *INDEX* e não poderia funcionar como alvo; e, o ‘ze’, apresenta falta de traços- ϕ , por isso não funciona como sonda.

Com base no que foi discutido, temos alguns apontamentos. O primeiro deles diz respeito à proposta de que o sujeito apresenta ausência de traços. O autor afirma que, no caso das orações ‘ze’, o D, por não apresentar traços, estaria invisível para desencadear concordância externa. Isso parece estar de acordo com o que ocorre no Hebraico Moderno, uma vez que as construções com a cópula ‘ze’

¹⁴⁹ No original: “[...] is the result of shifting the denotation of the subject to a contextually-determined property P related to the overt nominal.” (DANON, op. cit., p. 17).

não apresentam concordância. No entanto, essa primeira explicação não justificaria o porquê de termos, no PB, a opção de concordar ou não:

(117) a. Minha mulher é complicado

b. Minha mulher é complicada

No PB, mesmo tendo um D evidente na posição de sujeito, pode ocorrer falta de concordância. Se o sujeito não apresenta traço *INDEX*, porque ora pode ocorrer concordância e ora não? Como explicar o fato de às vezes ele concordar e às vezes não concordar?

Além disso, achamos um pouco confuso o autor afirmar que o efeito semântico da construção se dá pela falta de traços, mas, em outro momento, afirmar que a leitura de eventualidade está relacionada a uma propriedade determinada.

4.6 FOLTRAN & RODRIGUES (2013) E RODRIGUES & FOLTRAN (2014, 2015)

No texto *On denoting abstract entities*, de 2013, Maria José Foltran e Patrícia Rodrigues trabalham com as seguintes construções do PB:

(118) a. A Maria bêbada é chato¹⁵⁰

b. Alunas que bebem é chato

c. Crianças pequenas é divertido

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 270)

Em todas as construções, o predicado apresenta uma forma não marcada para gênero e número, apresentando uma aparente falta de concordância entre o sujeito e o predicado¹⁵¹, apesar de apresentar concordância interna no sujeito

¹⁵⁰ Destacamos que, no PB, a presença do artigo definido antes de nome próprio é optativa, estando presente (ou com maior frequência) a depender do dialeto – para saber mais sobre o fenômeno em uma perspectiva sociolinguística, ler, por exemplo, Pereira (2017). Além disso, consideramos que a presença ou a ausência do artigo nesse contexto sintático não tem qualquer influência no fenômeno. Ainda vale mencionarmos que é o único caso que a autora coloca artigo definido permitindo falta de concordância visível.

¹⁵¹ Nesta dissertação, apesar de termos optado pelo termo ‘predicativo’, nesta parte, decidimos manter a nomenclatura utilizada pelas autoras, que usam o termo ‘predicado’, provavelmente porque consideram que a construção é uma SC (sobre SC, cf. seção 2.3).

((118a), por exemplo, apresenta concordância de gênero e número entre o nome e o adjetivo atributivo).

Foltran & Rodrigues (2013) apontam que as construções acima podem apresentar concordância entre o sujeito e o predicativo (119), mas terão interpretação diferente:

- (119) a. A Maria bêbada é chata
 b. Alunas que bebem são chatas
 c. Crianças pequenas são divertidas

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 270-271)

Nos dados em (118), temos uma leitura de situação ou eventualidade envolvendo o sujeito. Nos dados em (119), por outro lado, o predicado atribui uma propriedade ao indivíduo.

De acordo com as autoras, as leituras diferentes são consequência da seleção semântica feita pelo predicado. Seguindo a linha dos estudos sobre entidades abstratas, as autoras assumem que os predicados podem ser agrupados em classes de acordo com o “parentesco” em termos de significado. A ideia é que cada categoria selecionada pelo predicado (‘estado’, ‘proposição’, ‘evento’ etc.) apresenta uma realização sintática diferente. Portanto, para elas, os adjetivos ‘chato’ e ‘divertido’ são itens que selecionam situação e indivíduo (assim como haveria adjetivos que selecionariam apenas indivíduo ou apenas situação, entre outros tipos). Nesse sentido, ao selecionar situação, o adjetivo não provocaria concordância visível; ao selecionar indivíduo, haveria concordância.

As autoras consideram que não é possível propor uma análise unificada para os dados em (118). Assim, elas tentam explicar a falta de concordância visível propondo que, em casos como o de (118a), o sujeito é uma SC e ocorre uma concordância neutra (ora elas usam o termo neutro, ora *default*), como aquela observada quando o sujeito é oracional e, nos casos como (118b), com um nome modificado por uma oração relativa, e (118c), com o nome mais um adjetivo atributivo, temos DPs defectivos na posição de sujeito com relação a traços de concordância.

No caso da construção como (118a), a estrutura seria a seguinte:

(120) Ser [_{SC} [_{SC} a Maria bêbada] chato]]

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 275)

Para as autoras, (118a) possui duas SC (120): uma SC na posição de sujeito [_{SC} a Maria bêbada], sendo ‘a Maria’ o sujeito e ‘bêbada’ o predicado da SC e outra SC teria ‘a Maria bêbada’ como sujeito e ‘chato’ como predicado.

Para justificar a assunção de que a sequência [a Maria bêbada] é um constituinte, as autoras fazem alguns testes de constituição, como, por exemplo, a clivagem:

(121) É [a Maria bêbada] que é chato

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 276)

(121), por permitir uma construção gramatical, aponta que o constituinte em análise parece ser uma SC (além dos outros testes que a autora apresenta). Portanto, para elas, o sujeito da SC selecionado pela cópula seria uma SC. (118b) ‘alunas que bebem é chato’ e (118c) ‘crianças pequenas é divertido’, segundo elas, não são SC porque não respondem satisfatoriamente aos testes de constituição, como o teste abaixo em que o pronome tenta substituir o nome, resultando, de acordo com as autoras, em construções não produzidas na língua.

(122) a. *Elas que bebem é chato

b. *Elas pequenas é divertido

Exceto a construção em (122a), (122b), de acordo com nossa intuição, nos pareceu uma boa construção, por isso, resolvemos testá-la para verificarmos se os falantes considerariam que é uma construção utilizada na língua. O que verificamos foi que a construção é bastante aceitável entre os falantes em um contexto como o apresentado em (123):

(123) Sabrina fala para sua amiga que gosta bastante de brincar com crianças e sua amiga fala: ‘Elas pequenas é divertido’

Além disso, resolvemos aplicar outro teste de constituição com o caso acima, em que (124) apresenta uma resposta com uma questão *WH*:

(124) Maria pergunta a Ana: “Ana, o que é divertido?”. Ana responde:
 ‘Crianças pequenas’

Os dois testes apresentados acima são testes que as autoras utilizaram para justificar que (119a) tem como sujeito uma SC. Ao considerarmos que o sujeito de (119c) também parecia uma SC, resolvemos testá-lo e confirmamos nossa intuição.

Continuando a discussão da proposta das autoras, nos casos como (118b) e (118c), elas assumem que o sujeito é um DP defectivo faltando traços necessários para desencadear a concordância externa, seguindo Wechsler (2011), Danon (2012) e Duek (2012) (apesar de argumentarem que os dados de Duek (2012) são problemáticos, como já discutimos).

Wechsler (2011) considera os dados do Sueco, propondo que a gramática escolhe entre três tipos de concordância: a) concordância gramatical – a forma do alvo depende dos traços- ϕ do controlador; b) concordância semântica – a forma do alvo depende do significado do controlador; e c) concordância fracassada – o alvo toma uma forma *default*. No caso das sentenças panquecas, o autor defende que há uma concordância fracassada e não uma concordância gramatical ou semântica, uma vez que, nos sujeitos, faltam traços- ϕ .

Nesse caso, no sujeito faltam traços *Index*, por isso, não desencadeia a concordância entre o sujeito e o predicado. Como já mencionado na seção anterior, o fato de o DP se referir a uma ‘situação’ seria, seguindo Danon (2012), por haver um deslocamento da denotação do sujeito a uma propriedade contextualmente determinada. Entretanto, Foltran & Rodrigues (2013) colocam que essa questão ainda precisa ser desenvolvida, no sentido de analisar o que desencadeia essa possibilidade. Outra questão que colocam como trabalho futuro seria explicar o porquê de apenas sujeitos genéricos desencadearem a concordância *default* (nos casos de (118b) e (118c)). No entanto, discordamos das autoras, uma vez que o PB, nas sentenças panquecas, apresenta sujeitos que não são somente genéricos, como, por exemplo, no dado abaixo:

(125) Maria é complicado¹⁵²

Com base no que vimos até aqui, parece que não há diferença entre as estruturas em razão de ser SC, DP ou NP, porque não importa o tipo, uma vez que todos podem apresentar falta de concordância visível.

Na ‘Concordância em construções copulares do Português Brasileiro’, de 2014, e na ‘*Small Nominals in Brazilian Portuguese Copular Constructions*’, de 2015, Rodrigues & Foltran focam nos dados como (118a), que elas consideram como sendo DPs que faltam traços de concordância, como os dados em (126):

- (126) a. Mulher(es) é complicado
- b. Crianças é divertido
- c. Cem convidados é chato

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 477)

Nos dados em (126), o adjetivo não apresenta concordância de gênero e número com o sujeito da construção. Nesses casos, temos adjetivos que selecionam situação e indivíduo, mas elas também trazem adjetivos que selecionam apenas situação (‘inconcebível’, por exemplo) e adjetivos que selecionam apenas indivíduo (‘vaidoso’, ‘bagunceiro’ etc.), argumentando que eles têm reflexos na sintaxe.

As autoras continuam assumindo que, no sujeito, faltam traços, defendendo que os traços ausentes são traços- ϕ *Index*, impedindo que ocorra a concordância entre sujeito e predicado. Elas afirmam que “[...] os traços *Concord* são entendidos como traços ligados a propriedades gramaticais do nome e os traços *Index*, com as propriedades semânticas, essencialmente a referencialidade.” (RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 483).

Os traços- ϕ *Index* agem apenas no nível da sentença. Dentro do DP, seriam traços do tipo *Concord* que entrariam em ação, o que explicaria a concordância interna em (127) e (128):

(127) Mulher executiva é complicado

¹⁵² O contexto apresentado aos falantes foi: “Fábio está precisando de uma pessoa para ajudá-lo a fazer um trabalho da faculdade e pensa na possibilidade de chamar Maria. João, no entanto, diz a ele: Maria é complicado/a”.

(128) Crianças peraltas é divertido

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 477)

Segundo as autoras,

Por algum motivo que ainda precisa ser mais bem explicado, os traços Index desses nominais não são valorados e, portanto, a concordância com o predicado não é desencadeada. Essa assunção permite tratar a concordância de modo estritamente sintático, embora reconheçamos que ainda há questões semânticas envolvendo esses nominais que ainda precisam ser explicitadas. (RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 487)

Ora as autoras afirmam que, no sujeito, faltam traços, ora afirmam que os traços não são valorados, o que consideramos serem duas coisas diferentes. Se pensarmos em uma perspectiva minimalista (lembrando que essa ideia é com base na perspectiva da HPSG), os traços precisam ser valorados para que a derivação convirja (cf. seção quaternária 2.1.1.1).

Outro ponto em que parecem existir contra-argumentos nos textos de Foltran & Rodrigues (2013) e Rodrigues & Foltran (2014, 2015) é o fato de as autoras não considerarem que sujeitos definidos e indefinidos, por exemplo, podem ser possíveis, como elas tentam mostrar com os exemplos em (129):

(129) a. *A mulher é complicado

b. *Ela é complicado

c. *Maria é complicado

d. *Uma mulher é complicado

e. *Uma mulher que eu conheço é complicado

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2015, p. 479)

Como discutido no capítulo anterior, essas construções, a depender do contexto, são aceitáveis, podendo ter diferentes tipos de sujeito (o tipo de sintagma do sujeito parece não ter influência nas construções que podem ser parafraseadas por infinitivo, ao contrário das que não podem). Considerando as construções acima (129)¹⁵³, os contextos apresentados foram os seguintes¹⁵⁴:

¹⁵³ Não conseguimos pensar em um contexto em que ‘uma mulher é complicado’ pudesse ser interpretado como um indefinido ao invés de um numeral.

¹⁵⁴ Mudança apenas do nome ‘mulher’ para ‘menina’ em (130a).

- (130) a. Um casal pretende adotar uma menina e um menino. Entretanto, a pessoa responsável por essas crianças afirma: ‘A menina é complicado’
- b. Pedro está querendo sair com uma mulher, que ele não conhece direito, mas sabe que é irmã do seu melhor amigo e fala para seu primo: ‘Ela é complicado’
- c. Fábio está precisando de uma pessoa para ajudá-lo a fazer um trabalho da faculdade e pensa na possibilidade de chamar Maria. João, no entanto, diz a ele: ‘Maria é complicado’
- d. Uma menina está fazendo 15 anos e quer que sua mãe contrate alguém para ornamentar sua festa. Sua mãe, no entanto, só conhece uma pessoa que faz isso, mas considera que ela é uma pessoa muito requisitada. Ela afirma para sua filha: ‘Uma mulher que eu conheço é complicado’

O fato de serem consideradas aceitáveis em retomada de contexto indica que há influência da pragmática nesse fenômeno, algo desconsiderado pelas autoras. Consideramos, portanto, que a pragmática merece um olhar mais atento.

Nos casos com falta de concordância visível como ‘Maria bêbada é chato’, talvez seja importante pontuar que, nesses casos com leitura de situação ou evento, ‘chato’ não parece se aplicar à ‘Maria bêbada’, apesar de ser esperado, como SC, que ‘chato’ predique sobre ‘Maria bêbada’.

Além desses pontos, acreditamos que considerar que, no sujeito, faltam traços *Index* levanta a questão do porquê de ora haver, ora não haver concordância em construções com o mesmo sujeito (131) (causando diferença semântica):

- (131) a. Mulher é complicado
b. Mulher é complicada

Outro ponto que merece ser destacado é em relação à seleção dos adjetivos e o reflexo na sintaxe. De acordo com as autoras, os que selecionam situação e indivíduo podem ou não apresentar concordância explícita. No caso de selecionarem situação, não apresentam concordância; no caso de selecionarem indivíduo, deve

haver concordância. No entanto, isso não explica o porquê de termos dados como os que seguem:

(134) Mostarda é amarelo

(135) Moeda é redondo

(136) Ovelha é peludo

Os exemplos acima apresentam falta de concordância visível, mas os adjetivos estão atribuindo propriedade aos sujeitos. Por isso e por outros motivos já apontados, achamos ser plausível supor a existência de duas construções, mas não como as construções apresentadas em Foltran & Rodrigues (2013), que consideramos fazerem parte do mesmo tipo de construção (no caso, Construção II), mesmo havendo diferença entre o tipo de sintagma sujeito.

4.7 CONTO (2016a)

No texto *The situation reading in copular sentences with agreement mismatch: a derivational problem*, de 2016, Luana de Conto afirma que, apesar de existirem propostas que tratam da falta de concordância nas construções com cópulas, não existe uma solução para a questão semântica, que é o fato de haver uma leitura de situação (não de uma entidade) nas sentenças em que não há concordância explícita.

A autora salienta que, nessas construções, só podemos ter como sujeito um nome nu ou sintagma numeral (incluindo cardinais e quantificadores ‘fuzzy’, como ‘vários’ e ‘muitos’). Ainda afirma que os adjetivos que aparecem nas construções predicativas selecionam situações e são apenas adjetivos avaliativos (conhecidos na literatura como *taste-predicates*).

Os dados com que ela trabalha são os que seguem:

(137) Criança é divertido

(138) Panquecas é prático

(CONTO, 2016a, p. 32)

Em ambos os casos, não ocorre concordância (que ela nomeia como “regular”) de gênero entre o sujeito e o predicativo (cf. (137) e (138)), apesar de, no primeiro caso, haver concordância de número. Tal falta de concordância tem consequências semânticas, indicando uma situação.

Outras construções com que ela trabalha são:

(139) Três crianças é divertido

(CONTO, 2016a, p. 33)

Temos um adjetivo predicativo que não concorda com o seu sujeito, que é um numeral e um nome. A autora afirma que essas construções sem concordância são boas com quantificadores fracos também, mas não com quantificadores fortes, como a seguir (140):

(140) a. *A criança é divertido

b. *Todas as crianças é divertido

(CONTO, 2016a, p. 33)

Segundo ela, as restrições que são encontradas nessas sentenças em que não há concordância explícita não são encontradas em sentenças com concordância regular. No caso dos adjetivos que se aplicam a indivíduos, eles não podem aparecer na forma não marcada, ao contrário daqueles que se aplicam a indivíduos e situações, que podem aparecer ou não na forma marcada, de acordo com a autora.

Como, então, essas sentenças apresentam uma interpretação diferente das sentenças com concordância regular? Conto (2016a) apresenta a proposta de Greenberg (2008 apud CONTO, 2016a), para o qual, a leitura de situação é gerada como uma propriedade fornecida contextualmente (P_c). A leitura de situação é gerada como uma P_c dentro do sujeito e alimentada antes da derivação semântica. Segundo Conto (2016a), o autor não explica por que isso ocorre apenas com os sujeitos dessas cópulas e de outras sentenças. Para ela, de fato, as sentenças podem conter algum tipo de propriedade definida contextualmente e os adjetivos avaliativos podem oferecer um caminho para o problema.

Seguindo Umback (2014 apud CONTO, 2016a), a autora assume que esses adjetivos obtêm parte do seu significado de critérios dependentes do contexto, como comunidade de falante, tempo etc. Adjetivos como ‘divertido’, ‘bom’, ‘gostoso’ não têm significado fixado. Portanto, não têm propriedades compartilhadas.

Conto (2016a) mostra uma comparação entre o ‘divertido’ em um caso como ‘criança é divertido’ e ‘panquecas é divertido’, afirmando que, apesar de ser o mesmo adjetivo predicativo em ambos os exemplos, isto é, o adjetivo ‘divertido’, temos fatos diferentes que fazem com que esse adjetivo seja utilizado. Os critérios de diversão elegíveis para um e outro são diferentes.

Crianças são divertidas quando elas riem e brincam fazendo as pessoas ao redor ficarem confortáveis e divertidas. Panquecas, por sua vez, podem ser divertidas quando alguém tem um momento bom ao prepará-las ou comê-las. Inclusive, a especificação do adjetivo pode ser expressa por um verbo¹⁵⁵.

(141) Panqueca é divertido de fazer

Para ela, “[o] adjetivo vem do léxico com um requisito para especificação e, se essa exigência não é satisfeita explicitamente, a informação contextual pode satisfazer essa condição.” (CONTO, 2016b, p. 39, tradução nossa)¹⁵⁶. Nesse caso, a computação pragmática vai atuar de modo a definir a propriedade relevante. A autora afirma, no entanto, que ainda há muito a ser analisado antes de afirmar que essa é a melhor solução.

A proposta da autora parece ser interessante porque traz um olhar para a pragmática que, como vimos, parece ter influência no fenômeno. No entanto, discordamos dos tipos de sujeito que ela coloca como sendo possíveis nessas construções, por considerarmos que há outras possibilidades (como, por exemplo, artigos definidos), não sendo algo tão restrito¹⁵⁷, e discordamos também do tipo de

¹⁵⁵ Nesse momento do texto da autora, mesmo já tendo mencionado que a falta de concordância estaria relacionada a uma situação ou evento, ao tentar explicar a diferença entre o ‘divertido’ nas duas construções, dá a entender que é como se houvesse situações definidas em que o adjetivo estivesse atribuindo a propriedade de divertido ao sujeito, o que não parece ser o caso. Além disso, a questão parece ser mais o verbo implícito que estaria ligado ao sujeito, causando diferença de significado entre o divertido de ‘criança é divertido’ e ‘panquecas é divertido’.

¹⁵⁶ No original: “The adjective comes from the lexicon with a requirement for specification and, if that requirement is not overtly satisfied, contextual information can satisfy that condition.” (CONTO, 2016a, p. 39).

¹⁵⁷ No texto de Conto (2016b), ‘Interpretação de sentenças copulares com aparente falta de concordância: uma análise através de concordância de gênero semântico’, a autora, novamente,

adjetivo nas sentenças panquecas, que não é apenas avaliativo. Além disso, a leitura de situação pode depender do contexto, no entanto, não temos leitura de situação em ‘mostarda é amarelo’ e não consideramos que a pragmática tenha influência nesse tipo de construção.

4.8 CARVALHO (2016)

No trabalho ‘Concordância de gênero e a sintaxe do DP no Português Brasileiro’, de 2016, Danniel Carvalho retoma o trabalho de Foltran & Rodrigues (2013), que defendem haver uma concordância fracassada, e toma como base Preminger (2014 apud CARVALHO, 2016) para afirmar que a concordância que as autoras colocam como sendo fracassada é apenas aparente, sendo resultado de uma operação *Agree* que lida com subespecificação de traços.

O autor defende que há “[...] necessidade de observar a estrutura do DP para uma análise de suas relações de concordância em sentenças copulares.” (CARVALHO, 2016, p. 5). Para isso, toma como base Preminger (op. cit.), baseado em Béjar e Rezac (2003 apud CARVALHO, 2016).

Carvalho (2016, p. 6) assume

[...] uma proposta derivacional para concordância- ϕ , que se baseia na Restrição Pessoa-Caso de Béjar e Rezac (2003), uma restrição para a distribuição dos traços de pessoa entre múltiplos argumentos internos de um mesmo predicado. Preminger captura da proposta de Béjar e Rezac a ideia de que as sondas sintáticas para os traços de pessoa e para os traços de número são distintas. Assim, para o quiché, o autor verifica que as sondas de pessoa e número nesta língua são relativizadas para olhar apenas para os membros marcados de suas respectivas geometrias de traços ([participant] e [plural], respectivamente).

Preminger (op. cit.) lança mão de uma geometria de traços, possibilitando a ideia de que traços podem ou não ser ignorados por uma sonda- ϕ . A sonda pode ignorar os alvos se elas não apresentam os traços que ela procura, ou seja, se não houver compatibilidade. Nesse caso, Carvalho (2016) acredita que essa proposta pode oferecer uma análise unificada para os dois casos diferentes que Foltran &

foca na interpretação das sentenças observadas que, quando não há concordância, se referem a situações e eventualidades. No entanto, ao contrário do trabalho anterior, ela aponta que essas construções também permitem, por exemplo, pronomes demonstrativos como (i), que são DPs bem definidos.

(i) Essa saia curta vai ser ótimo no verão

Mesmo assim, a autora ainda desconsidera muitos sujeitos definidos, assim como outros autores.

Rodrigues (2013) apontaram (SC causando concordância neutra e DP defectivo com relação a traços).

Carvalho (2016) assume, então, com base em Preminger (op. cit.), que a concordância relativizada é o que permite a “concordância fracassada”. Os nomes seriam valorados pelos traços em D. O autor afirma que isso pode ser visto com base no que ocorre em inglês: normalmente os nominais não apresentam marca de gênero, mas eles podem recuperar o traço quando substituído por um pronome especificado para gênero:

- (142) a. The boat is old,
 DEF.NEUT barco.NEUT é velho.NEUT,
 but I can't sell her.
 mas eu posso.NEG vender ACC.3.SG.FEM
 b. She is old.
 Ela está/é velho.NEUT

(CARVALHO, 2016, p. 8)

Em (142), o barco, que ele coloca como neutro na língua, é especificado para gênero feminino quando substituído por um pronome, que, no caso, é feminino, como mostrado em (142a), com *her*, e, em (142b), com *she*. O autor afirma que, em (142a), temos um pronome objeto que se comporta como pro- ϕ P e o pronome de (142b) como um pro-DP, sendo categorias com diferentes sintaxes (DÉCHÂINE; WILTSCHKO, 2002 apud CARVALHO, 2016).

Assim, segundo o autor, “[a] relevância de uma divisão em camadas (ou traços, em nossa análise) se dá pelo fato de tais pronomes terem sintaxes diferentes e poderem se comportar ora como Ds, ora como elementos dependentes (ϕ).” (CARVALHO, 2016, p. 8).

Para Carvalho (2016, p. 8), “[...] a presença de D, na forma de um determinante ou de um pronome pessoal, que carrega traços de determinantes, licencia a concordância.”, explicando, para ele, os seguintes casos:

- (143) *Boats are old, but I can't sell them

- (144) a. *Barco é velho, mas não posso vendê-lo

b. *Barcos são velhos, mas não posso vendê-los

(CARVALHO, 2016, p. 8)

A estrutura em (143) e as de (144) são bastante parecidas, pois não apresentam determinantes e não há possibilidade de ligação anafórica. O exemplo a seguir (145a), por outro lado, apresenta concordância, o que, segundo ele, seria resultado de presença de definitude, ao contrário de (145b) e (145c):

(145) a. As cervejas geladas são boas, mas não posso bebê-las

b. *Cervejas geladas é boa/é bom/são boas, mas não posso bebê-la/bebê-lo/bebê-las

c. Cerveja gelada é bom, mas não posso beber $\emptyset$

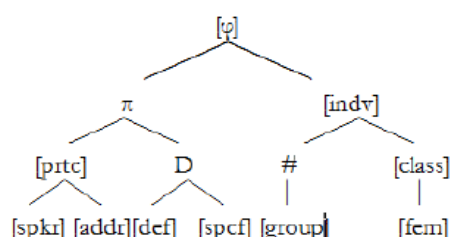
(CARVALHO, 2016, p. 8)

Para o autor, a ausência do determinante impede que o nome seja retomado por uma anáfora, como mostra (145b). (145c), por sua vez, “[...] permite uma marcação neutra, ou seja, não apresenta marcas de traços- ϕ em seus nominais, apesar de permitir um resgate anafórico genérico.” (CARVALHO, 2016, p. 8-9).

Com base em Preminger (op. cit.), Carvalho (2016) aponta o traço D – que Preminger (op. cit.) chama de ϕ – como responsável pela concordância- ϕ no DP, citando outros estudos que também não consideram que o “[...] gênero gramatical não é um primitivo dos nomes, mas sim um objeto de ordem funcional.” (CARVALHO, 2016, p. 9). Isso leva o autor “[...] a concluir que N não possui traços- ϕ valorados. Da mesma forma que número, gênero pode ou não ser marcado no predicado, dependendo da presença de um D especificado.” (CARVALHO, 2016, p. 9).

O autor propõe que, no PB, a estrutura de D⁰ é a seguinte:

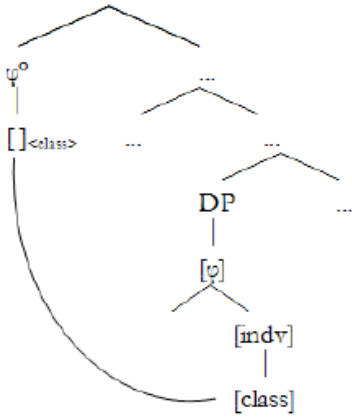
(146)



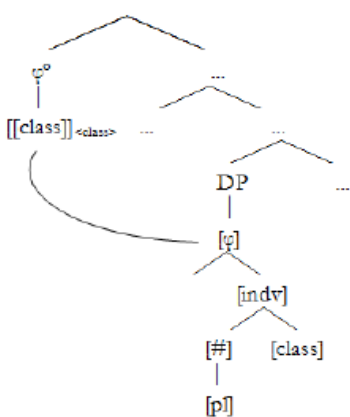
(CARVALHO, 2016, p. 9)

Resgatando a análise de Preminger (op. cit.), para Carvalho (2016), as construções trabalhadas por Foltran & Rodrigues (2013) possuem sujeitos sem camada D na hierarquia de traços. Ele propõe que, em ‘Maria bêbada é chato’, temos a construção (147a), e, em ‘Crianças é divertido’, temos a estrutura (147b):

(147) a.



b.



(CARVALHO, 2016, p. 10)

Apesar de a proposta ser interessante, ela não considera que é possível sujeito definido e falta de concordância e, como já mostramos, isso é possível no PB. Além do que, ela não explica as diferenças semânticas encontradas nos casos abaixo:

(148) Mulher é complicado

(149) Mostarda é amarelo

Além desses pontos, em relação à questão anafórica, apesar de o autor afirmar que, quando há determinante, é permitida a anáfora e, quando não há, não é permitida, ao testarmos, obtemos os seguintes resultados:

Tabela 8 – Construções anafóricas sem determinante na posição de sujeito			
Ausência de D, sujeito no plural e anáfora	Dado: Bananas maduras são boas, mas não posso comê-las		
	ok	*	?
	96,66%	0%	3,33%

	(29/30)	(0/30)	(1/30)
Ausência de D, sujeito no singular e anáfora	Dado: Cerveja gelada é bom, mas não posso bebê-la		
	ok	*	?
	86,66% (26/30)	6,66% (2/30)	6,66% (2/30)
	Dado: Água gelada é boa, mas não posso bebê-la		
	ok	*	?
	83,33% (25/30)	13,33% (4/30)	3,33% (1/30)

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos casos apresentados no quadro, mesmo com a ausência de D, a maioria dos falantes optou pela aceitabilidade de construções (96,66%, 86,66% e 83,33%), o que vai de encontro ao argumento do autor como uma possível evidência da influência do D na construção.

Pelas razões aqui apresentadas, consideramos que a proposta do autor não consegue explicar de maneira satisfatória o que ocorre no PB. No entanto, novamente, apontamos que, em contexto *out of the blue*, construções com determinantes são mais difíceis de serem consideradas aceitáveis, precisando de um contexto para justificar sua aceitabilidade.

4.9 BALANÇO DAS PROPOSTAS

Nesta seção, retomaremos, de forma sintética, as propostas gerativistas discutidas nas seções anteriores, tentando apontar as principais questões que foram levantadas, com intuito de deixar a apreciação de maneira sistemática, retomando o que, a nosso ver, deve ou não ser mantido em relação ao que já foi proposto pela literatura aqui trabalhada.

Para começar, apresentamos, a seguir, um quadro resumitivo das propostas discutidas nas seções anteriores deste capítulo:

QUADRO 6 – Síntese das propostas

Autor	Proposta
Faarlund (1977)	O sujeito é uma oração infinitiva oculta.
Enger (2004)	As sentenças panquecas são resultado de concordância semântica.
Josefsson (2009)	As sentenças panquecas são de dois tipos: Construção I e Construção II, ambas apresentando uma projeção funcional SemP, tendo como núcleo um traço neutro (que, no caso da Construção II, seleciona

	um vP como complemento).
Josefsson (2014)	As sentenças panquecas apresentam um ClassP.
Duek (2012)	As construções apresentam correspondência entre o tipo de gênero do nome e o padrão de concordância; essas construções possuem dois conjuntos de traços- ϕ diferentes (WECHSLER; ZLATIC, 2000) e, em alguns casos, ocorre a presença de NumP.
Danon (2012)	O sujeito não apresenta traços <i>INDEX</i> necessários para a concordância externa.
Foltran & Rodrigues (2013)	As sentenças panquecas são de dois tipos: SC como sujeito, ocorrendo concordância neutra e DP defectivo com falta de traços de concordância; o predicado (adjetivo predicativo) toma uma categoria semântica como argumento, ocasionando diferentes leituras a depender do tipo de adjetivo.
Rodrigues & Foltran (2014, 2015)	Os sujeitos são DPs defectivos com falta de traços de concordância, havendo dois conjuntos de traços- ϕ diferentes (com base no padrão de concordância interna e externa).
Conto (2016a)	Os adjetivos que ocorrem nas sentenças panquecas são avaliativos, sendo responsáveis pelas leituras de situação; há influência da pragmática.
Carvalho (2016)	O fenômeno envolve relativização de traços; o determinante é responsável pela concordância nas construções predicativas.

FONTE: Elaborado pela autora.

Reconhecemos que os trabalhos trazem sua contribuição aos estudos gerativistas em termos descritivos e teóricos. Assim, ao considerarmos os dados do PB, acreditamos que muitos pontos das propostas devem ser mantidos, mas as análises também apresentam algumas questões, assim como já tínhamos apontado. Há certas motivações e evidências empíricas contra certas questões (inclusive, alguns dados não foram contemplados pela literatura).

Em relação ao trabalho de Faarlund (1977), continuamos acreditando que sua proposta de um possível elemento verbal oculto na posição de sujeito parece ser interessante, mas não da forma como o autor defende e nem é algo que pode se estender a todas as construções sem concordância visível. Como foi possível perceber, o autor acaba desconsiderando construções que aparecem nas línguas escandinavas que não permitem paráfrase, o que constitui um problema em sua análise, pois não há como defender que, nessas construções, há um elemento verbal.

Como apontamos, os adjetivos com valor objetivo também são possíveis nas construções sem concordância visível entre o sujeito e o predicativo, não permitindo paráfrase com sujeito no infinitivo, como mostra o exemplo em (150), ao contrário de um adjetivo com valor subjetivo que permite paráfrase, como exemplificado em (151), indo de encontro ao que foi proposto pelo autor:

(150) a. Moeda é redondo

b. ***Usar/segurar**... moeda é redondo

(151) a. Mulher é complicado

b. **Esperar/brigar com/lidar com**... mulher é complicado

No que diz respeito ao trabalho de Enger (2004), apesar de a concordância semântica não explicar casos como, por exemplo, ‘vaca é sagrado’, o que faz com que consideremos que a sua análise não seria uma alternativa satisfatória para explicar o fenômeno, concordamos com o autor quanto à influência da pragmática, ao afirmar que certas construções precisam de contextos específicos para serem consideradas aceitáveis – no entanto, o autor não desenvolve nenhuma proposta nesse sentido. Além disso, como apontado por ele, a forma do verbo também pode indicar uma leitura de proposição (mesmo que nem sempre isso ocorra), e também concordamos que os adjetivos descritivos são possíveis em sentenças panquecas, como foi possível percebermos no PB.

É interessante pontuarmos, no entanto, que sua proposta de concordância semântica, a nosso ver, também não explica a diferença de leitura entre as construções panquecas que permitem adjetivo descritivo e as que não permitem, como nos dados a seguir, que seriam similares aos dados (150) e (151) do PB:

(152) Halm er gult

Straw-MASC is yellow-NEUT.SG

Canudo-MASC é amarelo-NEUT.SG (ENGER, 2004, p. 14)

(153) Pannekaker er fint

Pancakes-PL is fine-NEUT.SG

Panquecas-PL é bom-NEUT.SG (ENGER, 2004, p. 13)

Em relação ao trabalho de Josefsson (2009), estamos considerando que sua proposta de duas construções está de acordo com o que temos no PB, uma vez que podemos ter os dados em (150) e (151), e que parecem apresentar as mesmas características que as apontadas na língua que a autora analisa. (150), ao contrário de (151), não permite paráfrase com verbo no infinitivo, nem adjetivo atributivo na posição de sujeito ou elemento definido, nem paráfrase com um sintagma como ‘com’ (cf. QUADRO 5, p. 116) (que, a nosso ver, só é possível porque permite paráfrase com um infinitivo (151b)). Quando há a falta de concordância visível na Construção I, parece que há algo implícito, o que também foi indicado pelos falantes que responderam aos testes. Então é como se o sujeito não fosse o sujeito “completo” da construção.

Além disso, como a autora aponta, as duas construções têm sentidos diferentes. No entanto, no que diz respeito à estrutura que ela nomeia como Construção I, a concordância canônica faria com que ela se tornasse agramatical, o que não se aplica ao PB, pois podemos ter ‘mostarda é amarela’ ou ‘mostarda é amarelo’, sendo a opção com concordância visível a mais aceitável pelos falantes que responderam aos nossos testes. Além disso, o PB também apresenta construções como ‘ovelha é peludo’, que poderíamos considerar como Construção I, mas não tem leitura massiva, como ocorre nos dados que Josefsson (2009) apresenta.

Em Josefsson (2014), a autora propõe o ClassP como sujeito das construções panquecas (154), que estamos considerando que poderia se aplicar ao PB (155):

(154) ClassP

3

CLF.N NP/NbP/vP/SC

(JOSEFSSON, 2014, p. 70)

(155) ClassP

3

∅ vP(PP/SC)/DP/NP

O núcleo do ClassP é um classificador neutro que pode ou não ser realizado foneticamente, e, no caso do PB, estamos considerando que ele pode ter como complemento um vP (que poderia selecionar uma SC como ‘Maria bêbada é complicado’ ou um PP (‘com mulher é complicado’), um NP ou um DP (no caso do NbP, não sabemos se há necessidade de supor a existência dessa projeção).

Em relação ao vP, ele apareceria nas construções que podem ser parafraseadas com infinitivo (Construção II), supondo que isso ocorre porque haveria um elemento verbal nulo, com sentido recuperado pelo contexto. No entanto, não sabemos exatamente como isso ocorreria. O fato é que, conforme pudemos perceber, a pragmática tem um papel bastante importante no fenômeno. Então, em termos de formalização, é necessário pensar como ela atuaria.

No caso das construções do tipo I, apenas o NP seria possível, uma vez que ele não permite paráfrase com um elemento verbal (vP), não permite paráfrase com o sintagma ‘com’ (PP), não permite determinantes (DP) e não permite nomes e adjetivos atributivos na posição de sujeito (SC) (cf. QUADRO 5, p. 116).

No que diz respeito à proposta de Duek (2012), a autora só considera nomes nus, mas já foi apontado (com base nos testes) que o PB também apresenta outros tipos de sintagma como sujeito. Além disso, a distinção entre o tipo de gênero do nome não é relevante (RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, 2015). Nesse sentido, acreditamos que é desnecessária a presença de NumP para justificar a concordância de um nome com gênero arbitrário.

Em relação à proposta de Danon (2012), que defende que, no sujeito, faltam traços, justificando a falta de concordância e os efeitos semânticos observados, não teríamos como explicar o porquê de (156a) e (156b) terem a mesma leitura, indicando que ‘amarelo/a’ é uma propriedade do sujeito.

(156) a. Mostarda é amarelo

b. Mostarda é amarela

Em relação à proposta de Foltran & Rodrigues (2013) de que há dois tipos de construção com explicações diferentes, a nosso ver, os dados que elas apresentam parecem ser as mesmas construções, como argumentamos anteriormente. No entanto, de fato, o PB parece apresentar duas construções diferentes, mas não como o que foi proposto por Foltran & Rodrigues (2013), porque as construções

parecem ter as mesmas características. Além disso, verificamos que há uma limitação em relação aos dados, uma vez que elas consideram que sujeito definidos e indefinidos, por exemplo, não são permitidos. Em relação aos adjetivos, percebemos que até mesmo adjetivos que aparentam selecionar indivíduo também são possíveis em construções panquecas (156a), indo de encontro ao que foi proposto pelas autoras.

Ainda em relação aos adjetivos, uma questão que não tínhamos ainda levantado neste capítulo, mas que nos chamou atenção, diz respeito aos exemplos (157) que Rodrigues & Foltran (2014) apresentam, utilizando-os para justificar que a proposta de Enger (2004) é problemática, afirmando que os dados em (157) apresentam sujeitos na escala alta do *continuum*:

- (157) a. Vaca é sagrado
b. Cobra é perigoso

(RODRIGUES; FOLTRAN, 2014, p. 481)

Os exemplos acima parecem ser ambíguos, se referindo tanto a uma situação relacionada ao sujeito quanto a uma propriedade dele. Por causa de dados como esses e outros, realizamos um segundo teste, tendo como objetivo precípuo analisarmos se os falantes consideravam que há ambiguidade, mas verificamos que poucos colocaram mais de uma leitura. No entanto, acreditamos que é interessante realizarmos outros experimentos para verificarmos se, de fato, não há ambiguidade. O teste 2 ainda apontou um caso curioso que foi o fato de os falantes terem indicado leitura de propriedade atribuída ao sujeito mesmo em sentenças em que há falta de concordância visível, como mostra (158):

- (158) Água é bom (água é um líquido bom)

Em (158), é como se houvesse um elemento nulo na posição de predicado com o qual o adjetivo concorda. Nesse sentido, por hora, vamos assumir que a proposta de Josefsson (2009) de que há um elemento nulo na posição de sujeito é algo possível, mas é necessário investigar se haveria elemento implícito em outra posição.

No que diz respeito ao texto de Conto (2016a), concordamos com a autora ao considerar que a pragmática tem relevância nos dados do PB. No entanto, acreditamos que a pragmática, apesar de parecer relevante para a Construção II, não parece ser para a Construção I, ou seja, aquelas que não podem ter paráfrase com infinitivo, nem nomes definidos, nem adjetivos atributivos.

Além disso, apesar de trazermos argumentos contra a restrição de sujeitos definidos e adjetivos avaliativos, acreditamos que a distinção entre adjetivos descritivos e avaliativos é importante para as sentenças panquecas, uma vez que a Construção I só parece apresentar adjetivos descritivos (159a) e a Construção II só parece apresentar adjetivos avaliativos (159b).

(159) a. Moeda é **redondo**

b Mulher é **complicado**

Sobre o texto de Carvalho (2016), vemos que a proposta não se mantém, uma vez que o PB apresenta determinantes na posição de sujeito e, mesmo assim, há falta de concordância visível (mas, vale reiterar que, nesses casos com D, é necessário encontrar um contexto pragmático específico para que seja considerado aceitável).

Como pudemos perceber, parece não haver restrição em relação ao tipo de sujeito (com exceção do 'toda', que ainda será melhor investigado), mas a depender do contexto (uma vez que, por exemplo, sujeitos definidos, na Construção II, parecem ser mais bem aceitos em retomada de contexto, ao invés de contexto *out of the blue*) e do tipo de construção (se for uma Construção I, parece haver restrição). Isso parece indicar que a pragmática é relevante para o fenômeno (pelo menos, na Construção II).

Outro ponto não abordado pelos autores que merece destaque é o fato de que, quando temos verbos no plural, a concordância é obrigatória (160), sempre tendo como leitura a propriedade atribuída ao sujeito. A questão que colocamos é se faltam traços na cópula.

O verbo ser no plural no PB não permite leitura de situação. Portanto, não há falta de concordância (160a). Inclusive, não tem como ter interpretação de infinitivo (160b):

- (160) a. Meninas são complicadas/*Meninas são complicado(s)
 b. ***Lidar com...** meninas são complicadas

Em relação às construções do tipo I, é necessário investigar se há alguma restrição em relação ao tipo de adjetivo descritivo ou se há restrição em relação ao sujeito, uma vez que temos (161a), mas não temos (161b):

- (161) a. Mostarda é amarelo
 b. *Mulher é gordo¹⁵⁸

Nesse ponto que levantamos, achamos que uma possível hipótese é a influência da distinção de gênero arbitrário e natural nas construções que não apresentam concordância visível, mas o adjetivo ainda atribui uma propriedade ao sujeito (no caso, na Construção I). No entanto, além de ser necessário fazer essa investigação, é preciso pensar quais são os adjetivos possíveis nessas construções, considerando apenas que elas não podem apresentar adjetivos que selecionam situação/evento. Além dessa restrição, parece haver um grupo de adjetivos que não pode aparecer.

Portanto, de forma sucinta, as conclusões a que chegamos por meio da observação do comportamento das construções predicativas adjetivais no PB são:

- (i) O sujeito das construções panquecas no PB parece ser apenas aparente, no sentido de que parece haver um elemento nulo, em cada tipo de construção, com o qual o predicativo concorda;
- (ii) Parece haver duas estruturas diferentes no PB que apresentam falta de concordância visível: Construção I e Construção II (JOSEFSSON, 2009). No caso da Construção I, ao contrário da II, ela parece não permitir paráfrase com infinitivo (e, às vezes, paráfrase com o sintagma 'com'), sujeitos definidos e adjetivos atributivos;
- (iii) Parece haver influência da pragmática em algumas construções do tipo II, mas não do tipo I (as que não permitem paráfrase com o verbo);

¹⁵⁸ Dado de introspecção.

- (iv) Adjetivos descritivos são possíveis na Construção I e os adjetivos avaliativos são possíveis na Construção II.

4.10 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, discutimos textos da literatura gerativista sobre o fenômeno, verificando se as propostas conseguem apontar uma explicação satisfatória para o que ocorre no PB, chegando à conclusão de que, nas análises dos autores, apesar de considerarmos que alguns (ou muitos) pontos se encaixam no que ocorre na língua, há algumas inconsistências e/ou lacunas a serem preenchidas. Portanto, apresentamos os problemas que outros autores já haviam apontado, assim como os problemas que conseguimos perceber, mas que ainda não tinham sido levantados pela literatura aqui trabalhada, além de trazermos dados que ainda não tinham sido considerados pela literatura sobre o fenômeno no PB. Por fim, fizemos um resumo dos pontos principais, apontando possíveis caminhos que achamos pertinentes ao considerarmos o que foi analisado, indicando as conclusões a que chegamos com relação ao fenômeno no PB.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo principal investigar (descrever e analisar) as construções predicativas adjetivais com o verbo *ser* no PB no que diz respeito à falta de concordância de gênero visível entre o sujeito e seu predicativo, pois o PB, apesar de apresentar morfologia de gênero, permite construções sem concordância. Nesse sentido, acreditando que havia motivações para o uso das formas sem concordância morfológicamente visível, resolvemos descrever e analisar tais estruturas, nomeadas por parte da literatura gerativista de ‘sentenças panquecas’.

No capítulo 1 (seção 2), apresentamos a metodologia desta pesquisa e uma breve abordagem de pressupostos importantes dentro da Teoria Gerativa, que é a teoria tratada neste trabalho, focando em noções importantes para contribuir com a compreensão do que seria discutido em momentos posteriores da dissertação, como, por exemplo, a noção de traço. Além disso, por termos como objeto de estudo a concordância de gênero com a cópula *ser*, resolvemos dedicar um espaço à discussão acerca do gênero, focando nas suas peculiaridades no PB, e à discussão acerca da predicação, com ênfase nas sentenças copulares.

No capítulo 2 (seção 3), com base nos resultados dos testes de aceitabilidade que aplicamos, apresentamos um levantamento empírico de forma sistematizada, o que ainda não tinha sido feito pela literatura gerativista que toma como base o PB, sendo esta uma das justificativas da importância de termos desenvolvido esse levantamento.

Pudemos confirmar que há influência da pragmática, verificando que, a depender dela, há possibilidade de diferentes tipos de sujeito em sentenças panquecas, parecendo não haver restrições quanto a isso¹⁵⁹, ao contrário do que a literatura tem proposto. Também mostramos que o verbo copular no plural (‘são’) parece ter grande influência na realização da concordância de gênero visível. Verificamos, no entanto, que o tempo, por sua vez, não parece ter tanta influência como pensávamos.

Em relação aos adjetivos predicativos, percebemos que adjetivos descritivos podem ocorrer nessa posição, ao contrário do que aponta Conto (2016a), e não

¹⁵⁹ Nossa única exceção quanto aos sujeitos é o quantificador ‘toda’ (no singular, não no plural), que foi o único caso que não teve índice relevante de aceitabilidade nas sentenças panquecas. Nesse sentido, ele precisa ser melhor investigado, como já havíamos apontado.

indicam mudança de leitura em relação a uma construção com concordância visível entre o sujeito e o adjetivo predicativo, indo de encontro à ideia de Foltran & Rodrigues (2013) de que há diferença semântica quando ocorre ou não concordância visível. Ainda em relação ao trabalho dessas autoras, com os testes, pudemos verificar que há possibilidade de sujeito extraposto, contrariando o que é defendido por elas. Constatamos também que há possibilidade de ligação anafórica em sentenças panquecas, indo de encontro ao que defende Carvalho (2016).

Com base em nossa intuição, ainda colocamos uma questão não levantada pela literatura, que é a possível ambiguidade existente nessas construções. Portanto, resolvemos verificar, através do teste 2, se os falantes do PB também consideram haver ambiguidade. Os resultados apontaram que houve um índice baixo em relação à indicação de mais de uma leitura semântica, o que pode ter sido influenciado pela falta de mais informações no comando da questão. Nesse sentido, deixamos a questão em aberto, mas acreditamos que ainda é algo a ser investigado com mais cuidado.

O teste 2 ainda indicou uma questão não esperada por nós, que foi o fato de os resultados, mesmo com casos sem concordância visível, apresentarem altos índices de indicação de leitura relacionada à atribuição de propriedade ao sujeito, mesmo sendo casos que poderiam ser parafraseados por verbos no infinitivo. Acreditamos, no entanto, que é preciso haver mais testes e de outra natureza, provavelmente com contextos pragmáticos específicos (não *out of the blue*, como foi o caso do teste 2), a fim de verificarmos se os falantes ainda consideram que a construção indica que o adjetivo atribui uma propriedade/característica ao sujeito.

No capítulo 3 (seção 4), resolvemos contextualizar o leitor acerca do que tem sido proposto pela literatura em relação às sentenças panquecas, tanto no PB como em outras línguas, tentando estabelecer um diálogo entre os autores e verificando se esses estudos indicam caminhos plausíveis para explicar o que ocorre nas construções predicativas adjetivais que permitem falta de concordância visível no PB, e, ainda, analisar os resultados empíricos obtidos com os testes de aceitabilidade aplicados.

Com base no resultado dos testes, confirmamos, por exemplo, que a literatura ainda não tinha contemplado certos dados e apresentamos alguns argumentos contra certos pontos nas análises discutidas. No entanto, consideramos outros pontos que achamos relevante, como a possibilidade de haver dois tipos de

construção no PB (Construção I e Construção II), partindo do que foi proposto por Josefsson (2009, 2014) em relação às línguas escandinavas e também com base nos resultados dos testes.

Acreditamos que nossa pesquisa ainda precisa de um maior aprofundamento, mas esperamos que os novos dados e as novas questões apontadas aqui possam contribuir com o estudo sobre esse tema e, conseqüentemente, com a ampliação do nosso conhecimento acerca da sintaxe do PB.

REFERÊNCIAS

ADGER, David; SVENONIUS, Peter. **Features in Minimalist Syntax**. 2009.
Disponível em: <ling.auf.net/lingbuzz/000825/v1.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.

ADLI, Aria. **Gradedness and consistency in grammaticality judgments**. 2005.
Disponível em:
<https://amor.cms.hu-berlin.de/~adliaria/papers/Adli_LinguisticEvidence_2005.pdf>.
Acesso em: 02 jun. 2017.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Saraiva S/A, 1947.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de Lingüística Descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1982.

CARVALHO, Dannel. Algumas considerações sobre a morfossintaxe de gênero. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 47, p. 30-46, jan./jun. 2013.

_____. **Concordância de gênero e a sintaxe do DP em Português Brasileiro**.
Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/308077400_CONCORDANCIA_DE_GENERO_E_A_SINTAXE_DO_DP_EM_PORTUGUES_BRASILEIRO>. Acesso em: 03 maio 2016.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 21. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

_____. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 26. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

_____. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1957.

_____. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. **Language**, v. 35, n. 1, p. 48-63. 1959.

_____. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris publications, 1981.

_____. **A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior**. 1967. Disponível em: <https://chomsky.info/1967____/>. Acesso em: 29 jun. 2017.

_____. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. **Ken Hale: a life in language**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2001.

CIZESCKI, Fernanda. **No limiar entre a sintaxe e semântica**: indagações sobre a construção e a (in)definição da noção de gramaticalidade em Chomsky. 2013. 118 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CONTO, Luana de. The situation reading in copular sentences with agreement mismatch: a derivational problem. **Caderno de Squibs**, v. 2, n. 1, p. 31-40. 2016a.

_____. Interpretação de sentenças copulares com aparente falta de concordância: uma análise através de concordância de gênero semântico. **Revista da ABRALIN**, v.15, n.1, p. 161-193, jan./jun. 2016b.

CORBETT, Greville G. Grammatical Gender. In: Brown, Keith (ed.) **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006. p. 749-756.

_____. **Gender and noun classes**. 2007, p. 241-279. Disponível em: <http://www.academia.edu/6283093/Gender_and_Noun_Classes>. Acesso em: 13 maio 2017.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1976.

_____. **Gramática da língua portuguesa**. 12. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

DANON, Gabi. Nothing to Agree on? Non-agreeing subjects of copular clauses in Hebrew. **Acta Linguistica Hungarica**, v. 1-2, n. 59, p. 1-21. 2012.

DUARTE, Inês. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. 7 ed. Caminho: Lisboa, 2003, p. 507-548.

DUEK, Karen. **Bare nouns and gender agreement in Brazilian Portuguese**. Paper presented at CLS 48, April 19-21, 2012.

ENGER, Hans-Olav. Scandinavian pancake sentences as semantic agreement. **Journal of Linguistics**, v. 27, n.1, p. 5-34. 2004.

_____. Scandinavian pancake sentences revisited. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 36, p. 275-301. 2013.

FAARLUND, Jan Terje. Embedded clause reduction and Scandinavian gender agreement. **Journal of Linguistics**, v. 13, n. 2, p. 239–57, set. 1977.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MEDEIROS, Alessandro Boechat de. **Para conhecer morfologia**. São Paulo: Contexto, 2016.

FOLTRAN, Maria José; RODRIGUES, Patrícia. On denoting abstract entities. **Revista da Abralin**, v. 12, n. 1, 269-291, jan./jun. 2013.

JOSEFSSON, Gunlög. Pancakes and peas: on apparent disagreement and (null) light verbs in Swedish. **Nordic Journal of Linguistics**, v. 32, n. 01, p. 35-72. 2009.

_____. Pancake sentences and the semanticization of formal gender in Mainland Scandinavian. **Language Sciences**, v. 43, p. 62-76, 2014.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 127-140.

_____. Léxico e computações lexicais. In: FERRARI-NETO, José; SILVA, Cláudia Roberta Tavares (Org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LUCCHESI, Dante. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (orgs). **O Português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 295-318.

MAGALHAES, Telma Moreira Vianna. A valoração de traços de concordância dentro do DP. **D.E.L.T.A.**, v. 20, n.1, p. 149-170, 2004.

MARTIN, John W. **Gênero?** 1975. Disponível em: <<http://people.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/Genero.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

MEZARI, Meiry Peruchi. **A estrutura sintático-semântica do singular nu: o que a morfologia de gênero indica?** 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MÜLLER, Ana Lúcia. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. **D.E.L.T.A.**, v. 18, n.18, p. 287-308. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v18n2/v18n2a05.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

OLIVEIRA, Roberta Pires de; MEZARI, Meiry Peruchi. Os vários modos de ser nu: uma introdução. In: OLIVEIRA, Roberta Pires de; MEZARI, Meiry Peruchi (Org.).

Nominais nus: um olhar através das línguas. Campinas: Mercado das Letras, 2012. p. 7-26.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**: curso superior. 108. ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1957 [1926].

PEREIRA, Déreck Kássio Ferreira. A realização do artigo definido no Português falado na região do Sertão do Pajeú – PE. 2017. 204f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. (Coord.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RODRIGUES, Érica dos Santos; AUGUSTO, Marina Rosa Ana. Modelos formais de gramática: o programa minimalista vs. gramáticas baseadas em restrições – HPSG e LFG. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009.

RODRIGUES, Patrícia; FOLTRAN, Maria José. Concordância em construções copulares do Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 477-488, jan./ abr. 2014.

_____. Small Nominals in Brazilian Portuguese Copular Constructions. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 14, n. 1, p. 129-147. 2015.

ROY, Isabelle. **Nonverbal Predication**: copular sentences at the syntax-semantic interface. Reino Unido: Oxford University Press, 2013.

SEDRINS, Adeilson Pinheiro; SIQUEIRA, Alane Luma Santana. Traços-*phi*, estrutura interna do DP e concordância de número no Português Brasileiro. In: CARVALHO, Dannel (Org.). **Traços-PHI**: contribuições para a compreensão da gramática do Português. Salvador: EDUFBA, 2017.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A flexão nominal. In: SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística aplicada ao Português**: morfologia. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 47-55.

SIMIONI, Leonor. A concordância de numero no DP: propostas minimalistas. **Estudos Linguísticos**, v. 36, n. 1, p. 117-125. 2007.

SOUSA, Lílian Teixeira de. **Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no Português Brasileiro**. 2012. 272 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VILELA, Mário. Considerações gerais sobre o gênero. **Revista da Faculdade de Letras**, v. 1, p. 139-150. 1974.

VILLALVA, Alina. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da língua portuguesa**. 7 ed. Caminho: Lisboa, 2003, p. 917-938.

WECHSLER, Stephen. **The structure of Swedish pancakes**. 2011. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/wechslerpublications/presentations>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

APÊNDICE – TESTES DE ACEITABILIDADE

TESTES DE ACEITABILIDADE

Pesquisadora responsável:

Alane Luma Santana Siqueira (PPGL/UFPE-CNPq)

Orientador:

Prof. Marcelo Amorim Sibaldo (PPGL/UFPE)

TESTE 1

A seguir, apresentamos alguns contextos e quatro opções em cada um deles. Você deverá colocar (x) para a opção que se adéqua ao contexto dado. No caso de marcar (x) na letra 'c', comente se achar que há ou não diferença(s) no sentido dessas construções (se achar que há, por favor, explique qual(is) a(s) diferença(s)). No caso de marcar a letra 'd', explicita, por favor, que outra forma seria mais adequada para o contexto.

Observações:

- (i) Esta pesquisa não se trata de verificar se você escreve bem ou se suas respostas estão corretas.
- (ii) Considere que uma sentença é aceitável por ser produzida no Português Brasileiro, independentemente de estar ou não de acordo com a Gramática Tradicional.
- (iii) Não peça auxílio à outra pessoa. Utilize apenas a sua intuição como falante nativo.

1. Fábio está precisando de uma pessoa para ajudá-lo a fazer um trabalho da faculdade e pensa na possibilidade de chamar Maria. João, no entanto, diz a ele:
 - a. ☐ Maria é complicado
 - b. ☐ Maria é complicada
 - c. ☐ As duas alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

2. Maria pergunta a Ana: “Ana, o que é divertido?”. Ana responde:
 - a. ☐ Crianças pequenas
 - b. ☐ Crianças pequenos
 - c. ☐ As duas alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

3. Fábria está conversando com sua amiga Luciana sobre possíveis profissões que ela poderia trabalhar, mas Fábria diz:
 - a. ☐ Secretária é chato
 - b. ☐ Secretária é chata
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

4. João e Maria estão conversando sobre pessoas e atividades que eles consideram divertidas. Em um determinado momento, um deles diz:
 - a. ☐ É divertido crianças pequenas
 - b. ☐ É divertida crianças pequenas
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

5. Pedro está esperando Patrícia terminar de se arrumar, mas começa a reclamar pela espera, dizendo:
 - a. ☐ Menina vaidosa é chato
 - b. ☐ Menina vaidosa é chata
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

6. Dois idosos estão organizando uma mudança e um deles afirma que está preocupado por ter apenas três pessoas para ajudá-los. Um deles afirma:
- a. ☐ É complicado três pessoas
 - b. ☐ É complicada três pessoas
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
7. Dois amigos estão conversando sobre características das mulheres. Um deles diz:
- a. ☐ Mulher é fresco
 - b. ☐ Mulher é fresca
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
8. Maria pergunta para Joana: “Joana, o que é ridículo?”. Joana responde:
- a. ☐ Aquelas meninas malvadas
 - b. ☐ Aquela menina malvada
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
9. Pedro está querendo sair com uma mulher, que ele não conhece direito, mas sabe que é irmã do seu melhor amigo e fala para seu primo:
- a. ☐ Ela é complicado
 - b. ☐ Ela é complicada
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
10. Talita está conversando com sua mãe sobre como está sendo difícil lidar com sua filha. Sua mãe diz para ela:
- a. ☐ Toda menina é complicado
 - b. ☐ Toda menina é complicada
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

11. Carlos gosta muito de comer e acaba comendo muita farofa, mas João diz para Carlos:
- a. ☐ Muita farofa é enjoativo
 - b. ☐ Muita farofa é enjoativa
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
12. Dois amigos estão na feira e um deles começa a comentar sobre o preço da banana. Um deles diz:
- a. ☐ Muita banana é caro
 - b. ☐ Muita banana é cara
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
13. Mariana está conversando com sua amiga sobre pessoas com quem ela não gosta de passar o tempo. Ela diz:
- a. ☐ Meninas é cansativo
 - b. ☐ Meninas é cansativa
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
14. Duas amigas estão discutindo sobre as características da moeda. Uma delas diz:
- a. ☐ Moeda é redondo
 - b. ☐ Moeda é redonda
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
15. Dois colegas estão comentando sobre coisas que consideram chatas. Um deles diz:
- a. ☐ É chato menina vaidosa
 - b. ☐ É chata menina vaidosa
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

16. Maria resolve ajudar seu filho com a tarefa de casa. Ele diz que a professora quer que os alunos falem sobre como é uma ovelha. A mãe começa a listar, dizendo primeiro:
- a. ☐ Ovelha é peludo
 - b. ☐ Ovelha é peluda
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
17. Júnior fala para Henrique que está com sede e que gostaria de beber alguma coisa. Henrique também afirma que está com sede e diz para Júnior:
- a. ☐ Uma cerveja seria ótimo
 - b. ☐ Uma cerveja seria ótima
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
18. Uma gata passa na rua e um menino fala para outro:
- a. ☐ Aquela gata é peludo
 - b. ☐ Aquela gata é peluda
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
19. Sabrina fala para sua amiga que gosta bastante de brincar com crianças e sua amiga fala:
- a. ☐ Elas pequenas é divertido
 - b. ☐ Elas pequenas é divertida
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
20. João pergunta a Maria sobre alguma característica da mostarda. Ela responde:
- a. ☐ Mostarda é amarelo
 - b. ☐ Mostarda é amarela
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

21. Afonso começa a desabafar com seu filho mais velho sobre como é difícil lidar com sua esposa, afirmando que ela vive reclamando de tudo. Seu filho diz:
- a. ☐ É complicado mulher
 - b. ☐ É complicada mulher
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
22. Sérgio foi ao zoológico pela primeira vez com seu filho. Ao chegarem lá, o filho vê uma onça e diz para o pai:
- a. ☐ A onça é peludo
 - b. ☐ A onça é peluda
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
23. Duas amigas resolvem passar o sábado na praia, mas, ao chegarem, uma delas afirma que não foi uma boa ideia ter ido para lá e diz:
- a. ☐ Praia é chei(o) de gente
 - b. ☐ Praia é cheia de gente
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
24. Hugo diz para a sua irmã que adora brincar com crianças. Sua irmã pergunta:
- a. ☐ Crianças, quando que isso é divertido?
 - b. ☐ Crianças, quando que ela é divertida?
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
25. Felipe chega da festa com sua namorada Carol e liga para o seu pai dizendo que ela havia bebido muito e que ele tinha se chateado. Ele diz ao pai:
- a. ☐ Ela bêbada é nojento
 - b. ☐ Ela bêbada é nojenta
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

26. Miguel quer comprar uma boneca para sua filha de três anos e vai até uma loja de brinquedos. Chegando lá, a vendedora pergunta se ele tem alguma preferência e ele diz que quer comprar uma boneca grande. Ao ver uma boneca do tamanho da sua filha, aponta para ela e diz:
- a. ☐ Aquela boneca seria bom
 - b. ☐ Aquela boneca seria boa
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
27. Uma mãe começa a observar sua filha estudando e fala para o pai de sua filha:
- a. ☐ Ela estudando é lindo
 - b. ☐ Ela estudando é linda
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
28. Pedro começa a discutir com seu namorado sobre a compra que ele fez no supermercado, afirmando que ele havia gastado muito dinheiro. Seu namorado diz:
- a. ☐ Comida já foi barato
 - b. ☐ Comida já foi barata
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
29. João está recebendo alguns amigos na casa nova e um deles elogia o estilo da porta. João afirma:
- a. ☐ A porta seria quadrado
 - b. ☐ A porta seria quadrada
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

30. Em um determinado teste, após todas as candidatas terem realizado sua entrevista, Joana, que estava na banca de avaliação, pergunta aos demais qual candidata eles prefeririam e eles dizem que escolheriam a mais nova. Joana diz:
- a. () A adolescente é ridículo
 - b. () A adolescente é ridícula
 - c. () As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. () Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
31. Uma menina está fazendo 15 anos e quer que sua mãe contrate alguém para ornamentar sua festa. Sua mãe, no entanto, só conhece uma pessoa que faz isso, mas considera que ela é uma pessoa muito requisitada. Ela afirma para sua filha:
- a. () Uma mulher que eu conheço é complicado
 - b. () Uma mulher que eu conheço é complicada
 - c. () As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. () Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
32. Dois colegas estão discutindo as diferenças entre as meninas e os meninos. Um deles afirma:
- a. () Meninas são divertido
 - b. () Meninas são divertidas
 - c. () As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. () Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
33. Eduarda está um pouco decepcionada após ter dado sua primeira aula na alfabetização. Para consolar sua filha, Suzana diz:
- a. () É crianças pequenas que é chato
 - b. () É crianças pequenas que é chata
 - c. () As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. () Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

34. Em uma conversa entre amigos sobre como algumas coisas eram antigamente, um deles aponta:
- a. ☐ Passagem de ônibus era caro
 - b. ☐ Passagem de ônibus era cara
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
35. Bruno chama sua esposa para conversar e comenta que gostaria de ter um filho. Ela diz:
- a. ☐ Uma criança é bom
 - b. ☐ Uma criança é boa
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
36. Caio diz para João como beijar sua nova namorada é ruim. João diz:
- a. ☐ Minha mulher é bom
 - b. ☐ Minha mulher é boa
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
37. A mãe de José quer fazer uma festa, mas não gostaria de convidar muitas pessoas. José afirma:
- a. ☐ Poucas pessoas é complicado
 - b. ☐ Poucas pessoas é complicada
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
38. Fabiana está querendo fazer um churrasco e quer comprar carne bovina, carne de porco, entre outros tipos. Seu esposo reclama do preço e diz:
- a. ☐ Várias carnes é complicado
 - b. ☐ Várias carnes são complicadas
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

39. Em um concurso de beleza, a maioria dos jurados escolheu uma determinada menina. No outro dia, um dos jurados reclamou, afirmando:
- a. ☐ Aquela menina foi ridículo
 - b. ☐ Aquela menina foi ridícula
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
40. Duas professoras querem levar seus alunos para brincar no parque e uma comenta:
- a. ☐ Todas as crianças é divertido
 - b. ☐ Todas as crianças é divertida
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
41. Uns amigos decidem viajar e um deles sugere que todos levem suas namoradas, mas outro diz:
- a. ☐ As mulheres todas é complicado
 - b. ☐ As mulheres todas é complicada
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
42. Um casal pretende adotar uma menina e um menino. Entretanto, a pessoa responsável por essas crianças afirma:
- a. ☐ A menina é complicado
 - b. ☐ A menina é complicada
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
43. Depois de ter ido a uma festa de uma criança, Ana comenta com Paula como comemorações que envolvem criança são boas. Paula diz:
- a. ☐ É criança pequena que é divertido
 - b. ☐ É criança pequena que é divertida
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

44. Michael está conversando com Paula sobre o porquê de gostar de ovelhas. Ele diz:
- a. ☐ Ovelhas são peludo(s)
 - b. ☐ Ovelhas são peludas
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
45. Manoela está falando com sua prima sobre sua nova namorada e diz:
- a. ☐ Ela é vaidoso
 - b. ☐ Ela é vaidosa
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
46. Luciano está pensando em quem ele poderia escolher para ser sua madrinha de casamento e conta para sua noiva que pretende chamar sua tia por parte de pai. Sua noiva diz:
- a. ☐ Tua tia é ótimo
 - b. ☐ Tua tia é ótima
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
47. No mundo, existem vários tipos de mostarda. Fábia diz para João:
- a. ☐ Mostarda comum é amarelo
 - b. ☐ Mostarda comum é amarela
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
48. Pedro trabalha com lotação e precisa colocar duas pessoas na cabine do carro, mas o carro é pequeno e as pessoas são grandes. Ele diz:
- a. ☐ A moça e a senhora é complicado
 - b. ☐ A moça e a senhora são complicadas
 - c. ☐ As alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto
 - d. ☐ Nenhuma das alternativas anteriores são aceitáveis para o contexto

TESTE 2

A seguir, você deverá colocar (**ok**) se considerar que é uma construção produzida no PB; (*) se considerar que ela não é produzida e (?) se você tiver dúvida se poderia ou não ser produzida. No caso de considerá-la boa, isto é, aceitável, explique a(s) leitura(s) possível(is).

1. () Água é bom
2. () Bananas maduras são boas, mas não posso comê-las
3. () Mulher é complicado
4. () Panqueca é gostoso
5. () Toda menina adolescente é chato
6. () É divertido crianças pequenas
7. () Pimenta é bom
8. () Pouca panqueca é prático, muitas, nem tanto
9. () Passagem de ônibus era barato
10. () A carne de porco foi bom
11. () Comida já foi barato
12. () Cobra é perigoso
13. () A criança é divertido
14. () Secretária é chato

- 15. () É divertido crianças
- 16. () É boa água
- 17. () Gata é peludo
- 18. () Essa tia é complicado
- 19. () A menina é ridículo
- 20. () Ela estudando é lindo
- 21. () Passagem de ônibus era caro
- 22. () Cerveja gelada é bom, mas não posso bebê-la
- 23. () Mostarda é amarelo
- 24. () Uma coca-cola seria ótimo
- 25. () A pimenta é bom
- 26. () Cerveja fria é bom, mas não posso bebê-lo
- 27. () Água gelada é boa, mas não posso bebê-la
- 28. () É necessária paciência